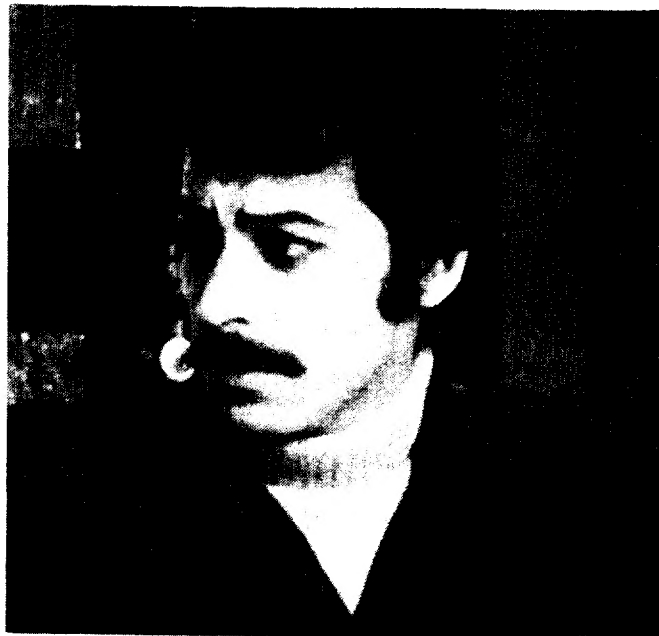


Vinte e quatro anos, mãe de três filhos Jovem empregada tenta suicídio após "interrogatório" patronal

Sujeita a um interrogatório policial por parte do seu patrão, durante o qual foi alvo, pelo menos, de forte coacção psicológica, uma jovem trabalhadora — 24 anos, mãe de três filhos — foi levada a assinar uma declaração contra o seu companheiro, que com ela trabalha na mesma firma. Depois ingeriu 90 comprimidos e no hospital de S. José, onde se encontra em coma, ninguém sabe se sobreviverá. Chama-se Maria Luísa Tavares e o seu companheiro, João Peralta, conta ao «DL» como tudo se passou.



Maria Luísa Tavares



João Peralta

Pág. 24

Hoteleiros querem "bica" a 12,5 escudos

Pág. 10

Hoje há



O filme «A Árvore dos tamanhos», os «sofrimentos» dos transexuais e a história recente do teatro português são os temas dominantes do Sete Ponto Sete que hoje publicamos e que inclui ainda, além das rubricas habituais, um texto relativo à recuperação arquitectónica de uma importante praça de Berlim destruída durante a Segunda Guerra Mundial.

Conselho de Ministros

Empresas públicas em foco

Questões relacionadas com a Comunicação Social estatizada, política fiscal, substituições e nomeações de governadores civis e situação e gestão das empresas públicas deverão ser analisadas, neste fim-de-semana, pelo Conselho de Ministros, durante a longa reunião permanente prevista para hoje e amanhã.

Segundo fontes governamentais, não deverá ser abordada no plenário a política de subsídios

aos preços de bens essenciais, já que não está ainda decidida a continuidade do sistema de subsídios designado por Cabaz das Compras, subsistindo a dúvida quanto ao papel do Fundo de Abastecimento no financiamento de alguns produtos de primeira necessidade. Uma parte do Executivo parece, com efeito, sustentar a tese de que os preços desses produtos deverão ser protegidos pelo Orçamento Geral do Estado, ficando o

Fundo de Abastecimento exclusivamente ligado à economia energética.

Isto significa que os recentes aumentos de combustíveis não irão implicar a libertação de excedentes financeiros para o subsídio de bens essenciais.

Quanto ao prometido desagravamento de impostos é coisa que ainda não se vislumbra no horizonte do Executivo, o qual, só no próximo dia 9 de Fevereiro, irá debruçar-se sobre o «Pacote

financeiro» e estudar algumas medidas compensatórias, que muitos consideram inviáveis, para a elavação de preços de certos bens essenciais, entre os quais os combustíveis.

Fontes governamentais admittiram, entretanto, que também pudesse ser debatida, na reunião deste fim-de-semana, a situação laboral das empresas públicas, particularmente no que diz respeito às convenções colectivas de trabalho.



Banda desenhada

TERMINADA a série «Memórias de um eléctrico do Carmo», a banda desenhada prossegue hoje a sua aventura em três páginas do «Diário de Lisboa»: as 19, 20 e 21. O fantasma espanhol continua a ajudar os nacionalistas dos Países Baixos na sua luta contra as tropas do Duque de Alba, e Blake e Mortimer estão cada vez mais envolvidos no caso da Grande Pirâmide.

Depois da morte de seis polícias

Brigadas antiterroristas enviadas para o País Basco

Pág. 13

Guatemala

Camponeses mortos na Embaixada vão hoje a enterrar

Pág. 14

CGTP sugere acções de massas contra Governo

Pág. 24

UCP's e Cooperativas paralisam terça-feira

Pág. 5



Pedro
Osório
grande
triunfador
de ontem
à noite

Pág. 17

O Afeganistão visto de cá

ESTIVE no Verão passado no Afeganistão revolucionário da presidência de Taraki: um Agosto de luz, de esperança, de entusiasmo inesquecível; colheu-me de surpresa, já em Lisboa, a notícia do golpe, então pouco claro, que elevou Amin ao poder; agora assisto, de cá, à fabulosa encenação do imperialismo contra o Afeganistão dirigido por Babrak Karmal, campanha muito habilmente montada em torno de uma «invasão» soviética, que não existe como invasão. Uma coisa eu sei: que vi a face da Revolução de Abril — as grandes manifestações e câmbios, os lagos artificiais que transformaram o planalto desértico, as férteis cooperativas agrícolas entre Jalalabad e Torkham. Essa região fronteiriça, que visitei, era alvo constante dos ataques vindos do Paquistão, com objectivos muito precisos: sabotagens, destruição de estruturas económicas, culturais e de saúde (escolas e hospitais, por exemplo).

Invasão, se de invasão quisermos absolutamente falar, houve de facto mas foi a partir da fronteira do Paquistão que ela se iniciou e com o estímulo e apoio material dos Estados Unidos e da China. Vivemos num período de grandes dificuldades para o sistema capitalista, que não consegue já encontrar respa

nica para as dificuldades cada vez maiores da crise com que se debate. O resultado desse desespero, dessa agonia à vista é o reforço da escalada anti-comunista, que lança mão de todos os pretextos e que, inegavelmente, dá os seus frutos. Basta considerar que há personalidades e forças progressistas a quem o arruado confunde a ponto de tomarem posições precipitadas, sem profundo conhecimento de causa.

Não quer isto dizer que eu possa considerar-me perfeitamente elucidado sobre o complexo processo político afegão. Compreendi (como Ramesh Chandra, como Eduardo Gallegos, como Henry Luque Muñoz, como Guy Pin, como Jean du Bosch e tantos outros companheiros ligados ao Conselho Mundial da Paz) que a consolidação da Revolução Afegã era difícil porque a classe feudal esburgada dos seus imensos domínios, os grandes argentarios e outros descontentes da burguesia, que se haviam refugiado no Paquistão, constituíram uma grande frente revanchista, que agitava, com sentido da oportunidade, a bandeira do islamismo, contrapondo-o ao marxismo, que (valerá ainda a pena repeti-lo) não lhe é hostil senão que precisamente visa, através do incessante desenvolvimento científico e do con-

trol dos meios de produção pelos trabalhadores, estabelecer as relações de verdadeira liberdade entre os homens que a religião muçulmana se propõe realizar. É bem notório que no Paquistão como no Egipto, cujos governos têm estado na primeira fila do ataque ao Afeganistão revolucionário e à União Soviética, não há justiça social mas defesa dos privilégios, não há liberdade mas arbitrariedade e prisões políticas.

Esta reflexão reconduz-me à enigmática figura de Haffizulah Amin, aquele sorriso permanente, muito branco, num rosto, que tanto podia ser máscara de sedução como indício de vontade de poder. Nas ocasiões em que com ele falei, reconheço que estava bem longe de prever a violência que, poucas semanas depois, ele iria desencadear em Kabul. Saltava apenas aos meus olhos e aos dos meus companheiros que entre ele e Noor Mohamed Taraki não devia haver perfeito entendimento. Para Giancarlo Lanussi, correspondente de L'Unità, Amin teria o estófo de «um homem forte» expressão que na sua boca ganhava uma conotação francamente negativa.

Ainda hoje não consigo (a História o fará) situar e explicar, sem hesitações, o «intervalo Amin» no

curso da Revolução Afegã. Quem foi este homem, este professor universitário culto e inteligente, de fisionomia inquietante? Um traidor relacionado com a CIA, como alguns hoje o apresentam, ou apenas um chefe com avidez de mando e disposto, para caminhar depressa (erro imperdoável) a substituir a democracia proletária por uma ditadura sobre o proletariado?

Quem quer que fosse, na realidade, Haffizulah Amin, que já pagou com a vida os seus erros e crimes, entre os quais o assassínio de Taraki, o certo é que o tipo de perversão do socialismo que ele orientou e praticou (semelhante nalguns aspectos ao do Kampuchea, aquando do regime de Pol Pot) não se pode aceitar nos dias de hoje. Provaram-no, aliás, as forças armadas e o povo do Afeganistão, ao derubarem-no, para constituir, na unidade e no respeito da dignidade humana, a frente revolucionária que apoia Babrak Karmal.

Com tudo isto, no entanto, algo de mais importante do que Taraki, Amin, Karmal, tem resistido a tudo, porque está no coração das massas trabalhadoras: a marcha da Revolução.

Quanto ao direito de a União Soviética acudir ao apelo do Afeganistão em

Urbano Tavares Rodrigues

perigo (não decerto por causa da «mascarada» da guerrilha, que tão enfatizada tem sido, mas pela ameaça efectiva das tropas com armamento sofisticado que transpõem a fronteira do Paquistão), não admitir esse direito seria entregar de mão beijada ao ogo do imperialismo toda a jovem experiência socialista, seria repetir o lancinante abandono dos democratas e dos revolucionários que o fascismo internacional esmagou em Espanha, nos anos 30, seria negar de uma vez a solidariedade proletária. A U.R.S.S. não iludiu essa solidariedade: cumprindo um pacto de mútuo auxílio, cultural, económico e militar, cumpriu também um dever histórico, contra ventos e marés que a seu tempo se dissiparão, deixando ver a razão onde ela se encontra.

A campanha amplamente orquestrada nestas semanas contra a União Soviética fere muito, entre nós, a tecla dos direitos humanos — e essa é uma questão delicada e perturbante, porque sempre foi, ao longo dos tempos, a esquerda, e nunca a direita (excepto pontualmente e por tática) quem se bateu pelos direitos humanos. Vivemos num mundo dilacerado por antagonismos

tão agudos que seria difícil apontar um só país onde, nestes últimos anos, eles não tenham sido alguma vez ofendidos.

O que pessoalmente me indigna — até porque há muito fiz minha norma de vida a luta pelas liberdades reais e pelos direitos humanos — é observar que, de entre os grandes acusadores da União Soviética, que o são ao ponto de quererem alterar relações políticas, económicas e culturais só vantajosas para a nossa Pátria, nem uma só voz se ergueu para protestar contra o espantamento do trabalhador alentejano Leonal Ascensão, de Vale de Varcos, fustigado por um oficial da G.N.R. que o forçou a pôr as mãos no chão como um bicho, ou contra o tratamento infligido a dois corticeiros de Grândola (Jaime Romero e Vítor Romero), que foram espancados pela polícia, segundo testemunhos recolhidos num e noutro caso por vários jornais, que deles deram notícia.

Será que os trabalhadores manuais não têm direitos humanos, que só os intelectuais os possuem? Que sentido da justiça e da dignidade humana será o daqueles que aceitam, cobrem, incitam ou vão mesmo ao ponto de glorificar, com a sua atitude, acções desta natureza?!

Portugal visto de fora

DIE WELT
UNABHÄNGIGE TAGESZEITUNG FÜR DEUTSCHLAND

THE TIME

EL PAIS

Síntese

Passado o mês de Janeiro, podemos já verificar algumas constantes nas observações feitas sobre Portugal pela imprensa estrangeira no decurso deste ano de 1980.

A viragem iniciada na política externa portuguesa pelo Governo de Sá Carneiro é acentuada por todos os países da Comunidade Europeia.

O pronunciado alinhamento «europeu e atlântico» do novo Governo português, acompanhado das posições marcadas anti-soviéticas por parte do chefe da diplomacia, Freitas do Amaral, e das declarações e propaganda anticomunistas por parte da nova maioria parlamentar, e dos partidos que a constituem, são registados pelas imprensas espanhola, francesa e alemã. No caso espanhol, exceptuando a imprensa de extrema-direita, todos os jornais se revelam surpreendidos com as posições evidenciadas pelo executivo português relativamente à crise internacional.

Na perspectiva económico-financeira, complementar do actual panorama das orientações do Governo Sá Carneiro, o «Financial Times» vai observando as alterações que se processam em Portugal, nos sectores da indústria e da banca.

A nível das movimentações políticas, militares e partidárias, são particularmente significativas as abordagens feitas pelos jornais franceses e espanhóis. Sempre atentos aos conflitos existentes no seio do poder, os observadores políticos destacam, nomeadamente, as declarações do novo comandante da Região Militar do Sul, as tensões entre a presidência da República e o Governo a propósito da condução da política externa, os conflitos latentes entre o Governo e o Conselho da Revolução, salientando igualmente as tendências que se esboçam nas relações de força nos domínios político-partidário e político-social.

Um editorialista de «El País» afirma que os protagonistas da mais grave crise internacional desde a Segunda Guerra Mundial são os Estados Unidos e a Rússia. «Mas — acrescenta —, nesta ocasião, existe um terceiro e importante personagem — que, por um lado, é a causa da crise e, por outro, começa a apresentar-se como verdadeiro protagonista no desenvolvimento dos acontecimentos: o Islão. Esse complexo e variado mundo islâmico está a adquirir uma força singular por duas razões: a vitalidade das suas crenças religiosas, num mundo materialista e céptico, e a posse de uma percentagem importante da fonte de energia que maior significado tem neste momento no mundo: o petróleo». Depois de fazer algumas reflexões sobre as causas e o alcance da crise internacional, na qual a tensão desencadeada no Médio Oriente, pri-

meiro pelo problema palestino, em seguida pela revolução iraniana e, finalmente, pela intervenção soviética no Afeganistão poderá levar a um terceiro conflito mundial, o editorialista sublinha que «o Ocidente deve ver claramente o caminho para a paz: trata-se de reconhecer a importância e singularidade do mundo islâmico como tal, e negociar com ele em vez de tentar colonizá-lo, ou ser beligerante contra ele neste problema crucial que é o território palestino». E conclui: «Penso que do triplo enfrentamento entre a Rússia, os Estados Unidos e o Islão, este último será o vencedor se se quiser evitar a guerra». (29.1).

Por sua vez, «Le Monde» regista, também em editorial, a eleição de Bani Sadr para a presidência da República Islâmica do Irão, no momento da doença de Komeini, salientando a dureza das suas posições, quer em

relação aos americanos, quer para com os russos, contra os quais pretende armar o povo afegão. Afirma que «o futuro presidente, que condenou de imediato a 'imoralidade' da existência de reféns em terras do Islão, procurará — sem querer dar a impressão de estar apressado — um acordo com os Estados Unidos». Em seguida, comenta: «Deste modo, não será suspeito de união com um 'imperialismo' que sempre condenou e que hoje coloca, em nome da independência nacional, no mesmo plano que a 'ameaça' soviética». (29.1).

Por outro lado, um correspondente de «Le Matin» em Bruxelas assinala que «negociantes europeus se preparam para vender 500 000 toneladas de trigo à União Soviética». Depois de indicar que a CEE nada pode fazer contra as transacções de trigo, que se fundamentam em certifi-

cados concedidos antes de serem tomadas as medidas de suspensão de vendas no mercado soviético, o articulista afirma que «esta manobra dos negociantes europeus reflecte o estado de 'guerra' que reina no comércio internacional desde que os Estados Unidos ficaram com 17 milhões de toneladas de cereais, que decidiram não vender à União Soviética». Salienta ainda que os americanos, ao aumentar consideravelmente a sua «ajuda alimentar», estão em vias de ocupar o lugar da CEE em certos mercados tradicionalmente compradores de cereais europeus, como o Egipto e Marrocos (23.1).

É neste mundo que Portugal se integra e reflecte. As imagens seguintes são referências que permitem situar Portugal no contexto da actual crise internacional.

TRIUNFO

Sá Carneiro: A Rússia é culpada.

Sá Carneiro chamou para consultas o embaixador de Portugal em Moscovo, como protesto pela intervenção soviética no Afeganistão. A sua preocupação pelo longínquo Afeganistão surpreendeu todo o mundo: nenhum outro país tomou uma medida semelhante, nem mesmo os Estados Unidos. Por trás deste gesto cómico e enfático há muita mais coisa. Há uma maneira de despeitar ainda mais o presidente Eanes, cuja política externa era mais equilibrada e, sobretudo, uma maneira de iniciar a guerra-fria no seu próprio país, criando uma tensão, através dos temas internacionais, que o leve a proclamar que o PCP é «obediente a uma potência estrangeira». Permite-lhe igualmente entrar em conflito com o a esquerda anti-americana. Ao mesmo tempo, consegue, por uma via insólita, a retirada do embaixador soviético, pessoa conhecida e respeitada pelos meios da esquerda em Portugal e de grande actividade diplomática.

Com tudo isto, faz sucesso junto dos Estados Unidos e da OTAN.

Embora com todos esses propósitos, o ridículo do gesto persiste. (Eduardo Haro Tecglén, 12.1)

ABC

A CEE antecipa empréstimos a Portugal

O Conselho de Ministros da CEE decidiu antecipar de dois anos a aplicação do programa de empréstimos a Portugal. A totali-

dade das concessões financeiras da CEE será posta à disposição de Portugal antes de 31 de Outubro de 1981. O protocolo aprovado em 1976 contempla a ajuda bancária e projectos de investimento no país (20.1).

FINANCIAL TIMES

Banco de Portugal muda estratégia

Espera-se que a nomeação de Jacinto Nunes, ex-ministro das Finanças, para governador do Banco de Portugal conduza a alterações nas relações entre o Banco e o Governo, particularmente em relação à gestão da economia.

Jacinto Nunes substituiu José da Silva Lopes, que se demitiu no dia 22, em parte por razões pessoais, em parte porque pretende abandonar a administração bancária e regressar à gestão financeira.

José da Silva Lopes, e metade da sua administração, recusou-se a aceitar as medidas propostas pelo Governo de Maria Lurdes Pintasilgo — redução de 1% da taxa de empréstimo mínima e introdução de um pacote de medidas sociais de última hora — e ameaçou demitir-se no caso de ser forçado a aceitá-las, vindo o Governo a renunciar posteriormente às referidas medidas (Jimmy Burns, 24.1).

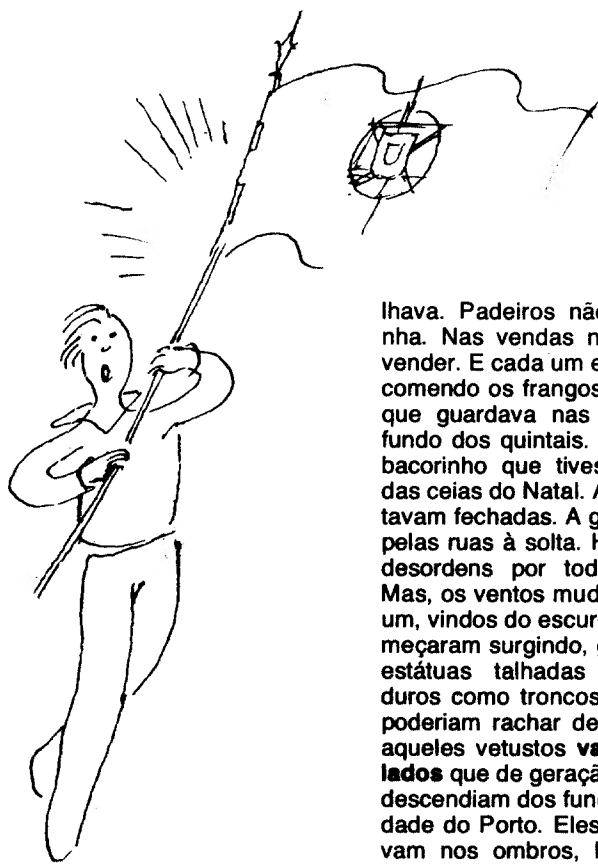
ABC

Duros ataques à amnistia militar em Portugal

A amnistia para os delitos políticos cometidos por militares readquire actualidade com as declarações do brigadeiro

Continua na pag. 4

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910



18.º CAPÍTULO

Ainda na capital do Norte

QUANDO ao chegar ao Porto, conforme foi narrado no capítulo anterior, verifiquei, surpreso, que estava diante de uma monarquia que tinha sido implantada na véspera, é certo que vacilei; mas, obedecendo ao meu natural instinto de curiosidade, disse para mim mesmo: — Espera aí, não te esqueças de que vieste como repórter, e não como carbonário. É, pois, como repórter que tens de agir! — Concordei, e fui em frente. Pouco depois deu-se o meu encontro com Lia, revelando-me mais uma faceta da sua personalidade. Ouvi ao longe um canhoneio que atribuí aos republicanos. Sorri a essa nova esperança. Falei com desconhecidos. De café em café andei rabiscando pequenos artigos. E creio que acabei definindo assim a monarquia do Porto: — É uma romaria do Minho onde, em lugar de santos e santas, — Paiva Couceiro espera um rei que será levado num andor, com o povo cantando atrás: **orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas, lá vem o rancho das mulheres casadas...**

NO entanto o Regente já nomeara uma Junta Governativa da qual a maior parte dos escolhidos também estava longe. Criara-se uma espécie de «Diário Oficial» estabelecendo limites e restrições. Mas a tudo de que se lembravam faltava sempre a vontade de **SER**. Ser, no sentido de tudo que sugere a essência de um regime. No deles, o que mais temiam era ver gente do povo, operários, falando em grupos pelas ruas. Aí, tenentes e sargentos obrigavam os soldados a reagirem com violência. Porque a verdadeira polícia não existia. Tudo agora estava entregue às tropas comandadas por Paiva Couceiro. Eram elas a lei. Por isso nos quartéis, em celas improvisadas, estavam mais de cem políticos republicanos e dúzias de pequenos comerciantes por serem da maçonaria, ou, o que era muito mais grave, — acusados de terem sido partidários de Afonso Costa.

FORA disso não acontecia nada na cidade do Porto. Ninguém traba-

lhava. Padeiros não tinham farinha. Nas vendas não havia que vender. E cada um em sua casa ia comendo os frangos e os coelhos que guardava nas capoeiras do fundo dos quintais. Ou até algum bacorinho que tivesse escapado das ceias do Natal. As escolas estavam fechadas. A garotada corria pelas ruas à solta. Havia brigas e desordens por todos os lados. Mas, os ventos mudaram, e, um a um, vindos do escuro da noite, começaram surgindo, grandes como estátuas talhadas na madeira, duros como troncos que só raios poderiam rachar de alto a baixo, aqueles vetustos **varões assinalados** que de geração em geração descendiam dos fundadores da cidade do Porto. Eles que carregavam nos ombros, há séculos, a missão de tornar a sua cidade cada vez maior e mais importante:

CHIANCA DE GARCIA

— Mas não, senhor, armas nós temos, mas armas o povo só vai usar, no dia em que nós resolvermos defender a nossa terra e a nossa gente!

— Sou o Regente do reino, senhores. Estou no Porto à frente de um exército para salvar Portugal. Mas o mundo está em guerra. E o nosso Rei, D. Manuel II encontra-se neste momento a bordo de um navio holandês, o **Haya 2**, que, dentro de três ou quatro dias, fundeará no Porto. E como eu espero, e como o exército espera, também desejo que a cidade do Porto espere, com um desejo igual ao nosso, a chegada de Sua Majestade.

— Mas, senhor, nós sabemos

tugal inteiro. Portanto, portuenses, viva a Monarquia! Viva El-Rei!

Ergueu-se, e deu por terminada a audiência.

NESSA tarde, meu compa-
nheiro Marcelo, de quem o leitor conhece a paixão republicana, apareceu-me com grandes risos para dizer envaidecido: — Então o Paiva Couceiro disse que o Rei deve chegar dentro de três ou quatro dias, e que vem a bordo do navio **Haya 2**? Sabes se é verdade?

— Sei. Ouvi-o da boca dos próprios portuenses que estiveram com ele...

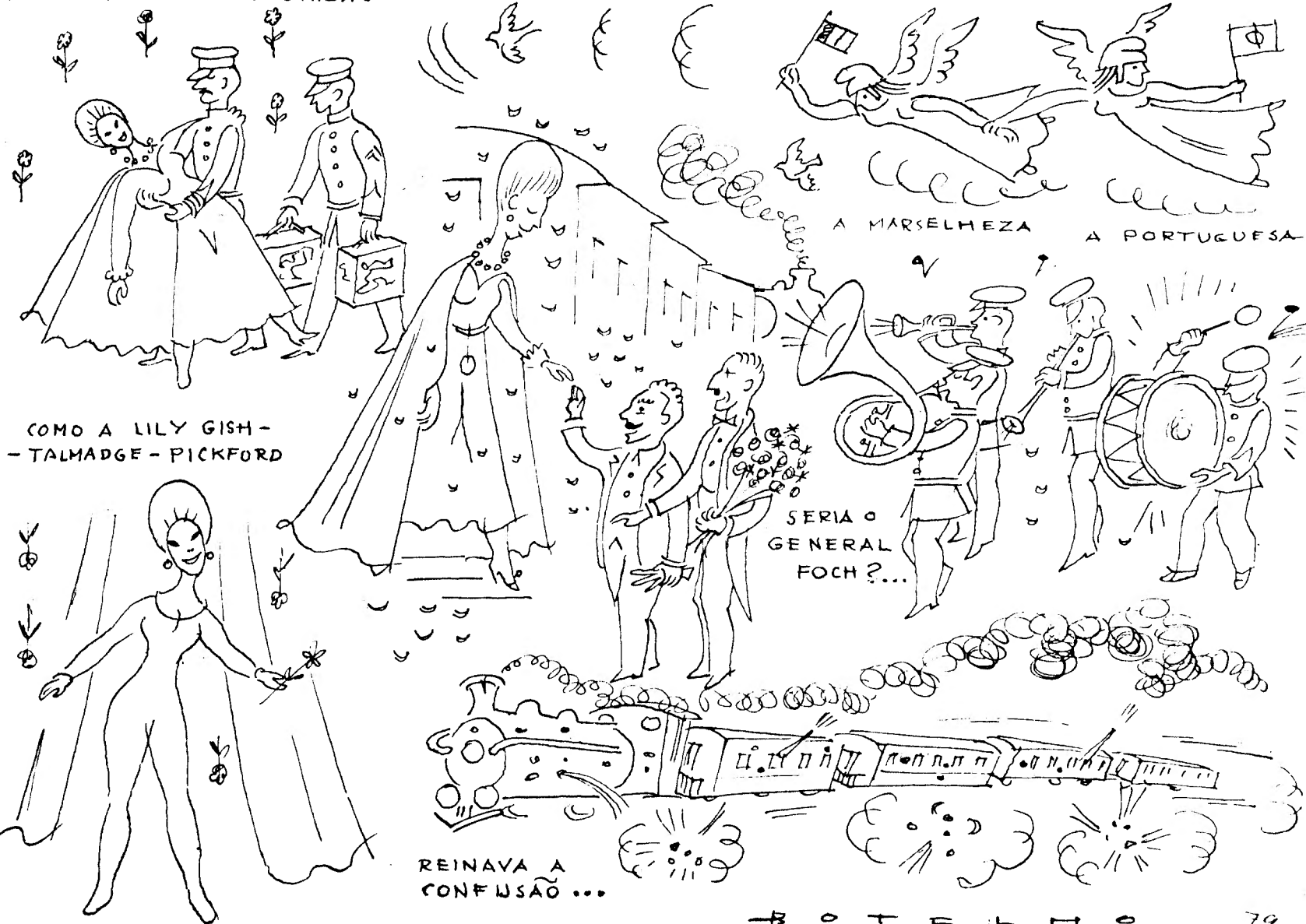
— Pois olha, pá, tive uma ideia genial. E por que não vamos nós

— Não. Mas fica tu no Porto para veres a cara do Paiva Couceiro quando verificar que o rei está nas mãos dos republicanos.

Dei-lhe um abraço. Partiu alegre e feliz. Pensei em nós, os rapazes do grupo do **14 de Maio**. Afinal, todos estávamos criando a nossa própria história.

UMA história que era bem diferente daquela que viera encontrar no Porto, onde pululava a fina flor da mocidade monárquica de Lisboa. Jovens universitários, teóricos da história de Portugal, admiradores dos grandes poetas nesse tempo em moda em Paris, leitores da **Action Française**, futuros directores de grandes bancos, sei lá o quê. Enfim uma chusma de jovens que girava então em volta do príncipe regente. Todos eles com

TRAZIAM MALAS COLORIDAS



— Chegou a nossa hora! Vamos falar com Paiva Couceiro.

— Senhor, com a monarquia ou com a República, o que o Porto precisa é de sossego para que o povo possa viver seguro da sua liberdade...

— Liberdade? Respondeu Couceiro, agastado: Para quê liberdade?...

— Porque foi de liberdade que o Porto sempre se orgulhou.

— Mas para isso ripostou o pretenso regente do reino, o Porto, como Portugal, precisa, antes de tudo, de ter um rei no trono. Ora o que eu posso dar, desde já, ao povo, é armas. Armas que ajudem a fortalecer a restaurada monarquia. E armas, aos portuenses, eu dou com o maior orgulho...

tudo que se passa ao longo da nossa Pátria. De todos os cantos estão avançando soldados fiéis à República, e que dentro em pouco mais uma vez irão cercar o Porto. E o Porto sabe conscientemente como tem sido vítima de tanta ambição alheia! De um lado e do outro.

— Vossas palavras não são do meu agrado. Mas vou dar-lhes um exemplo histórico. Depois, voltem para suas casas e pensem no que lhes estou dizendo agora: — O tamanho que tem neste momento a monarquia portuguesa é exactamente o mesmo daquele território que tinha o Rei D. Afonso Henriques, quando fundou Portugal. E Portugal cresceu de norte a sul. Assim esta monarquia proclamada por mim acabará dominando Por-

roubar o rei desse **Haya 2**? Hein? Que tal?...

— Mas como?

— Como? Já pensei em tudo. Vou agora mesmo para Lisboa. Chego lá, falo com o meu pai que está de novo em total actividade política e ele, com os republicanos da nossa Marinha de Guerra, enviam uma das nossas canhoneiras, ou um submarino, para interceptar no caminho a marcha do **Haya 2**, de lá arrancando a mal ou a bem, aquele candidato a rei, que quer interferir numa República que nos campos de batalha foi aliada da França e da Inglaterra. Que tal? É ou não uma ideia das Arábias? Vou ou não vou?

— Vai! Agora o importante é que chegues a tempo. Como eu dizia, quando era criança, Deus te ajude, pá! Vai... Precisas dinheiro?

nomes que iriam ficar, desde então, na nossa memória, e de pais para filhos, numa ideologia mental de aspirações aristocráticas. Nós os conhecíamos a todos. E eles, a nós. Hoje, Lisboa, por certo, lhes conhece os netos. Mas nesse tempo no Porto, quando nos encontrávamos nas ruas, nos insultávamos desabridamente, em constantes arruaças.

MAS foi numa noite quando ceávamos num restaurante do cais da Ribeira que explodiu a inimizade que nos separava. De um lado, em vários meses, estávamos nós, os republicanos lisboetas, do outro, num mais restrito grupo de mesas, os talassas alfacinhas. É claro que tudo começou com pia-

Continua na pág. 4

Portugal visto de fora

DIE WELT
UNABHÄNGIGE TAGESZEITUNG FÜR DEUTSCHLAND

THE TIME

EL PAIS

Continuação da pág. 2

Ricardo Durão, ao assumir as funções de comandante da Região Militar do Sul.

Ricardo Durão é um dos militares portugueses de maior prestígio e com mais condecorações. Foi comandante militar na Guiné, Angola e Moçambique, e, devido à sua verticalidade, foi detido, juntamente com o irmão, comandante dos pára-quedistas, no 11 de Março de 1975. Militar liberal, não aceitou os termos em que alguns dos seus companheiros fizeram a descolonização.

No discurso da tomada de posse, disse que as amnistias não fazem desaparecer as infracções morais à dignidade, as quebras de isenção e a idoneidade profissional, condenando aqueles que pretendem passar uma esponja no passado, tentativa conciliadora que, segundo disse, é «íniqua» (Manuel Silva, 25.1)

LE MATIN

O PC português: para a vida e para a morte

O PCP ocupa um lugar original na Europa. Tem a rigidez doutrinária dos partidos alemão ou austríaco e a ambição política dos partidos latinos.

O PCP é, sem dúvida, o partido europeu mais próximo do PC francês, quer pelas suas relações com Moscovo — com a simples diferença que estas nunca sofreram o parêntesis eurocomunista e que a dissidência nunca as perturbou —, quer pela sua estratégia eleitoral e pelo importante papel que pretende desempenhar na cena nacional.

A forte personalidade de Álvaro Cunhal, tal como a sua arte de encontrar palavras de ordem mobilizadoras, fazem do PCP uma formação militante agressiva e conquistadora, uma espécie de clã que nunca diminui a tensão, num desafio contra «a reacção» e o «imperialismo»

tanto mais eficaz porquanto se trata sempre de actuar para a vida e para a morte. (Joelle Kuntz, 28.1)

LE MONDE

Novo conflito entre o general Eanes e Sá Carneiro. O coronel Melo Antunes renuncia à disputa do cargo na ONU

O coronel Melo Antunes decidiu renunciar à apresentação da sua candidatura ao cargo de secretário-geral adjunto das Nações Unidas. A candidatura, anunciada antes das eleições de 2 de Dezembro, tinha a aceitação do general Eanes e suscitara uma primeira reacção favorável de Waldheim.

Mas o governo de Sá Carneiro tomou posição contra ela. Sem informar o general Eanes, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas do Amaral, dirigiu um primeiro telegrama a Waldheim para o informar da recusa do

novo Governo de Lisboa.

Após um encontro entre o general Eanes e Sá Carneiro, um segundo telegrama foi dirigido a Nova Iorque, alterando a posição no sentido da «neutralidade» de Lisboa face à candidatura.

Face a esta situação e depois de consultar dirigentes políticos e os seus colegas do Conselho da Revolução, o coronel decidiu abster-se.

O conflito de competência renovado pela recusa da candidatura de Melo Antunes aviva a tensão latente entre a presidência da República e o palácio de S. Bento. (Marcel Niedergan, 29.1)

O coronel Melo Antunes, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, criticou vivamente, no dia 28 de Janeiro, a política externa do Governo que, segundo ele, se baseia «em teses velhas de algumas dezenas de anos» e acusou o actual chefe da diplomacia portuguesa de fazer declarações «favoráveis à intensificação da guerra fria e con-

trárias à paz e ao desanuviamento» (Le Monde, 30.1)

EL PAIS

Portugal crê que a Conferência de Segurança de Madrid está ameaçada

O ministro português dos Negócios Estrangeiros considera que a intervenção soviética no Afeganistão e o exílio de Andrei Sakharov são susceptíveis de alterar os preparativos em curso para a Conferência de Madrid sobre Segurança e Cooperação Europeia.

Freitas do Amaral declarou em Estrasburgo que o objectivo primordial da referida conferência deve ser «uma maior garantia do respeito dos direitos do homem por parte dos países socialistas».

O dirigente democrata-cristão presidida, como representante de Portugal, à Comissão de Ministros do Conselho da Europa.

O discurso de Freitas do Amaral, em Estrasburgo, situou-se na linha de dureza já eviden-

ciada pelo novo Governo português (Nicole Guardiola, 30.1)

ABC

A Oposição portuguesa prepara a sua ofensiva contra o Governo

Antes de passado um mês sobre a entrada em funções do Governo de Sá Carneiro a oposição manifesta-se disposta a levantar-lhe barreiras sucessivas para que fracasse nos seus intentos.

Os dissidentes do PS, agrupados na UEDS, e os dissidentes do PSD, reunidos na ASDI, responderam à chamada de Vítor Constâncio, o novo delfim de Mário Soares, e já propõem prazos para o início das conversações, enquanto se sente que se prepara uma estratégia de graves dirigidas pelo Partido Comunista, que só espera o momento propício, que poderá ser em princípios de Abril (Manuel Silva, 30.1)

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910

Continuação da pág. 3

das, remos, risos de troça. Isto até que um deles, saltando para cima da mesa começou gritando aos berros: — Morte aos lacaios de Afonso Costa! Viva Paiva Couceiro! Viva El-Rei D. Manuel II. Então, ao mesmo tempo, como se fôssemos um corpo só, de pé, heróicos, começámos jogando sobre os adversários nossos copos cheios de vinho. E foi esse o início de uma guerra de bengaladas, cadeiras partidas, murros, socos, pontapés, louça quebrada e garrafas jogadas com pulso firme como granadas. Um bonito inferno. E foi de madrugada quando já triunfantes, — pois os adversários ou tinham dado às de vila diogo, ou levados por oportuna ambulância da Cruz Vermelha, — que, por pura bravata, tivemos a ideia de desfilar pela cidade dando vivas à República, e ao Porto republicano. E lá fomos. Mas, surpresos, atónitos,

comovidos, fomos vendo que, de rua em rua as janelas se abriam com mulheres e crianças sorrindo, e correspondendo com palmas aos nossos vivas e, ao agitar da nossa bandeira vermelha e verde. Sim, tal qual como Carlos Botelho nos desenha agora, tantos anos depois, no começo de todos os capítulos destes **Verdes Anos**.

NA manhã seguinte, curado com arnica das escaramuças da noite belicosa, fomos finalmente avisados de que a cidade estava vivendo horas de inquieto alvoroço, pois confirmara-se a notícia de que por volta do meio-dia chegaria à cidade o tão desejado **Haya 2**, no qual, segundo afirmara Paiva Couceiro, viria sua majestade o rei D. Manuel II. Então à ansiedade dos monárquicos juntou-se a cu-

riosidade do burgo tripeiro. E todos procuraram lugares de onde melhor se avistasse a Barra e as águas do rio Douro, nas quais desfilaria o lugre que traria aquele Bragança destronado. — Virá? Não virá? Perguntava-se. E surgiram as primeiras dúvidas ao se verificar que naquele navio de aparência nada festiva, muito até pelo contrário, com o seu aspecto sujo e desbotado, não flutuava sequer no mastro mais alto a bandeira azul e branca da monarquia portuguesa. Não chovia. Mas o céu encastelara-se de nuvens pardas. Lá em baixo, em formação de continência, estavam os três únicos regimentos, aliás desfalcados, que formavam o exército de Paiva Couceiro. Mais adiante estava colocada a artilharia. Dela partiria a honorífica salva de vinte e um tiros... O regente do reino chegara rodeado da sua corte e acompa-

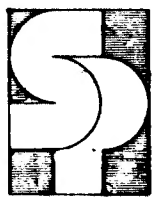
nhado pelo clero. Lindas e numerosas moçoilas vestidas com roupas tradicionais, carregavam cestas com pétalas de rosas para jogar sobre a cabeça do tão desejado consolidador da monarquia. Um escalor que esperava no cais, logo partiu levando Paiva Couceiro. Lá ao longe, a trezentos metros, o regente subiu pelo portaló e sumiu no interior do navio. Iríamos ver agora D. Manuel na torre de comando? Mas não. Viveram-se apenas longos momentos de inquietação. E começou caindo uma chuva pesada e fria que estabeleceu o pânico. Muita gente debandou. Só os mais decididos ficaram. E não foi preciso que ninguém falasse. A verdade espalhará-se no ar. Ninguém sequer necessitou de ver no rosto de Paiva Couceiro a sua terrível desilusão. O rei não viera. O rei não viera. A bordo, no **Haya 2**, ninguém sabia nada. Era apenas um

cargueiro e só tinha a bordo a sua escassa tripulação.

NESSA mesma tarde resolvei voltar para Lisboa. Precisava de saber a verdade. Teria D. Manuel sido sequestrado pela Marinha de Guerra Portuguesa? Ou faltava-lhe a coragem necessária para voltar a pôr os pés no País onde nascera? Não importa. Fosse como fosse a monarquia de Paiva Couceiro, na cidade do Porto, chegava ao seu estertor. Sem brilho e sem grandeza.

Fim
do 18.º Capítulo

A seguir:
CAPÍTULO 19.º:
DE FUGAS E DE RAPTO



**SINDICATO
DOS PROFESSORES
DA
GRANDE LISBOA**

**ENSINO SUPERIOR
ESTATUTO DA CARREIRA
DOCENTE UNIVERSITÁRIA**

Prevedendo-se que o Estatuto da Carreira Docente Universitária seja discutido na terça-feira, dia 5, na Assembleia da República, e tendo em conta as informações já prestadas ao Sindicato sobre esta questão, a Direcção do SPGL convida todos os professores (sindicalizados ou não) das Universidades de Lisboa para uma Assembleia a realizar

Dia 4, segunda-feira, pelas 21.30 horas no Anfiteatro de Minas do Instituto Superior Técnico

com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Estatuto da Carreira Docente Universitária: ponto da situação.

A direcção do SPGL convidou os grupos parlamentares da A. R. a estarem presentes a fim de exporem as suas posições.

Lisboa, 1/Fevereiro/1980

Pel'A Direcção
(ANTÓNIO ST. AUBYN)



**Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública**

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para a realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 3 de Fevereiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALCOCHETE: Pena, Palhavã, Samouco e Docas, das 08 h 00 m às 14 h 00 m. Fazenda Velha, Passil, Atalaia, das 07 h 30 m às 08 h 30 m.

CONCELHO DO SEIXAL: Quinta dos Lobatos, Cedros, Bomba, Belcanto, Estremadura, Canavial, Silos, Lagos, Vinhas, Pastagem e Palmeiras, das 08 h 30 m às 10 h 00 m.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1980
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Moisés Gomes



**CONDUZIR
OU
BEBER
HÁ QUE ESCOLHER!**

circulare viver

LIUBLINSKAIA



A elaboração desta obra de Prof.ª Liublinskaia foi precedida da observação do trabalho prático de numerosos professores e de diálogos com cada um deles.

Esta metodologia permitiu-lhe estabelecer o vínculo directo entre a dependência do comportamento das crianças e o seu desenvolvimento em relação com o conteúdo e a organização do processo pedagógico.

**O DESENVOLVIMENTO
PSÍQUICO
DA CRIANÇA**

EDITORIAL NOTÍCIAS

Lisboa - R. Rodrigues Faria, 103 - Tel. 633021
Porto - Av. dos Alados, 9-3 - Tel. 310650

à venda em todas as livrarias

No distrito de Portalegre

UCP's e Cooperativas Agrícolas paralisam terça-feira

As UCP's e Cooperativas Agrícolas do distrito de Portalegre fazem, na próxima terça-feira, uma paralisação, cumprindo assim o que foi decidido, em plenário efectuado ontem naquela cidade.

Esta posição vem na sequência das entregas de reservas retomadas no princípio da semana, pelo Governo de Sá Carneiro que tudo indica ter preparado uma ofensiva de envergadura contra a Reforma Agrária. Daí que os trabalhadores, manifestando «o mais vivo repúdio» pela política do MAP, tenham já tornada pública «a disposição de lutar, por todos os meios que a legalidade democrática permite, em defesa da Reforma Agrária».

No dia da paralisação será distribuído um documento à população do distrito (e também de Lisboa) no qual responsabilizam o actual Governo, designado por «Aliança Reaccionária» de ter cometido diversas arbitrariedades e, sobretudo, «violações descaradas dos preceitos legais» no que respeita a entregas de reservas.

Refere-se, ainda, no documento, que a política do Governo quanto à Reforma Agrária é um «verdadeiro atentado à economia nacional — razão que levou os trabalhadores a decidirem encetar várias formas de luta, nomeadamente contactos com os diversos órgãos de soberania e do poder local e desencadear acções de massas. Assinala-se também que numa semana «foram roubados aos trabalhadores cerca de 4 mil hectares de terras».

Sobre o assunto pronuncia-se igualmente a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas do Sul que, em comu-

nicação, afirma que «o Governo reaccionário da AD vem dando já o tom do que vai ser a concretização da política anunciada na Assembleia da República».

Segundo aquela organização o projecto político do actual Governo coincide, no essencial, com o imposto ao povo português, durante largas dezenas de anos, pelo regime fascista. A «mudança» prometida está orientada apenas no sentido de estabilização, do ataque às instituições democráticas, da destruição da democracia.

O projecto político da AD, no entender da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul, corresponde «ao projecto político que o imperialismo traçou para Portugal».

No comunicado sublinham-se ainda alguns aspectos da política do Governo, nomeadamente o congelamento, na prática, da contratação colectiva, o ódio ao sector público da economia, o aumento dos combustíveis «que vem agravar os problemas com

que se debate a agricultura».

A propósito da política agrícola do Governo, lembra a Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul numa passagem do discurso do ministro da Agricultura na Assembleia da República; aquela que diz que o MAP não entregaria terras a latifundiários absentistas nem lançaria a GNR sobre os trabalhadores porque isso seria ir contra a lei.

No entanto, que outra coisa é se não violar a lei a determinação de entregar uma reserva a Lobélia de Carvalho de Aviz, quando o Supremo Tribunal Administrativo tinha lavrado um acórdão a suspender o despacho sobre a questão? — pergunta-se no documento.

A Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul manifesta, porém, a certeza de que a política reaccionária do Governo «não passará» na medida em que os trabalhadores do campo saberão opor uma forte barreira à recuperação capitalista, latifundista e imperialista.

Assembleia da República

Não há acordo

sobre partilha das presidências das comissões parlamentares

Os líderes parlamentares não conseguiram chegar a acordo sobre a partilha das 20 presidências das Comissões Parlamentares, apesar da reunião que mantiveram ontem durante duas horas. A conferência dos líderes apenas procedeu a alterações de pormenor na distribuição, já acordada, dos lugares de cada partido nas comissões.

Essas alterações reforçam a presença dos quatro maiores partidos nas comissões de Direitos e Liberdades, Educação e Negócios Estrangeiros. A única comissão que já tem presidente é a de Regimento e Mandatos (Montalvão Machado, do PSD), prosseguindo os líderes parlamentares a discussão da presidência das comissões na próxima terça-feira.

Entretanto, o PSD é o partido mais representado nas 20 novas comissões parlamentares, embora com pequena vantagem relativamente à bancada dos socialistas. Quanto ao PCP e CDS, têm exactamente o mesmo número de lugares.

Entre os pequenos partidos, a

UDP é o mais mal representado, apenas com um lugar em quatro das comissões (Regimento e Mandatos, Assuntos Constitucionais, Direitos e Liberdades e Defesa Nacional).

Na de Regimento e Mandatos, Assuntos Constitucionais e Direitos e Liberdades, tanto o PPM como o MDP dispõem também de um lugar, cada.

Além destas, os monárquicos têm ainda, uma presença nas comissões de Comunicação Social, Educação, Indústria, Defesa, Negócios Estrangeiros, Cultura e Ambiente e Integração Europeia.

O MDP (três deputados) tem ainda um lugar nas comissões de Comunicação Social, Trabalho, Educação, Economia, Agricultura, Negócios Estrangeiros e Poder Local.

PROJECTOS DE LEI PENDENTES

Os centristas apresentaram ao Parlamento um projecto de lei que obriga o Governo a justificar publicamente qualquer medida

que agrave o custo de vida dos cidadãos. Para esse efeito, «o Governo disporá de um direito de antena especial que não se incluirá no cômputo mensal estabelecido ou a estabelecer na legislação competente» — acrescenta o projecto.

«A justificação deve ser apresentada com a antecedência mínima de 24 horas sobre o início da vigência das medidas decretadas» — diz ainda o diploma.

Este é um dos 41 projectos de lei (37 do PCP e quatro do CDS) apresentados ao Parlamento desde o início de Janeiro.

Os restantes projectos do CDS e 28 dos propostos pelo PCP prevêem a criação de frequesias, de uma vila (Baixa da Banheira), e de três cidades (Torres Novas, Mirandela e Barreiro).

Reforma Agrária, acção popular, licenciatura em contabilidade, categorias das autarquias, processo administrativo não contencioso e saneamento básico são algumas das matérias também contempladas em projectos do PCP.

Delegações do PCE e PCP estiveram reunidas em Lisboa

Confirmando uma notícia do «DL», uma nota da Secção de Informação e Propaganda do Comité Central do PCP revela que, a convite deste partido, visitou Portugal de 30 de Janeiro a 1 de Fevereiro uma delegação do Partido Comunista de Espanha composta por Simon Sanchez Montero e Santiago Alvarez, membros do Comité Executivo do PCE e José Marira Coronas, membro do Comité Central do PCE.

A mesma nota informa que a delegação espanhola teve conversações com uma delegação do PCP composta por Octávio Pato e Domingos Abrantes, membros da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, Albano Nunes, membro do CC e responsável da Secção Internacional e Jerónimo de Sousa, membro suplente do CC do PCP, e foi ainda recebida

pelo secretário-geral, Álvaro Cunhal.

A delegação do PCE visitou no distrito de Lisboa, os concelhos de Loures, Sobral de Monte Agraço e Alenquer «onde tomou conhecimento directo de aspectos da realidade portuguesa e da actividade do PCP».

Ficou acordada a deslocação a Espanha de uma delegação do PCP em data a combinar entre os dois partidos.

DIFERENÇAS MANTÊM-SE

De acordo com uma fonte do Comité Executivo do PCE, contactada em Madrid pelo nosso correspondente, «o tom anódino do comunicado conjunto indica que as diferenças entre ambos os partidos comunistas, mantêm-se inalteráveis».

De momento parece por isso impensável a realização de uma cimeira entre os dois secretários-gerais, ao contrário dos rumores que chegaram a circular em meios políticos espanhóis.

ÁLVARO CUNHAL CHEGOU A HAVANA

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, chegou ontem a Havana, a convite do Comité Central do Partido Comunista Cubano.

Álvaro Cunhal foi recebido no aeroporto por Osvaldo Dorticos, membro do Bureau Político e ministro da Justiça, e Jesus Montane, chefe do departamento central dos Negócios Estrangeiros no Comité Central. O dirigente comunista português chefiava uma delegação que inclui ainda António Murteira, do Comité Central do PCP.

Carlos Carvalhas em Estrasburgo: muitos usam Direitos do Homem como cortina de fumo

No debate sobre a situação na América Latina, no âmbito da sessão da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, que está a decorrer em Estrasburgo, o deputado comunista Carlos Carvalhas constatou que «há pessoas que falam em direitos do homem para lançar uma cortina de fumo sobre a situação dos seus países nos domínios da repressão, exploração, desemprego, falta de habitação, crise económica», acrescentado: «Para nós, os direitos políticos e económicos são indivisíveis e não fazem parte do arsenal de campanhas hipócritas. Nós lutamos pela construção do homem novo, por uma sociedade nova, livre, democrática, sem exploradores nem explorados. E afirmamos isto porque, no meu país, há pessoas que descobriam agora os direitos do homem, mas que no fascismo nunca levantaram a mão contra a ditadura, que colaboraram com o regime e são os mesmos que querem agora reconstruir os grupos económicos que dominaram Portugal, que querem reconstruir os privilégios e implantar, a curto e a médio prazo, uma ditadura mascarada».

Referindo-se, sem lhe citar o nome, a uma intervenção de António Maria Pereira, acrescentou o membro da delegação da Assembleia da República Portuguesa: «Nós ouvimos aqui um deputado do PSD falar da Constituição Portuguesa e da democracia portuguesa tutelada. É preciso dizer-se que este senhor descobriu os direitos do homem muito tarde».

«Quando se fala nos direitos do homem na América Latina — prosseguiu Carlos Carvalhas — não se pode também esquecer os responsáveis, o papel do imperialismo».

Não se pode esquecer quem assassinou Salvador Allende, quem apoiou e apoia Pinochet. Não nos podemos esquecer do exemplo recente da Nicarágua e do apoio dos EUA a Somoza e a ajuda americana a este regime, de 250 milhões de dólares».

«A luta pelos direitos do homem é inseparável da luta contra o colonialismo, o racismo, o imperialismo, a luta contra a discriminação racial, a luta pelo direito de os povos disporem das suas riquezas, dos seus recursos e de exercerem o seu direito de soberania» — concluiu Carlos Carvalhas.

INCIDENTE

Jornalistas presentes na reunião do Conselho da Europa abandonaram ontem a conferência de Imprensa do ministro jordanos dos Negócios Estrangeiros quando este se recusou a responder às perguntas de um israelita.

O incidente mereceu comentários na reunião da Assembleia do Conselho da Europa, tendo o deputado social-democrata português Amândio de Azevedo considerado tratar-se de um «acto lamentável».

Amândio de Azevedo lembrou que a Convenção dos Direitos do Homem garante o direito à informação.

Freitas do Amaral regressa de Roma

Apoio à adesão de Portugal à CEE

O ministro dos Negócios Estrangeiros regressou ontem ao fim da tarde de Roma, onde esteve durante 24 horas para manter contactos com o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, presidente no primeiro semestre de 1980, do Conselho de Ministros das Comunidades Europeias.

A adesão de Portugal à CEE e o ritmo das negociações actualmente em curso foram os principais temas de debate entre os dois ministros.

De acordo com o comunicado emitido no fim da visita, o ministro italiano garantiu a Freitas do Amaral que a Itália «bate-se para que se reduzam as diferenças de desenvolvimento económico

existentes na comunidade». O ministro Ruffini salientou também o elevado significado político que o seu país atribui à participação de Portugal na CEE. O Governo de Roma pretende aproveitar o momento em que é presidente do Conselho de Ministros do Mercado Comum para fazer todos os principais aspectos relacionados com a integração europeia de Portugal, de forma a que esta se processe harmoniosamente, contribuindo para o fortalecimento da Comunidade alargada.

O objectivo principal da Itália é que a faixa meridional da Europa beneficie mais da integração europeia, nomeadamente pela componente regional com vista à

correção das disparidades estruturais. Ruffini, durante os seus encontros com Freitas do Amaral, considerou necessário garantir um equilibrado acesso da produção agrícola aos mercados comunitários, assegurando também uma transferência de recursos das regiões mais ricas para as mais pobres.

Durante as conversações entre os dois ministros foi também analisada a actual situação política internacional, nomeadamente os recentes acontecimentos relacionados com a intervenção soviética no Afeganistão e o exílio interno de Shakharov. De acordo com palavras de Freitas do Amaral, «havia identidade de pontos de vista

com Attilio Ruffini quanto à legitimidade e utilidade de uma vigorosa atitude internacional que condene a violação do Direito Internacional, no primeiro caso, e a violação dos direitos humanos, no segundo».

VISITA DE EANES

Entretanto, o vice - primeiro - ministro confirmou em Roma que o Presidente Eanes visitará oficialmente a Itália em Maio próximo, na que constituirá a primeira visita de um Chefe de Estado português a aquele país.

Para Freitas do Amaral, a visita de Eanes demonstrará «a vontade de Portugal em inserir-se na construção europeia».

DOUTOR JOÃO DOS SANTOS MARCELO

7.º DIA PARTICIPAÇÃO E AGRADECIMENTO

Ernestina Raquel Nunes da Silva Santos Marcelo, Maria Eduarda Nunes da Silva Gonçalves, seu marido, filha, genro e neto. Maria Isabel da Silva Marcelo Marques Oliveira, seu marido e filhos. Carlos Eduardo da Silva Santos Marcelo, sua mulher e filhos. Maria João da Silva Santos Marcelo Pirrow e filho. Isabel Maria da Silva Santos Marcelo Rodrigues, seu marido e filhos, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade, a perda irreparável, do seu muito querido marido, pai, sogro e avô, agradecendo ao mesmo tempo a grande manifestação de pesar, por todos demonstrada, pedindo desculpa da falta de agradecimento de directo, para muitos dos seus amigos, por desconhecimento de endereços.

DE ONTEM PARA HOJE

A morte do filho de "Antónia Antónia"

Três soldados do RALIS irão ser julgados como presumíveis autores da morte de António Ramalho Fialho, ocorrida na sequência da tentativa de golpe do 11 de Março de 1975, naquela unidade militar de Lisboa. A acusação é de «homicídio voluntário». A mesma fonte referiu que dois dos soldados (Manuel Jesus dos Santos e Paulino da Silva Rodrigues) foram presos e conduzidos para Caxias no passado dia 22 de Janeiro, encontrando-se um mandado de captura passado contra o terceiro, António Ferreira Duarte. Dos detidos, já ouvidos pela PJM, que se encontram na situação de «prisão preventiva sem admissão de caução», apenas um deles — Manuel Jesus dos Santos — constituiu advogado, sendo os outros defendidos oficiosamente. António Ramalho Fialho era filho de Antónia Ramalho, a «Antónia, Antónia» popularizada no «Diabo» de Vera Lagoa, há meses julgada (e absolvida) na Boa Hora, por presumível implicação numa das redes bombistas. O processo que irá levar os três soldados à barra do Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, deu entrada no circuito judicial em 1976.

«TODA PICADA E QUASE CEGA»

Após um ano e dois dias de detenção, Francisco Augusto Pereira Piques, acusado de ter mantido a mulher aprisionada num quarto, em S. Miguel (Açores), onde a submetia a «torturas e espancamentos», foi ontem mandado em liberdade (até julgamento) pelo Tribunal da Relação de Lisboa. Em 16 de Janeiro do ano passado, altura em que o marido foi detido, Maria da Encarnação Freitas Isidro, de 30 anos, apresentava-se «toda picada, torturada e quase cega, parecendo uma velha de noventa anos», segundo declarou então um informador do posto policial da vila da Lagoa.

TIROS SOBRE A GUARDA FISCAL

Contrabandistas de gado atacaram ontem a tiro uma patrulha da Guarda Fiscal em Montalegre (Vila Real). A acção, que obrigou à hospitalização do cabo da patrulha, começou quando os agentes detectaram dezasseis vacas importadas ilegalmente. Aparentando-se de que tinham sido descobertos, os contrabandistas armados de caçadeiras, fizeram fogo sobre a patrulha. A Guarda Fiscal conseguiu ainda reter doze das vacas, mas os contrabandistas não foram apanhados.

RUSGA NA DAMAIA

Um desertor, um traficante de droga, um portador de arma-branca, foram ontem detidos, na Damaia, no decorrer de uma rusga levada a cabo pela Secção de Prevenção Criminal da Polícia Judiciária. O traficante (que trazia consigo uma certa quantidade de liamba) era procurado pela prática de vários crimes de contrabando. A rusga decorreu num café e numa casa de jogos daquela freguesia do concelho da Amadora.

MÉDICOS CONTRA PUBLICIDADE NA RTP

Um grupo de médicos ligados ao Gabinete do Cidadão, organismo impulsionado pelo Projecto Trabalho, protestou ontem contra a «utilização abusiva» da profissão médica em publicidade na Televisão. Em carta enviada à administração da RTP solicitando «medidas para pôr termo a tal situação», o Gabinete do Cidadão entende que «deveriam ser interditos os anúncios em

que aparecem pessoas identificáveis com as profissões médicas» e ainda aqueles em que «se dê a impressão de preferência por certo produto pelas profissões médicas». Advogando, por outro lado, a proibição de «publicidade a produtos sobre os quais se afirma possuírem propriedades terapêuticas ou profiláticas e, se necessário, da publicidade a medicamentos em geral».

A MORTE VIOLENTA DUM TRACTORISTA

O tractorista António Nuno Marques da Costa, de 26 anos, casado, natural do Cardoal, morreu ontem no despiste da viatura que conduzia. O acidente ocorreu na estrada de Enxendros (Venda Nova), numa obra de electrificação.

CAMIÃO SEM GOVERNO

Dois feridos foi o balanço do aparato choque de um camião desgovernado contra vários carros que se encontravam estacionados, ontem de madrugada, no parque de uma estação de serviço, em Ílhavo. Quatro automóveis ficaram quase totalmente destruídos. Os feridos, Hilário Martins da Silva, de 74 anos, comerciante, e Alberto Manuel Santos Dias, de 27 (ambos residentes naquela vila) ficaram internados no Hospital de Aveiro. O motorista do camião, Laurindo Teixeira Cunha, de 50 anos, natural de Vila Real, saiu ileso do acidente.

O «NOSSO» MURILLO É O VERDADEIRO

Confirma-se que o verdadeiro quadro de Murillo «O Casamento Místico de Santa Catarina», está em Lisboa no Museu de Arte Antiga, depois de ontem o director do Museu do Vaticano, Carlo Pietrangeli, ter declarado que o quadro de Murillo, patente há mais de cem anos no museu que dirige, ser comprovadamente falso. O quadro, oferecido pela rainha Isabel II de Espanha ao Papa Pio IX, em 1855, foi durante muito tempo considerado o protótipo de uma réplica que já se sabia existir em Lisboa, também pintada por Murillo. As dúvidas sobre a veracidade do quadro do Museu do Vaticano começaram em 1958 quando se descobriu que a cor de fundo desaparecia facilmente quando se limpava a tela.

“Dissidente” do PRP reforça acusação

As declarações de Silvestre Franklin, que se afirma dissidente do PRP, ocuparam toda a sessão de ontem do julgamento em que são «réus presentes» Isabel do Carmo, Carlos Antunes e Fernanda Fraguas.

Foi uma audiência animada sobretudo pelo empenho que o declarante mostrou em incriminar os arguidos, afirmando o envolvimento destes em assaltos a bancos, na linha da atitude assumida por Dinis Lucas na sessão anterior.

Silvestre Franklin começou por relatar factos relacionados com o assalto ao banco de Albufeira, no qual, diz, deveria ter participado. Uma mudança de planos ter-lhe-á valido dispensa da operação. Garante ter assistido a uma reunião preparatória dirigida por Carlos Antunes, que propunha três assaltos simultâneos. A ideia terá sido afastada por falta de meios para a pôr em prática, e daí que a sua participação se não tenha efectivado.

«Como entrou nessa onda de assaltos?» — perguntou-lhe o delegado do Ministério Público, dr. Eduardo Maia e Costa. Para lhe responder, o declarante, dado como participante em quatro assaltos, evoca teses políticas que afirmou serem do PRP, agrupamento onde entrou depois do 25 de Novembro de 1975: «... Se não houvesse uma organização revolucionária o golpe fascista seria inevitável... e para se obterem meios para ela, eram precisos os assaltos a bancos».

Embora afirme que nunca esteve em contacto directo com Carlos Antunes e Isabel do Carmo, mostra-se convicto de que seriam eles os chefes do



Silvestre Franklin prestando declarações no tribunal da Boa Hora

sector clandestino do PRP, as «Brigadas Revolucionárias».

Diz ter ouvido referências aos dois réus ao «Xavier» e ao «Romano», pseudónimos de dois presumíveis implicados no «caso PRP» que são várias vezes mencionados nos autos.

Segundo Franklin, após o assalto à Caixa Geral dos Depósitos de Águeda, quando ele próprio e os restantes participantes na operação «não tinham sequer dinheiro para comer», o «Xavier» terá dito que não podiam mexer no saco das notas pois tinham de prestar contas «à Isabel».

Algo perplexo, o delegado do Ministério Público comenta que, para membros de uma organização rigorosamente clandestina, lhe parece que «era falar demais».

Franklin afirmou também, ontem, que os proventos do assalto ao banco de Albufeira se destinavam a pagar a produção do semanário «Página Um», que já

não fora publicado na semana anterior. O jornal voltou a publicar-se logo depois do assalto, mas por pouco tempo «porque a operação só rendeu 50 contos».

Sustenta que nunca recebeu quaisquer quantias do PRP e que durante o tempo em que foi membro do agrupamento se manteve a trabalhar numa pedreira na zona da Batalha, embora soubesse que havia membros do PRP exclusivamente ao serviço da organização.

O depoimento de Silvestre Franklin causou certa impressão pelos «desabafos» que dele sobressaíram. Desempenhou no tribunal o papel do «militante enganado», fazendo comentários como este: «Enquanto eu andava na pedreira, os filhos do Carlos Antunes estavam em Paris».

Carlos Antunes viria, no final da sessão, a responder a esta «acusação». Os seus filhos estudam de facto na Sorbonne, em Paris, onde vivem com a mãe há bastantes anos. É ela que os sustenta.

Do depoimento de Franklin transpareceria ainda outra realidade: diz ele que, embora cedo tenha ficado descontente com a orientação do PRP «pois davam como certo o golpe fascista para amanhã e houve demasiados amanhãs sem que ele acontecesse», só na prisão, em contacto com Dinis Lucas, Pinto Balsemão e Azevedo Plácido se terá tornado um «dissidente».

O dr. César Pratas, da defesa, perguntou-lhe se tinha decidido prestar declarações à Polícia seis dias após a sua prisão «por uma questão de vingança». Franklin diz que o fez por querer

desligar-se do PRP. De novo o advogado: «Podia ter saído sem denunciar». Um dos juizes interrompe então o diálogo e afirma que a defesa está a pressionar o declarante.

Parte das declarações de Franklin levaram Isabel do Carmo a perguntar ao tribunal se «podia bater na testemunha». Foi mandada calar.

Entre as perguntas que fez a Franklin, o delegado do Ministério Público quis saber porque motivo a sua dissidência, «que é um termo muito em voga», o tinha levado a «falar». Esta pergunta mereceu um reparo do tribunal. Mas o declarante viria a afirmar:

«Eu conhecia as sanções que me esperavam. Se tiverem oportunidade fazem-me o mesmo que fizeram ao Azevedo Plácido» (Plácido, conforme o «DL» oportunamente noticiou, é o antigo tesoureiro do PRP recentemente morto a tiro na Marinha Grande). O tribunal considerou que a afirmação era marginal ao processo, visto que os réus não estão ali acusados de implicação naquele assassinio.

No termo da audiência, o dr. Jorge Fagundes, que defende Isabel do Carmo e Carlos Antunes e que foi director do «Página Um», pediu a inclusão nos autos da matéria relativa a uma busca eventualmente feita pela PJ à casa de Dinis Lucas e à casa onde se diz terem vivido os réus, na Rua Borges Carneiro, em Lisboa.

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, prevenido-se que seja ouvido Luís Seixas, acusado de ter participado no assalto a uma delegação bancária na Moita.

Presos e ex-presos respondem à expulsão

Os presos e ex-presos políticos do caso PRP respondem num documento «à pretensa expulsão de sete camaradas, seis dos quais presos».

Segundo afirmam foi na altura em que os militantes, presos ou em liberdade, tomaram medidas para acabar de novo com as perigosas manobras do grupo que expulsou os seus camaradas, através da convocação de um Congresso do Partido, que apareceu aquele acto mistificador. Sublinham, também, que aquela

manobra contra-revolucionária visa apenas paralisar os movimentos de solidariedade no momento que se aproxima o julgamento e os tribunais têm que decidir sobre a aplicação da amnistia. Frisam, ainda, que só restava ao grupo que estava a manobrar impunemente, realizar um plenário com 48 indivíduos chamando-lhe plenário de responsáveis do Partido (quando este plenário tem mais de 300 pessoas) e expulsar sete dos que tomaram posição contra eles.

editorial
CAMINHO SARL



Prémio Luís Vaz de Camões

A Editorial Caminho chama a atenção de todos os interessados em concorrer ao **Prémio Luís Vaz de Camões** (modalidades de ensaio e poesia) que o prazo de entrega de originais termina no próximo dia 29 de Fevereiro.

Quaisquer esclarecimentos podem ser pedidos para:

Editorial Caminho

— Rua João de Deus, 24
— Venda Nova — 2700 Amadora.



NOVIPELES
FABRICANTE
VENDA AO PÚBLICO
PREÇOS DE FÁBRICA

Tudo em Antilope e Cabedais — Pintura, Arranjos e Limpezas
Rua José Falcão, 5, 1.º (ao Chão) Lisboa 1 — Tel. 823015.
Brevemente: Centro Comercial Bloco 10
Rua Pinheiro Chagas 10 (ao Saldanha)

VENDA DE SUCATAS

Encontra-se aberto o concurso, pelo espaço de 15 dias, para a venda das seguintes sucatas:

Sucata de cobre limpo
Sucata de cobre sujo (fios)
Sucata de bronze não classificada
Limalha de bronze
Sucata de latão
Sucata de Telas Transportadoras
Sucata de Pneus e Câmaras de Ar
Sucata de fios condutores e cabos eléctricos
Sucata de baterias
Óleo queimado
Óleo usado
Bidões usados e de sucata
Sucata de fio de Platina e Platina-rádio
Sucata de chumbo.

Dirigir respostas em carta fechada, com a indicação:
**CONCURSO DE SUCATAS à
SIDERURGIA NACIONAL, E.P.**
Fábrica — Secção de Armazéns
Paio Pires
2840 SEIXAL

Prémio Vale Flor

Bebés
salvos
do fogo
por duas
crianças

Uma criança de quatro anos foi galeardada com o prémio José Luís de Vale Flor, que ascende a 45 contos por ter salvo de um incêndio dois irmãos de três anos e 18 meses que se encontravam dentro da barraca em que habitavam, estando os pais ausentes.

Fernando António Pinto Pereira reagiu de imediato ao fogo e, apesar da porta da barraca se encontrar fechada à chave, mas com a chave do lado exterior, partiu os vidros de uma janela e saltou para fora, abrindo-a a fim de retirar os irmãos para lugar seguro. Apesar do gesto de abnegação todos sofreram graves queimaduras.

O prémio Jenny de Vale Flor, na mesma quantia, coube a Elisabete de Oliveira, também apenas com seis anos, que salvou uma criança de sete meses de um violento incêndio.

O incêndio, que destruiu por completo a moradia, só por causa da Elisabete não tirou a vida ao seu irmão mais novo. Ele brincava no exterior, com outro irmão, mas apercebeu-se de que a casa estava em chamas e penetrou nela para salvar o bebé de uma morte horrível. Por conta dos prémios foi já remetido, a cada um dos contemplados, a quantia de dois mil escudos. Ambos são filhos de famílias com poucos recursos.

Caso Delgado

Barbieri Cardoso
em estilo de anedota

Se não fosse para manter o leitor informado através do registo, mesmo repetitivo, do que se vai passando em Santa Clara, nesta tarefa que nos propusemos de realizar a cobertura total do julgamento, dias há em que quase não valeria a pena tocar no assunto. A sessão de audiência de ontem à tarde entraria nesta conta, se não acontecesse uma intervenção (do dr. Magalhães Queirós, defensor do réu Pereira de Carvalho) com alguns aspectos curiosos e uma anedota. A anedota teve por autor o dr. Pereira Coutinho, patrono do ex-cúpula da PIDE Barbieri Cardoso.

Como se sabe, a testemunha ouvida continua a ser o dr. Manuel José da Cunha, também ele ex-inspector daquela corporação criada por Salazar. Em determinado momento, agora que a testemunha se enfrenta com a defesa, o dr. Magalhães Queirós, no seu interrogatório frouxo e quase inábil (Manuel José da Cunha é um 'muro' que não abre fenda), tentou, num artifício sem nenhum artifício, que o depoente deixasse no Tribunal a ideia de que Rosa Casaco, na sua confissão, poderia ter dado a entender que as cúpulas da PIDE nada tinham a ver com a morte do general Humberto Delgado e que a brigada que se deslocou a Badajoz o fizera em inteira 'independência', isto é, provavelmente actuando por conta de outrem que não a PIDE. Naturalmente

que para além do facto de ninguém acreditar na possibilidade de tal absurdo, pretendia-se, mesmo com Manuel da Cunha a negar que Rosa Casaco alguma vez houvesse feito essa sugestão, criar através dum silogismo simplista o benefício da dúvida. E a dúvida, em princípio, é uma vantagem do réu ou réus. Mas para Magalhães Queirós e seu cliente, não houve vantagens, pelo menos no que respeita às afirmações de José da Cunha. De qualquer modo, registre-se como os advogados da defesa procuram a todo o transe 'limpar' o cadastro dos chefões da PIDE — Silva Pais e Barbieri, sobretudo.

Foi, aliás, quando interrogava a testemunha acerca do que ela conhecia ou não da personalidade de Barbieri Cardoso, que surgiu a anedota. Falou-se na alta inteligência do subdirector da PIDE, nas suas inclinações para a arte em geral, classificando-o como 'um especialista em pintura' e 'um escritor valoroso' e aí interveio o dr. José Luís Nunes que com uma ironia oportuna, comentou:

— Bem, espero que não se chegue ao ponto de se dizer que um dia no futuro, ao consultarmos algum livro de história, vamos encontrar lá uma citação como «segundo o mestre Barbieri Cardoso»...

E eis que aí veio a anedota. Num ar muito convicto, o dr. Pe-

reira Coutinho respondeu a José Luís Nunes:

— A verdade é que Barbieri Cardoso muito provavelmente ficará na História e nós não.

Naturalmente que o dr. Pereira Coutinho não explicou em que História brilharia genialmente o seu cliente. Na da Arte, não é, com certeza, porque não existem pergaminhos que o atestem para tal. Na da Literatura, não chegou, para a merecer, os dois livrecos de subqualidade que o insigne deu à estampa. Para a galeria dos grandes fascistas, como Goebbels — que também se jactava de ser um profundo apreciador de Arte, o que não evitou que surgisse na História, na verdadeira, naquela História que não perdoo, como um criminoso de alto gabarito —, não possui estatura. De maneiras que ficámos sem saber onde o colocava a generosidade simplória de Pereira Coutinho, mas também não interessa. Ele, Barbieri, já tem o seu devido lugar, seja qual for o resultado final deste julgamento, na história bem negra do duplo assassinato de Badajoz. E aí, sim, como Goebbels, estará lá igual a qualquer dos muitos peões que com a sua inteligência ajudaram a manter a aberração histórica conhecida como fascismo.

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira.

JOSUÉ DA SILVA

Apoderou-se dos bens
da senhoria

PORTO, 2 — Chama-se José da Silva Rocha, tem 48 anos, é agricultor e vivia numa quinta do lugar de Prelinhos, em Santa Cristina de Longos (Guimarães). Foi preso pela Polícia Judiciária do Porto acusado de, por meios fraudulentos, se ter apoderado dos bens (na quinta onde vivia) que pertenceram à sua senhoria, D. Julieta da Silva Gomes, senhora e já falecida. O Rocha era seu caseiro e um dia pediu àquela senhora para lhe assinar duas folhas em branco de papel selado para tratar de uns pro-

blemas de águas. Entretanto, a senhoria faleceu e o Rocha aconselhado por um engenheiro de Braga preencheu as folhas assinadas como «Promessa de Venda» e «Quitação de Propriedade».

Assim, passou a ser o dono dos bens da falecida. O pior veio com o aparecimento dos herdeiros, que, desconfiados, entregaram o caso à Judicatura. Esta veio a descobrir a tramóia e prendeu o Rocha, que aguarda agora o julgamento.

Madeira

Recapturado assaltante
do Hotel Mimosa

Foi recapturado o assaltante do Hotel Mimosa do Funchal. Conforme o «DL» noticiou o assaltante tinha furtado cerca de 550 contos, conseguindo

escapar-se pouco tempo depois de ter sido capturado.

Ontem, o assaltante foi recapturado na zona da Matur, cerca de 25 km a leste do Funchal.

Água para as Canárias

Vai ser assinado na próxima semana o texto final do acordo, entre o governo da Madeira e as Canárias, para o fornecimento de água a esta região. A água,

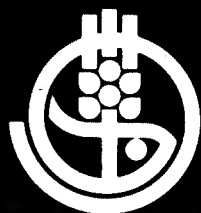
que é excedente no norte da Madeira, vai ser transportada em

navios tanques para as ilhas espanholas.

Mil contos a menos na vivenda
de um advogado

PORTO, 2 — Por meio de arrombamento, foi assaltada a residência do conhecido causídico português dr. Miguel Veiga, na Avenida Brasil, na Foz do Douro.

Os gatunos levaram vários objectos em ouro e prata, no valor de cerca de mil contos. Foi apresentada queixa na Judicatura que iniciou já investigações.



IFADAP

INSTITUTO FINANCEIRO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E PISCAS

SEDE:

Rua. D. Estefânia, 71 a 77
Apartado 1228
1007 LISBOA CODEX
Telefs: 575349/ 449/574/ 649/ 674/ 099/ 924
577649/ 099/ 944/ 624/ 649
578774/ 024/ 049/ 099
Telex: 13022

INSTALAÇÕES REGIONAIS
EM FUNCIONAMENTO:

Direcção Regional de Entre Douro e Minho
Campo 24 de Agosto, 291
4300 PORTO
Telefs: 53452/ 561898

Direcção Regional do Alentejo
Rua D. Brás, 1
7000 ÉVORA
Telef: 23232

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

COMEMORAÇÕES
DO 4 DE FEVEREIRO

A Associação de Amizade Portugal-RPA, leva a efeito nos dias abaixo indicados, sessões públicas comemorativas do 19.º aniversário do início da Luta Armada de Libertação em Angola.

LISBOA

Sessão solene

Dia 4/2/80 — 21.30 horas — «Teatro Aberto»

- 1.ª Parte — Intervenções de
 - Daniel de Matos, presidente da Direcção Nacional da AAP-RPA
 - Representante do CPPC.
 - Sua Excelência o embaixador da Rep. Pop. de Angola, Adriano João Sebastião.
- 2.ª Parte — Projectação de um filme angolano
- 3.ª Parte — Canto Livre e actuação de importante delegação cultural angolana.

PORTO

Dia 4/2/80 — 21.30 horas — Cooperativa Árvore

- 1.ª Parte — Intervenções de
 - Domingos Lopes, vice-presidente da Direcção Nacional da AAP-RPA
 - Representante do Comité Português contra o «Apartheid»
 - Representante da Embaixada da R.P. de Angola.
- 2.ª Parte — Projectação de um filme angolano
- 3.ª Parte — Canto Livre com Manuel Freire e Armando Caldas, entre outros.

FARO

Dia 2/2/80 — 21.30 horas — Teatro Lethes

- 1.ª Parte — Intervenções de
 - Luís Bicho, vice-presidente da Direcção Nacional da AAP-RPA
 - Comandante Costa Santos, representante da URAP.
 - Sua Excelência o embaixador da R.P. de Angola, Adriano João Sebastião
- 2.ª Parte — Projectação do filme «A Voz de Angola Livre»
- 3.ª Parte — Adriano Correia de Oliveira entre outros e prevê-se a actuação de grupos culturais de música e dança popular da R.P. de Angola.

Concurso de professores

Em consequência das dúvidas surgidas no concurso de professores provisórios ou eventuais, o Ministério da Educação e Ciência emitiu um comunicado em que afirma o seguinte:

«Atendendo a que a contratação plurianual representa uma inovação no sistema até agora seguido, o MEC dispensará um particular cuidado na análise dos boletins de concurso, rectificando, quando for caso disso, o respectivo preenchimento de

modo a garantir os legítimos direitos dos candidatos.»

O Ministério terá nomeadamente em conta a situação e o escalão em que o candidato se posicionou: a contagem de tempo de serviço e a substituição, por declaração sob compromisso de honra, dos certificados comprovativos das habilitações, de acordo com o despacho n.º 41/80, de 25 de Janeiro, do ministro da Educação e Ciência.

O Presidente da República presidiu ontem, em Évora, às cerimónias comemorativas do 6.º aniversário da restauração da Universidade naquela cidade alentejana.

«A Nação espera que a vontade dos seus filhos alentejanos, os que frequentam ou não esta escola, recebam desta casa tudo aquilo que cultural, política, económica e socialmente dá a vontade à dimensão humana, clara e

Eanes na Universidade de Évora

Ensino deve ser assegurado “aos melhores e mais capazes”

dinamicamente nacional» — afirmou o general Ramalho Eanes durante o discurso com que encerrou a cerimónia. O Presidente fez ainda alusão à necessidade de a capacidade económica não se tornar o critério do acesso ao ensino, que deve ser assegurado aos estudantes melhores e mais capazes, os quais não podem ser preteridos pela sua condição económica menos favorável.

Sobre a Universidade, Eanes afirmou que «a actual Universidade de Évora é a síntese do espaço convergente de homens de saber e acção».

Na mesma sessão solene usaram também da palavra os professores Raul Rosado Fernandes, o reitor Ário de Azevedo e Carlos Portas, que focaram a evolução da Universidade de Évora desde a sua fundação e o seu futuro.

Rosado Fernandes fez o histórico das dificuldades que presidiram à instalação da Universidade, nomeadamente os obstáculos suscitados pela existência de outras escolas de ensino superior há muito instaladas no País. O actual reitor, Ário de Azevedo recordou que a Universidade esteve «presa por um fio» em 1974, para depois garantir que ela hoje é «uma realidade sólida», salientando, no entanto,

que a autonomia da Universidade deverá ser definida. Afirmou ainda que a Universidade de Évora «saberá ser útil à República e ser verdadeiramente uma Universidade de hoje».

Por seu turno, Carlos Portas, que fez parte da equipa de António Barreto quando este foi titular do MAP, falou sobre o futuro daquele estabelecimento de ensino superior, afirmando que «o futuro dependerá da capacidade dos seus dirigentes».

Assistiram ao acto o ministro da Educação, o arcebispo de Évora e entidades civis e militares, locais.

O Presidente da República almoçou ontem na Universidade e recebeu depois um grupo de alunos da associação de estudantes e os órgãos colegiais da Universidade, regressando a Lisboa ao fim da tarde.

PUB

VEÍCULOS «TOYOTA» CONTINUARÃO A SER MONTADOS EM PORTUGAL

SALVADOR CAETANO, IMVT-SARL, IMPORTADOR-MONTADOR E DISTRIBUIDOR DA MARCA «TOYOTA» PARA PORTUGAL CONTINENTAL E ILHAS ADJACENTES, PERANTE AS NOTÍCIAS DESENCONTRADAS E CONFUSAS QUE SURGIRAM NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DO PAÍS, ACHA NECESSÁRIO E OPORTUNO PRODUIR OS SEGUINTEES ESCLARECIMENTOS:

- 1 — Aquelas notícias baseiam-se numa informação incorrecta e distorcida, da exclusiva responsabilidade de uma agência noticiosa internacional, que neste momento está já a ser corrigida oficialmente pela «Toyota» no Japão, e nos meios de informação internacionais;
- 2 — Os veículos «Toyota» continuarão a ser montados em Portugal;
- 3 — Concretamente no caso dos automóveis de passageiros, está mesmo na sua fase final a introdução de mais um modelo, que já está a ser montado na sua linha de montagem;
- 4 — Mesmo antes da entrada em vigor da nova legislação do sector automóvel (Lei n.º 351/79 de 30 de Agosto), esta empresa iniciou estudos para a elaboração da sua política industrial e comercial a médio e longo prazo, tendo em conta as alterações que se previa virem a resultar do conteúdo daquela legislação;
- 5 — Um dos vários pontos dessa política será a eventual utilização das facilidades que a Lei acima referida dá às linhas de montagem que procedam à sua reconversão;
- 6 — Foi já entregue no Ministério da Indústria e Tecnologia requerimento, devidamente fundamentado, para que este declare a nossa linha de montagem reconvertida, o que esperamos aconteça com a possível brevidade;
- 7 — Daí resultarão as seguintes consequências, entre outras:
 - Aumento da montagem de viaturas comerciais «Toyota», quer em quantidades quer em modelos disponíveis;
 - Início da importação de automóveis de passageiros, completamente montados no Japão;
- 8 — Os restantes aspectos da actividade da empresa permanecerão inalteráveis, nomeadamente a sua capacidade de poder assistir satisfatoriamente todas as viaturas «Toyota» que já circulam ou venham a circular no nosso país, quer tecnicamente, quer em peças de reposição, através da sua extensa e eficiente rede de concessionários;
- 9 — Uma das exigências que a Lei acima referida faz para que uma linha de montagem possa ser considerada reconvertida é a manutenção dos seus postos de trabalho, o que é garantido no requerimento que a empresa entregou no Ministério da Indústria e Tecnologia;
- 10 — Aproveita-se a oportunidade para divulgar que, não obstante a longa crise que a Economia Nacional atravessa, com particular incidência no sector automóvel, a empresa tem aumentado os seus postos de trabalho e levado a efeito investimentos de vulto, conforme consta nos quadros abaixo:

POSTOS DE TRABALHO	
ANOS	QUANTIDADE (a)
1976	1497
1977	1595
1978	1701
1979	1731

(a) Total da empresa incluindo a linha de montagem.

INVESTIMENTOS	
ANOS	VALOR
1976	9 609 contos
1977	62 228 contos
1978	170 109 contos
1979	150 000 contos
TOTAL	391 946 contos

Os números dos quadros acima não incluem as nossas empresas associadas em número de cinco, nas quais entretanto se tem verificado a mesma tendência, quer quanto a postos de trabalho como investimentos;

- 11 — Igualmente se aproveita para divulgar que, relacionados com a reconversão da sua linha de montagem, tem esta empresa em fase adiantada de definição importantes projectos nas outras áreas em que actua, nomeadamente a fabricação e exportação de autocarros.

Instituto italiano comemora Camões

O Instituto Italiano de Cultura comemora o IV Centenário do nascimento de Luís de Camões com uma conferência proferida pelo professor Ricardo Averinni sobre «As maiores obras da lite-

ratura italiana na aceitação dos humanistas portugueses».

A conferência realiza-se na próxima quarta-feira, na sede daquele Instituto, na Rua do Salitre, 146, às 18 e 30.

Milhares de litros de vinho verde em risco de se estragarem

PORTO, 2 — A Aliança das Ligas Agrícolas do Norte apresentou ao secretário de Estado do Fomento Agrário um documento em que reclama uma série de medidas sobre problemas que têm afectado os agricultores. Relativamente ao vinho verde corre-se o risco de se estragarem milhares de litros, por dificuldades de escoamento, sendo proposta a venda livre na área urbana do Porto «a fim de se limitar o monopólio dos armazénios e desobstruir os circuitos de comercialização».

Quanto à batata de consumo a liga manifesta-se contra a anun-

ciada importação, alertando o MAP para o risco de os intermediários poderem vir a fazer uma série de falcatruas, por exemplo, vender aquela batata como «semente» importada e certificada.

A Aliança das Ligas Agrícolas manifesta-se, também, contra o aumento de gasóleo e os protestamentos sucessivos da entrada em funcionamento dos Conselhos Regionais de Agricultura, instituídos a 6 de Julho de 1978. «Exigimos que as direcções regionais do MAP tomem rapidamente medidas para que os CRA sejam instalados e entrem em funcionamento» — conclui aquela Aliança.

Paquete Infante D. Henrique vendido pela terceira vez

O ex-paquete Infante D. Henrique está à venda pela terceira vez, podendo destinar-se a funções tão dispares como navio hotel, acampamento para trabalhadores ou casino flutuante.

O navio, que não possui máquina, encontra-se na lagoa de Sines, atingindo os 20 anos de idade para o ano.

O gabinete da área de Sines já o ano passado tentou vender o paquete, colocando — o agora novamente num concurso internacional, cujas propostas serão aceites até 22 de Fevereiro.

O navio era utilizado em car-

reiras regulares entre Portugal e as ex-colónias, efectuando também excursões turísticas. Mais tarde foi adquirido pelo Gabinete da Área de Sines, por 45 mil contos, para servir de alojamento a alguns milhares de trabalhadores das obras de construção do empreendimento.

O Infante D. Henrique foi o maior navio de passageiros que Portugal teve e deslocava 23 mil toneladas. Neste momento o único barco português de passageiros é o Funchal, que foi convertido em unidade de cruzeiro.

Assembleia da NATO realiza-se na Madeira

A assembleia geral da NATO vai realizar-se na Madeira, possivelmente em Setembro próximo. Segundo as autoridades

locais vai ser a reunião internacional mais importante, realizada até agora naquela região autónoma.

Parque do Bonfim em Setúbal

O pulmão que não deve secar

Uma das raras zonas verdes do interior da cidade de Setúbal é o «Parque do Bonfim», local de veraneio e distração para muita gente, onde é costume verem-se famílias inteiras, sobretudo em domingos e feriados, fazendo piqueniques, descansando, lendo.

Pois é este pulmão verde que corre riscos de secar se não forem tomadas medidas. A reportagem do «DL» apurou um punhado delas e o alerta à Câmara Municipal aqui fica.

O Parque do Bonfim é uma extensa zona verde que se situa entre o Estádio do Bonfim e a Escola Industrial e Comercial de Setúbal (agora Escola Secundária S. Julião). É constituído por vegetação de porte médio, relvados, um lago artificial, sebes, pequenos arruamentos interiores, e servido por dois complexos. Um escolar, destinado a receber crianças em idade pré-escolar, e com uma exploração realizada pela Câmara. Outro, de indústria hoteleira, privado, embora em regime de contrato de ocupação efectuado com a Câmara Municipal de Setúbal (o edifício é privado, o terreno é camarário). A vida e o presente de qualquer destas instituições estão recheados de peripécias e intimamente ligados àquilo que o Parque tem (ou não tem) podido ser.

Quase todos os grupos políticos concorrentes às eleições locais fizeram inscrever, por outro lado, nos seus pro-

gramas, declarações de intenção acerca do futuro do Parque, mas poucos deram com um diagnóstico correcto da situação actual.

Em linhas gerais, o problema principal reside na forma como a manutenção geral tem sido feita. Segundo declarações que nos foram prestadas por alguns representantes dos mais habituais frequentadores do Parque do Bonfim — jovens e reformados — cada vez se acentua mais o receio e a desconfiança das populações. Criticam: o Parque anda mal cuidado e em certas horas do dia é quase impossível frequentá-lo sem que as pessoas sejam incomodadas.

A reportagem do «DL» confirmou uma parte destas acusações. Falemos das mais importantes.

MANUTENÇÃO

A Câmara Municipal tem um serviço de manutenção escalado para servir neste local. A verdade é que o Parque não dá mostras disso: o relvado está mal tratado, a vegetação seca, os caminhos não são respeitados, o lago mostra-se quase sempre sujo, os guardas não são vistos por ninguém a não ser — queixa-se a garotada — quando se trata de obstruir pequenos jogos de bola entre crianças sem idade escolar.

Como se isto não bastasse, o policiamento que a PSP providencia é ineficaz, por insuficiente. E não se diga que se dispensa — o Parque do



O complexo hoteleiro do Bonfim, cujo terreno pertence à Câmara de Setúbal

Bonfim é uma zona de particular apetite para a actuação de marginais de todo o tipo, geralmente motivados para os milhares de jovens que frequentam a Escola Técnica e que, em muitos casos, à hora de saída e para regressar a casa, são obrigados a atravessar o Parque de ponta a ponta. Têm-se verificado incidentes em número cada vez maior, as queixas e denúncias contra a situação não faltam, mas o problema não se resolve.

CUIDADOS

Bem sabemos: o quadro de pessoal da manutenção de jardins da Câmara Municipal de Setúbal é escasso, a PSP luta com idêntico problema.

Parece, porém, a toda a gente, que a questão se resolveria com medidas de empenhamento do pessoal já desatado. Os poucos que existem — afirmam os lesados — não se vêem.

Quanto ao policiamento, sugere-se que as patrulhas automóveis tornem os «raids» dos seus agentes mais frequentes no Parque do Bonfim. E não, naturalmente, em horas do dia de menor incidência dos casos mais flagrantemente: a traficância de droga, os assaltos, a exibição de taras sexuais, e negócios mais ou menos obscuros que vão desde a venda de pequenas revistas pornográficas a relógios «em segunda mão».

Dir-se-á que o quadro fica, neste apontamento, negro em demasia.

Julgamos não pecar por excesso, todavia. Quem costuma observar a avalanche de setubalenses e forasteiros (em dia de futebol no Estádio do Vitória Futebol Clube) que procura a frescura e o sossego naturais deste local; se atentarmos no facto de que a Escola Técnica é frequentada por cerca de três mil alunos,

de escalões etários diversificados; se não perdermos de vista a extraordinária importância que o Parque do Bonfim tem na cidade de Setúbal e no papel que pode desempenhar em matéria de ocupação de tempos livres, convívio dos cidadãos, zona verde que é por natureza — sem dúvida que todos os cuidados e atenções que os órgãos de poder local lhe puderem dispensar não serão demais.

Não se trata já, apenas, de criar condições para que o Parque do Bonfim possa, num futuro mais ou menos próximo, cumprir integralmente uma função positiva.

Tal objectivo fica seriamente comprometido, porém, se não forem tomadas desde já medidas concretas, como se deduz pelas declarações de um encarregado de educação de uma das crianças que frequenta o jardim de infância a funcionar neste Parque:

Eu, há uns dois anos, confiava que a minha miúda fosse para casa com uma amiga. Agora não. Sou obrigado a sair um nadinha antes do emprego para vir aqui buscar a minha filha, porque tenho muito receio dos marginais que aqui se encontram ao fim do dia.»

Como se vê, a solução deste caso envolve uma acção que não respeita apenas à Câmara Municipal, embora deste órgão se espere a iniciativa e a conjugação de esforços que não podem tardar.

Associação de Reformados apoia Conselho para a Paz

A direcção da Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos, manifestou o seu apoio à sessão que o Conselho Português para a Paz promove, no próximo dia 8, no Pavilhão dos Desportos.

Justifica a adesão àquela iniciativa com a condenação da guerra «que ameaça a mundo», situação para que alerta os reformados, de maneira a estes defenderem a paz, lembrando as guerras coloniais «em que os nossos filhos e netos ficaram mutilados por uma guerra de interesses capitalistas, que nos foi imposta».

Confirmado regime da protecção civil

Uma Resolução do Conselho de Ministros hoje publicada no «Diário da República» confirma que serão os governadores civis a presidir aos Centros de Coordenação e Protecção Civil, do Porto, Coimbra Aveiro, Santarém e aos Gabinetes para o mesmo fim criados em Abrantes, Régua, e Vila Franca de Xira.

O Governo de Sá Carneiro marcou como prazo limite para a sua instalação o último dia de Fevereiro — 29.

Homenagem a Mondlane

Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO assassinado pela PIDE no fim dos anos sessenta, vai ser hoje motivo para uma sessão de homenagem.

A sessão inicia-se às 21,30 horas e realiza-se no Salão das Fumas, em Benfica.

TAA

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
ANGOLA AIRLINESESTAMOS CONSIGO
EM 1980

DELEGAÇÃO EM PORTUGAL

AV. da Liberdade, 259-1.º — 1200 LISBOA

TEL. 575899 — 575918 — TELEX 18475

PASSAGENS E RESERVAS
AV. DA LIBERDADE 259
TEL. 531825 — 575899CARGA
AEROPORTO DE LISBOA
SERVIÇO ESCALA
SALA 452-2.º
— TEL. 896173-803533

Minas de Moncorvo são altamente rentáveis

— afirma técnico da Ferrominas

Os técnicos de ferrominas em colaboração com um consultor estrangeiro declaram que o estudo a que procederam sobre a viabilização das minas de Moncorvo «é altamente rentável».

Esta afirmação foi pronunciada na Ordem dos Engenheiros do Porto no decorrer de um colóquio sobre «Metodologias gerais e avaliação de reservas, lavra mineira», proferidas pelo técnico da empresa de Ferrominas, com sede em Moncorvo, António Santiago Baptista.

Este técnico disse que o estudo terminado há dias «apresenta um grau de detalhe e segurança que possibilita ao Governo poder tomar uma decisão».

Para a viabilidade do projecto das minas de Moncorvo, será necessário um investimento da ordem de 8,5 milhões de contos, disse Santiago Baptista.

Segundo o mesmo técnico, a produção será de 1,5 toneladas de concentrado por ano, que uma vez misturado com outros produtos permite produzir 2,5 toneladas de «peletes», minério de excelente qualidade para a alimentação dos altos-fornos.

A concluir a exposição, o técnico Santiago Baptista afirmou que «o jazigo que vai suportar o projecto está conhecido em quantidade e qualidade».



Escudo revaloriza em relação ao franco suíço e ao marco

O escudo teve esta semana uma revalorização de 0,01 por cento em relação ao franco suíço e de 0,02 por cento em relação ao marco alemão, reflectindo as flutuações destas moedas nos mercados cambiais.

Em relação ao dólar, o escudo teve uma desvalorização marginal: menos 0,01 por cento. O mesmo acontecendo em relação à peseta.

A libra esterlina teve forte movimento de revalorização em relação ao escudo: mais 0,05 por cento.

O ouro que tinha os seus preços compra a rondarem os mil escudos, na segunda-feira, viu a sua cotação ser fixada, na sexta-feira, pelo Banco de Portugal, a 1058 escudos.

Energia solar chega aos brinquedos

A tecnologia solar e o regresso triunfal da boneca são as grandes novidades da 31.ª Feira Internacional dos Brinquedos inaugurada em Nuremberga, na República Federal da Alemanha. O certame é destinado a comerciantes de brinquedos de todo o mundo, pelo que as suas portas permaneceram fechadas às crianças.

Mas em breve, os mais pequenos poderão admirar um avião, um boneco que serra madeira e outro que faz ginástica, todos eles movidos a energia solar.

Hoteleiros querem "bica" a 12,5 escudos

Um aumento de dois escudos no preço da «bica» implicaria uma margem de lucro de 1,18 escudos por cada «café» vendido, segundo elementos recolhidos junto de entidades e estabelecimentos do sector.

A questão de um eventual aumento da «bica» — actualmente em estudo no Ministério do Comércio e Turismo — suscitou um estudo, que concluiu que os estabelecimentos do ramo terão neste momento um prejuízo de 32 centavos por «bica».

De acordo com os dados recolhidos, a actual estrutura de custos da «bica» é a seguinte: matéria-prima (café), 3,64 escudos, encargos gerais (salários, electricidade, água, etc.), 3,83 escudos, açúcar, 0,35 escudos — o que perfaz o total de 7,82 escudos.

Isto com base nas hipóteses de o preço médio de venda à indústria hoteleira de um quilo-grama de café ser de 520 escudos, de em cada «bica» serem consumidos em média sete gramas de café puro e os encargos gerais terem sofrido um aumento médio de 75% desde Abril de 1977.

Como é do conhecimento geral o preço do café varia bastante, em função da qualidade, o mesmo sucedendo à quantidade de café consumida em cada «bica» (que se supõe ser de café puro).

Os valores em que se basearam os cálculos efectuados resultam de um breve inquérito realizado junto de armazénistas e estabelecimentos de venda da bebida.

Os encargos gerais, que em Abril de 1977 (data do último aumento da «bica») representavam um custo de 2,19 escudos

por cada «bica» vendida, sofreram — segundo a União das Associações da Indústria Hoteleira do Norte (UAIHN) — um agravamento de 75%.

A data daquele aumento, segundo um estudo da Comissão Interministerial do Café, a margem de lucro era de 1,11 escudos.

Tais cálculos tinham então por base o quilo-grama de café a 412,5 escudos e um consumo médio de 9,1 gramas de café por «bica».

A VERSÃO DOS EMPRESÁRIOS

Para a UAIHN, a venda de cada «bica» causa, neste momento, um prejuízo de 2,03 escudos. Um tal resultado baseia-se na hipótese de um quilo-grama de café custar 595 escudos e de o consumo de café por «bica» ser de nove gramas.

Aquela União de Associações reivindica um aumento da «bica» para 12,5 escudos, prevendo já um crescimento das cotações internacionais do café.

Com este preço, o lucro por «bica» passaria a ser 4,62 escudos.

Quanto à tendência dos preços do café nos mercados internacionais, alguns especialistas admitem que decresçam no primeiro semestre de 1980, em consequência dos objectivos de exportação dos produtores, fase a que se seguirá provavelmente outra de recuperação devido às geadas brasileiras e à reconstrução de reservas por parte dos países importadores.

Ainda na passada terça-feira, os produtores colombianos acusavam a bolsa de Nova Iorque de «falta de seriedade», na sequência de um documento divul-

gado pela Embaixada norte-americana em Bogotá, em que se afirmava que «a queda dos preços do café não obedecerá a mecanismos adoptados pela bolsa».

Se, por exemplo, os importadores adquirirem o café a 180 escudos por quilo-grama (preço CIF, em Lisboa), o produto será vendido aos estabelecimentos a 554,3 escudos. Se o preço diminuir, por exemplo, para 150 escudos, (para os importadores) baixava para os estabelecimentos para 505,7 escudos.

Como se vê, uma variação, a este nível de trinta escudos, no preço inicial, implica uma variação de 48,6 escudos no custo final.

A importância de tal reflexo deve-se ao extenso conjunto de taxas e margens existentes no circuito percorrido pelo café até chegar à indústria hoteleira, as quais foram agravadas em Julho de 1979, quando o IV Governo Constitucional introduziu uma taxa de noventa escudos sobre cada quilo-grama de café importado (que reverte para o Fundo de Abastecimento) e aumentou as margens de comercialização e o imposto de transacção.

Neste momento a abolição pura e simples da taxa de noventa escudos faria baixar o preço de venda do café à indústria, hoteleira de 520 para 374 escudos, implicando um lucro de 71 centavos por «bica».

A abolição dessa taxa implicaria contudo, uma perda de cerca de um milhão de contos para o Fundo de Abastecimento.

Ainda a este respeito, saliente-se que, naquela bolsa, a cotação do café tem vindo a baixar desde Novembro de 1979.

A cotação do «Robusta», por

exemplo, passou de 182 para 165 centavos por libra-peso (cerca de 180 escudos o quilo-grama) de Novembro último para 10 de Janeiro de 1980.

Este «Robusta» é uma qualidade-padrão, tendo por base os «Robusta» de Angola e do Uganda.

Portugal, por seu turno, adquire os cafés de mais baixa qualidade: em 1978, foram importadas quase dez mil toneladas, 50% das quais provenientes da Indonésia (o café de qualidade mais fraca), 30% do Brasil, 8% de Angola, 5,5% do Zaire e 3,5% da Nigéria.

Desde Abril de 1977, a evolução das cotações internacionais do café conheceu várias fases: decresceu bastante até Março de 1979, altura em que começou uma curva ascendente que terminaria em Novembro último.

Em 10 de Janeiro de 1980, as cotações do café na bolsa de Nova Iorque registavam um decréscimo de cerca de 60% relativamente a Abril de 1977.

A cotação do produto nos mercados internacionais assume grande importância se tivermos em conta o seu reflexo na formação do preço de venda à indústria hoteleira.

Após dois meses de subida

Bolsa de Lisboa em maré baixa

Depois de quase dois meses de ascensão vertiginosa, as cotações da Bolsa de Lisboa oscilaram esta semana à procura de um ponto de equilíbrio com recuos generalizados.

O índice Totta e Açores das acções, que tinha encerrado a 221,2 na semana passada, fechou a 188,5 com uma baixa de 22,1 no conjunto da semana.

Uma excepção a estas quedas foi a Adumina, recentemente admitida à cotação, que subiu toda a semana para fechar a 4000, com mais de 925 escudos desde terça-feira.

A Compal foi também dos poucos títulos que remaram contra a corrente de baixas: abriu a 570 e com subidas em todas as sessões acabou a 890.

A Lisnave, que tinha liderado as subidas, desceu, ficando a 4500 com menos QMTRP do que na semana passada.

Os Fornos Eléctricos, que tinham experimentado uma subida vertical, encerraram a 390, depois de terem sido negociados a 525 na terça-feira.

Nas obrigações o movimento manteve-se elevado com a sessão de sexta-feira a

ultrapassar os 4500 milhares de escudos.

As obrigações do tesouro-ouro foram movimentadas em todas as sessões, encerrando a 2180, mas o maior volume de operações fez-se com os empréstimos recentes do tesouro. O Tesouro-FIP Classe A — 23 — por cento encerrado a 1070 escudos (setenta escudos acima do valor nominal).

Mas verificaram-se igualmente transacções (com títulos mais antigos) abaixo do valor nominal, em especial os que estão mais próximos da amortização.

can

SALDA

Rossio, 115
Av. de Roma, 17-A
R. Frederico Arouca, 45 — Cascais

R. Almeida e Sousa, 20-A
Av. 25 de Abril, 48 — Almada

ACEITAMOS CARTÕES SOTTO MAYOR E UNIBANCO

CLUBE RECREATIVO DA CRUZ DE PAU

CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do n.º 5 do artigo 16.º e de acordo com o n.º 2 do mesmo artigo dos nossos estatutos, convoco para o dia 9 de Fevereiro de 1980, pelas 21.30 h, a Assembleia Geral Ordinária do Clube Recreativo da Cruz de Pau, a reunir na sede do Clube, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Discussão e votação dos relatórios de gerência e de contas do ano anterior;
- 2.º — Diversos.

De acordo com o n.º 3 do artigo 16.º, reunirá a Assembleia à hora marcada com um número de 50 sócios ou, 30 minutos depois, com qualquer número.

Cruz de Pau, 28 de Janeiro de 1980

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ANTÓNIO MANUEL DA SILVA MARQUÊS

A partir do dia 5

Menos transportes no Porto

A Comissão Negociadora Sindical do Serviço de Transportes Colectivos do Porto tinha já anunciado a paralisação daqueles serviços com início no dia 5 do corrente, conforme noticiámos. Agora, em conferência de Imprensa, elementos da CNS afirmaram que essa tomada de posição se vai concretizar face à intransigência de Conselho de Gerência daquele serviço que desde o início das negociações «adoptou uma posição rígida e prepotente de recusa de negociação» do Acordo Colectivo de Trabalho.

Em comunicado à população e aos trabalhadores, a CNS diz saber «que esta paralisação lhe vai causar transtorno» pelo que apela à compreensão e solidariedade de todos («hoje somos nós e amanhã podereis ser nós»).

Os trabalhadores do S. T. C. P., conforme foi sublinhado, lutam «por condições de igualdade de salários e regalias sociais idênticas às de outros trabalhadores do sec-

tor de transportes (Carris e R. N.». Esses trabalhadores, que auferem em média 8.500.00 (líquidos mensais), não reivindicam «os chorudos salários praticados pela TAP» mas tão-somente «percentagens de aumentos que tentem aproximar-se da taxa de aumento do custo de vida».

PARALISAÇÃO: QUATRO DIAS

De acordo com o que foi estabelecido em plenário realizado no passado dia 28, os trabalhadores do S. T. C. P. (mais de meio milhão) páram nas seguintes datas: dia 5, das 4 às 12 horas; dia 7, das 4 às 16 h; dia 10, das 4 às 24; e, dia 11, das 0 h às 4 horas.

Recorde-se que os trabalhadores do S. T. C. P. pretendem fazer vingar as suas propostas de aumento (25 por cento). Por seu lado, o C. G. fixa esse aumento na ordem dos 19,8 por cento.

Salários são pomo de discórdia

Greve à vista na panificação

Face à recusa das entidades patronais de negociarem a revisão do seu contrato colectivo de trabalho, as associações sindicais do sector da panificação manifestaram a disposição de lutarem intransigentemente e por todos os meios ao seu alcance pela rápida actualização dos salários e demais regalias sociais.

Assim, em plenário efectuado no dia 24, na Federação respectiva, foi decidido «promover urgentemente reuniões, plenários, assembleias, etc., do Minho ao Algarve, a fim de informar convenientemente os trabalhadores e discutir as medidas a tomar».

De igual modo serão propostas aos trabalhadores várias for-

mas de luta incluindo a greve geral que deverá concretizar-se quando for considerado oportuno e necessário. Não são, entretanto, excluídas, outras formas de luta, tais como as greves selectivas, as greves parciais, as locais, etc.

Estas decisões foram tomadas na sequência de uma reunião e efectuada, no Ministério do Trabalho, no dia 23, e da qual «nada resultou de concreto».

«As associações patronais, mais uma vez, mantiveram-se intransigentes, recusando-se a negociar fosse o que fosse, sem que seja revista a taxa da panificação, isto é, aumentado o preço do pão», denunciam, a propósito, os dirigentes sindicais que estiveram nessa reunião.

E acrescentam: «De facto, querer o patronato que haja primeiro uma subida do preço do pão para depois negociar o CCT, é uma tática já bem conhecida de todos nós, sendo também um pretexto para nos explorar cada vez mais e aumentar os seus lucros».

A consequência da posição patronal foi a ruptura total das negociações e nem sequer o Ministério do Trabalho marcou nova reunião com vista a conseguir uma solução para o impasse. Por isso, os sindicatos envolvidos pretendem que aquele departamento governamental lhes comunique rapidamente as medidas que vai tomar para desbloquear a situação e solucionar o conflito.

Salários na origem Ultimo trimestre teve 67 greves

Sessenta e sete greves ocorreram no último trimestre de 1979 — informou, ontem, o Ministério do Trabalho.

As principais origens das greves verificadas ligaram-se a questões salariais e alterações quanto à organização e gestão de empresas.

O maior número de conflitos aconteceu no distrito de Lisboa (31), seguido do Porto (16), Setúbal (8), Leiria (7), Braga (6) e Castelo Branco (6).

Destas greves, vinte aconteceram em empresas com mais de mil trabalhadores, quinze em empresas com mais de 101 e menos de 500 trabalhadores e treze em empresas com mais de 501 trabalhadores e menos de mil.

Um documento do Ministério do Trabalho noticia que, em 1979, se verificaram 2106 despedimentos colectivos, contra 2593 em 1978 e 2320 em 1977.

Os sectores mais atingidos pelos despedimentos colectivos foram a metalomecânica (494), construção e obras públicas (470), madeira e cortiça (306), comércio (258) e transportes (256).

Os distritos mais atingidos foram Lisboa (874), Porto (395), Setúbal (370) e Aveiro (106).

Protesto contra prisões na Turquia

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal protestou, ontem contra a prisão de sete dirigentes sindicais turcos.

Um comunicado refere que tais prisões ocorrem numa altura em que «as forças imperialistas de todo o mundo fazem grande alarido à volta do legítimo direito de defesa do povo afegão».

A atitude do Governo turco, para a Federação sindical, é uma prova do que significa «para os laicos da política agressiva dos dirigentes americanos a tão apregoada teoria dos direitos do homem».

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal está filiada na CGTP/Intersindical.

Sindicato do Funchal manifesta desagrado

O Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Funchal protestou contra a «degradação das condições de vida dos trabalhadores do comércio e serviços».

Tal facto, afirma o sindicato, foi agravado pelo recente aumento de preço dos combustíveis.

Em comunicado, o sindicato afirma que «esta medida do Go-

verno AD é bem o espelho de que, apesar da sua demagogia, nada de bom» espera os portugueses.

O documento denuncia ainda o que classifica de «rude golpe» do actual ministro do Trabalho ao protelar a saída de quarenta contratos de trabalho, com a «argumentação de que não estavam acompanhados da devida fundamentação».

Bacalhau e arrasto costeiro também fazem paralisações

Os trabalhadores da pesca do bacalhau (zona Sul) decidiram recusar-se a embarcar para a campanha deste ano, para obrigarem a negociação da convenção colectiva de trabalho.

Esta decisão originou a não saída para o mar, na quinta-feira, de três arrastões que se destinavam ao Nordeste e Noroeste do Atlântico e implicará a permanência nos portos de mais de três dezenas de arrastões com largada prevista para os próximos quinze dias.

Os sindicatos representativos dos trabalhadores reivindicam aumentos que vão desde dez por cento na categoria mais elevada (comandante) a cem por cento no escalão mais baixo, correspondente ao trabalhador não qualificado, que vence actualmente 5250 escudos.

É reivindicada também a continuidade do emprego, visto que depois de cada viagem, com a duração média de cinco meses, o trabalhador pode ser despedido pela entidade patronal — disse um dirigente sindical.

Outros pontos em litígio dizem respeito ao horário de trabalho de dezasseis horas diárias na faina, que os sindicatos pretendem reduzir para oito horas, bem como a criação de compensações para o trabalho efectuado em domingos ou feriados.

ARRASTO COSTEIRO

Mas, como já ontem noticiámos, no sector das pescas verificam-se outras perturba-

ções, ainda e também resultantes das condições e tempo de trabalho e respectivas remunerações. E caso da pesca de arrasto costeiro, cujos trabalhadores deverão parar durante cinco dias a partir já da próxima segunda-feira.

Os reflexos serão imediatos, não só na economia do país como também e inevitavelmente na bolsa, do consumidor. De facto, a greve de cinco dias traduzir-se-á, na prática, por falta de peixe durante nove dias, dado que se interpõem dois fins-de-semana. Paralelamente as «cotações» do peixe subirão como consequência inelutável deste mercado que é o nosso.

Nas negociações que têm decorrido, o patronato tem contraposto às propostas dos trabalhadores, menos de metade dos aumentos salariais reivindicados. Por isso, anteriormente já se registaram paralisações de 24 e 48 horas, nos dias 8 de Outubro e 10 de Dezembro do ano passado, respectivamente.

VINHOS

O Sindicato Livre do Norte dos Trabalhadores de Armazéns deu ao Governo um prazo de dez dias para publicar as alterações à regulamentação colectiva de trabalho para o sector de vinhos. Findo este prazo, diz um comunicado do sindicato, os trabalhadores em plenário vão decidir «as formas de luta convenientes».

De acordo com o sindicato a situação dos trabalhadores do sector «é agora mais preocu-

pante, pois o actual Governo suspendeu a publicação de grande número de contratos, congelando de facto a contratação colectiva».

O comunicado sublinha que as justificações dadas para o atraso da publicação da contratação do sector «não convencem, pois a causa é a burocracia do Governo».

Terminada paralisação nas bombas de gasolina

Os trabalhadores das garagens e dos postos de abastecimento de combustíveis terminaram, na noite passada, uma greve de 48 horas desencadeada para apoio das suas reivindicações de ordem salarial.

A adesão, a nível nacional, cifrou-se nos 80%, tendo sido verificados numerosos atropelos à lei da greve, uma vez que os opatrões contrataram, em numerosos casos, pessoal que substituiu os grevistas.

Por outro lado, como ontem assinalámos, muitas empresas, particularmente na linha de Cas-

cais, passaram a cumprir as reivindicações dos trabalhadores, até com pagamento de retroactivos, mesmo antes de estarem acordados as novas tabelas que têm sido recusadas pela associação patronal (ANAREC).

Entretanto, a Federação dos Rodoviários denunciou, em comunicado, a «manobra» do actual Governo ao aumentar os preços dos combustíveis no dia do início da greve, «para assim fazer crer às populações que o aumento da gasolina e do gasóleo se justifica devido às reivindicações dos trabalhadores».

Falta de médicos nos Açores

As ilhas das Flores, S. Jorge e Santa Maria poderão ficar sem assistência médica.

Esta situação deve-se ao

atraso na colocação dos médicos à periferia, visto os actuais clínicos terminarem amanhã o seu tempo de prestação de serviço nos Açores.

resto de colecções

SALDOS

ITALIANS

alta sapataria

Rua Garrett, 98 - Lisboa

Primaz

Rossio, 115
Av. de Roma, 17-A
R. Almeida e Sousa, 20-A

SALDA

ACEITAMOS CARTÕES SOTTO MAYOR E UNIBANCO

R. Frederico Arouca, 45 — Cascais
Av. 25 de Abril, 48 — Almada

A Espanha, a NATO e a guerra fria

A questão da entrada da Espanha na NATO é tão velha como a própria NATO. Na verdade, a fazermos fé na história da Aliança, que está a ser contada em «Notícias da OTAN» por Theodore Achilles, vice-presidente do Conselho Atlântico dos EUA, reconhecia-se logo nos primórdios da assinatura do Tratado que «a Alemanha, a Grécia, a Turquia e a Espanha eram potencialmente futuros membros da Aliança».

Trinta anos vão decorridos desde então e esse passo não foi ainda dado. Há velhas razões e razões novas para que assim aconteça. As velhas razões têm que ver com a situação de Espanha, durante alguns anos banida do convívio internacional, quando, na sequência da derrota do nazi-fascismo, os sentimentos democráticos estavam ainda muito vivos e se tinha como certo que a Espanha franquista — «criatura» de Hitler e Mussolini — teria os seus dias contados. Mas logo em 1950, quando a «guerra fria» aqueceu na Coreia, os EUA mostram um grande interesse pela Península Ibérica, tanto nos seus aspectos estratégicos como económicos. Nesse ano, Washington vota uma primeira série de créditos a Madrid, num total de 62,5 milhões de dólares. Em 53, as negociações hispano-americanas culminam nos acordos bilaterais de Setembro, os quais prevêm um auxílio económico e o estabelecimento de bases americanas em território espanhol. Do ponto de vista militar, os EUA obtiveram assim, «um gigantesco porta-aviões situado entre o Atlântico e o Mediterrâneo, na retaguarda da Europa e às portas da África Ocidental» (Triunfo). Do ponto de vista económico, para Washington estes acordos facilitavam a penetração dos seus capitais num país europeu pobre, subdesenvolvido e dotado dum regime que dava garantias de assegurar «paz social» e «estabilidade salarial».

Para o regime franquista, as vantagens destes acordos

foram evidentes: foram um instrumento decisivo para pôr termo ao seu isolamento internacional e constituíram um importante «escudo protector» no plano interno.

Apesar de tudo, a Espanha franquista teve a flexibilidade necessária para não se deixar enredar no cego pró-americanismo. A sua sobrevivência como regime deveu-se, aliás, ao pequeno envolvimento que consentiu na Segunda Guerra Mundial, não se dispondo a pagar o alto preço que o Eixo lhe exigia pela sua protecção anterior. Com um cinismo ridículo, Franco não hesitou mesmo em tentar alinhar com os Aliados, declarando guerra ao Japão... em 11 de Abril de 1945. Tal como mais tarde, não hesitou em adoptar posições «anti-colonialistas» como um meio de se fazer aceitar na comunidade internacional. Isolada depois da guerra, continuou sem hesitações uma política pró-árabe que não abandonou, por causa dos acordos com os EUA. Mais tarde não se sujeitou às pressões de Washington para impor um bloqueio a Cuba socialista, país com o qual manteve sempre relações. E não hesitou nos fins dos Anos 60 em adoptar uma *ostpolitik*, que seria impensável, por exemplo, no Portugal de então.

Esta atitude permitiu-lhe fazer exigências financeiras aos EUA em troca das bases, exigências que a certa altura levaram Washington a expressar o seu propósito de renunciar à utilização das bases e que vieram a traduzir-se por um atraso de



Encontro inesperado Adolfo Suarez — James Carter na Casa Branca. Um perigoso passo para a entrada da Espanha na guerra fria?

cinco anos na renovação dos acordos.

Nos finais da década de 60, o ingresso da Espanha na NATO veio uma vez mais à baila, chegando a circular insistentes rumores segundo os quais Madrid faria a exigência de ver resolvido o caso de Gibraltar para aderir ao Pacto do Atlântico. Esta hipótese nunca chegou a concretizar-se.

As razões novas a que acima aludimos têm que ver com a situação nacional espanhola e internacional, que se vive depois da morte do caudillo e da instituição de um regime democrático ocidental no país vizinho.

Os partidos da oposição de esquerda (nomeadamente o PCE, e, com menor clareza, o PSOE) são hostis à entrada de Espanha no Pacto Atlântico. A defesa da neutralidade do país prende-se a considerações de natureza externa (salvaguarda da nação espanhola num mundo ameaçado de conflitos) e a motivações de ordem interna (evitar a dinâmica de direita, que a entrada da Espanha na NATO decerto fortaleceria).

Mas nas próprias fileiras do partido governamental — UCD — surgem reservas quanto ao empenhamento atlântico do país. É que uma vez agregada ao carro da NATO, a Espanha perderia a sua capacidade de manobra diplomática. Os países árabes, seus tradicionais aliados, não aceitarão que as bases americanas em território espanhol (cuja utilização depende agora da autorização de Madrid, que já a rejeitou por respeito para com os interesses da nação árabe) se transformassem em trampo-lim posto à disposição da NATO para as aplicações que esta melhor entendesse. Por outro lado, Ceuta e Melilla, sob controlo espanhol, seriam uma pesada ameaça para a África e para o mundo árabe; se Madrid ficasse integrado na NATO.

A Espanha tem seguido uma política de aproximação com o movimento dos não-alinhados e tem procurado exercer um papel mediador entre o Ocidente, por um lado, e o mundo árabe, africano e latino-americano, por outro. Esta política exige-lhe a contrapartida de actos independentes em relação às exigências «atlantistas», dando-lhe em

compensação, um papel de relevo na cena internacional, e ganhos seguros nas suas relações económicas com vastas zonas mundiais.

Que lhe daria a NATO em troca? A perda de todas essas vantagens, a sua conversão num peão a mais no jogo «atlântico», se não mesmo, a sua integração no ambicioso projecto oeste-alemão, que pretende constituir, sob a égide de Bonn, um bloco intra-NATO, constituído pela RFA, Espanha e Portugal, a funcionar como contrapeso à vocação autónoma militar da França.

Estas reflexões parecem pesar com bastante força em certos círculos do partido governamental, tanto mais que continua a existir dentro de certos países da Europa «atlântica» uma reserva à entrada da Espanha na NATO. De facto, do ponto de vista de encargos com a defesa, registar-se-ia uma deslocação das despesas americanas para o corpo da NATO. Sabe-se com que dificuldades os países europeus da NATO aceitam e cumprem o aumento de 3% seus gastos militares exigido a partir do ano passado

Alice Nicolau

e alargado até 1986.

É neste contexto que surge há dias a «viagem-relâmpago» do primeiro-ministro Adolfo Suarez a Washington, numa altura em que a tensão internacional subia ao rubro devido à crise do Afeganistão. Nenhuma explicação foi dada em concreto sobre os objectivos e os resultados desta viagem.

Num artigo intitulado «Espanha e a Guerra Fria», o comentarista E. Haro Tecglen, escreve na revista «Triunfo» que esta viagem decerto não significará uma reafirmação da neutralidade espanhola. E o articulista afirma «desejariamos poder esperar que esta visita não tenha sido a afirmação de uma solidariedade sem limites, mas antes a reflexão de que a Espanha não deve envolver-se na guerra fria, e muito menos na outra».

Para a revista «Triunfo», o envolvimento da Espanha na guerra fria «pressuporia para» o país vizinho «uma alteração considerável nas formas políticas que mal começou agora a ensaiar. Nem sequer países de velha e experimentada democracia, como a França, conseguiram manter as premissas da democracia na anterior guerra fria. Muito menos o conseguiria a Espanha, com um fundo fascista demasiado latente, demasiado na expectativa de qualquer situação conservadora para voltar a mostrar-se à luz do dia: Suarez e a UCD seriam eles próprios as primeiras vítimas da situação».

A reflexão de E. Haro Tecglen parece-nos muito pertinente. Sobretudo a nós, portugueses, que temos também na nossa sociedade um «fundo fascista latente» e que vivemos sob um governo, aparentemente disposto a embarcar de armas e bagagens na guerra fria. Com todos os riscos que isso vai implicar para a sobrevivência do nosso regime democrático.

Fidel denuncia ameaças à paz

O presidente cubano Fidel Castro apelou hoje à comunidade internacional para que adopte decisões positivas para a industrialização do Terceiro Mundo e evite confrontações entre nações ricas e pobres.

Numa mensagem enviada à Terceira Conferência Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Castro referiu que sem «recursos para o desenvolvimento não haverá paz».

Acrescentou que «o desenvolvimento é uma necessidade inextinguível, constitui um compromisso de toda a Humanidade, a sua realização beneficiar-nos-á e o seu atraso afectar-nos-á a todos».

Na óptica do presidente cubano, «a industrialização é o elemento mais dinâmico do desenvolvimento e constitui uma parte inseparável desse processo».

Fomentar a industrialização — disse Fidel Castro — como é objectivo desta conferência, é apoiar a causa do desenvolvimento e contribuir para ele de forma decisiva».

Representantes dos países em vias de desenvolvimento defenderam na conferência que as instituições financeiras existentes eram inadequadas, tendo em vista as necessidades para a expansão significativa do investimento na indústria.

RESERVAS SOBRE FUNDO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Alguns delegados dos países desenvolvidos expressaram as suas reservas à constituição de um novo Fundo para a Industrialização.

A Suécia sugeriu a discussão do montante global a atribuir ao fundo e a Checoslováquia pediu o estabelecimento de acordos inter-governamentais nos campos da economia, indústria e investigação científica e possibilidades de pagamento de créditos em espécie.

Para a Jugoslávia, o fundo era uma das mais importantes propostas políticas da conferência.

Para a Tunísia, o fundo apenas satisfaria parte



das necessidades financeiras dos países em vias de desenvolvimento.

O Japão anunciou a abolição de direitos e de limites para a importação de mercadorias procedentes dos países em vias de desenvolvimento.

Um porta-voz do Grupo dos 77, que engloba os países do Terceiro Mundo, afirmou que a industrialização deverá depender não apenas dos esforços internos de cada país, mas da cooperação com os países desenvolvidos.

Representantes dos países do Grupo B — o das nações industrializadas — afirmaram que a cooperação entre os países em vias de desenvolvimento não pode substituir a cooperação com os desenvolvidos, considerando os dois processos como complementares.

Importante remodelação no Governo de Hanói?

As autoridades vietnamitas efectuaram a mais profunda remodelação governamental desde o final da guerra — referem notícias ontem chegadas a Paris.

No âmbito da alteração teriam sido afastadas diversas personalidades, entre as quais o veterano comandante das Forças Armadas e ministro da Defesa, general Nguyen Giap.

As informações, veiculadas por círculos diplomáticos e jornais franceses, assinalam que a remodelação ficou, aparentemente, a dever-se ao facto de a chefia vietnamita «não ter conseguido pôr rapidamente termo à guerra no Kapuchea».

A esta circunstância juntar-se-iam, segundo as mesmas versões, dificuldades económicas internas.

Segundo o jornal «Le Monde», a mudança foi complementada por saneamentos nas fileiras do Partido e coincidiu com uma nova ofensiva militar vietnamita contra posições dos Kmers Vermelhos ao longo da fronteira com a Tailândia.

O diário francês acrescenta que estes acontecimentos foram confirmados de modo semi-oficial em Hanói.

No entanto, em Paris, a Embaixada vietnamita não confirmou de imediato a notícia.

As versões precisam que Nguyen Giap, de 68 anos, que comandou o exército do Vietname na primeira guerra da Indochina contra a França, de 1947 a 1954, foi substituído pelo seu «braço

direito», o general Van Tien Dung.

Van foi o responsável pela estratégia militar que, em 1975, conduziu à vitória no Vietname do Sul.

Também os ministros dos Negócios Estrangeiros, Nguyen Duy Trinh, e do Planeamento Económico, Le Thanh Nghi, foram exonerados dos cargos acrescentados às versões.

O novo chefe da diplomacia vietnamita será Nguyen Co Thach, que ocupava o cargo de vice-ministro no mesmo departamento.

Em 1973, Nguyen Co Thach participou na supervisão das negociações que conduziram aos acordos de Paz do Vietname, firmados em Paris e que vieram a abortar.

Than Nghi será, por seu turno, substituído pelo segunda figura do ministério Nguyen Lam, perito em assuntos económicos.

Algumas versões admitem que Nguyen Giap tenha sido substituído para, mais tarde, passar a chefiar o Governo, substituindo o primeiro-ministro Phan Van Dong.

Este último passaria a ocupar o lugar de chefe do Estado logo que a nova Constituição do Vietname reunificado entre em vigor ainda este ano.

A nomeação do general Tien Dung para titular da Defesa foi acompanhada de promoções de oficiais das Forças Armadas, de acordo com as fontes.

PROVOCAÇÕES CHINESAS

As tropas chinesas efectuaram uma série de acções armadas na fronteira sino-vietnamita, informa a Agência de Informação do Vietname.

Assim, a 17 de Janeiro, soldados chineses infiltraram-se mais de um quilómetro em território vietnamita, no distrito de Thongnong, (provincia de Caobang), tendo morrido um guarda-fronteira. Três guardas-fronteiras foram feridos e levados pelos chineses.

A 20 e 21 de Janeiro, fizeram fogo contra território vietnamita, na provincias de Caobang e Hoanghienson, e na comuna de Hoanhmo, na provincia de Quangninh. Assinalam-se mortos e feridos entre a população. Nesta última provincia, provocações semelhantes foram depois repetidas a 22 e 23 de Janeiro.

Por outro lado, indica a agência, a China continua a violar o espaço aéreo do Vietname. A 13 de Janeiro, aviões das Forças Aéreas chinesas penetraram na região de Moncay, provincia de Quangninh e numa ilha situada nas proximidades de Haiphon.

Centenas de violações das águas territoriais foram também registadas ao largo do litoral ocidental da RSV, de 18 a 30 de Janeiro.

EUROPA

Após a morte de 6 polícias

Brigadas antiterroristas enviadas para o País Basco

O Governo espanhol vai enviar brigadas especiais antiterroristas para o País Basco, após o mais sangrento ataque da guerrilha urbana na história recente da agitada região.

Nomeou também um tenente-general para comandar a ofensiva contra guerrilheiros separatistas bascos.

Homens armados, que se crê serem separatistas bascos, apanharam ontem numa emboscada um comboio de transporte de armamento e abateram seis guardas civis num ataque efec-

tuado com precisão militar, que elevou o total de mortos em consequência da onda de violência política na região basca para 24, este ano.

O informador oficial, Josep Melia, anunciou, após uma sessão do gabinete, ontem, à noite, que o tenente-general José Saenz de Santamaría, considerado um perito na luta contra o terrorismo, teria autoridade sobre todas as forças de combate à guerrilha urbana na região.

O informador disse ainda que brigadas especiais estavam a ser enviadas para reforçar a Polícia Armada e a Guarda Civil. Incluíam uma unidade do Grupo Especial de Serviços (GEO), uma cópia quase fiel das forças britânicas (SAS) e alemãs ocidentais (GSG).

A emboscada de ontem aumentou receios de uma reacção da direita. Os «Grupos Armados Espanhóis» (GAE), uma organização neofascista, ameaçaram, em Janeiro, matar quatro nacionalistas por cada agente da Po-

lícia ou militar assassinado pelos separatistas. Os GAE reivindicaram a responsabilidade pela explosão de uma bomba num bar que matou quatro pessoas em Bilbao, no mês passado.

Quatro homens armados e encapuçados largaram ontem, à noite, fogo a uma sala onde se efectuava um comício do Partido Socialista Basco, mas não houve feridos.

Em Madrid, cerca de 500 mulheres, vestidas de luto, concentraram-se ontem, à noite, defronte do Q.G. da Guarda Civil, cantando hinos fascistas e rezando pelos seis guardas mortos.

O País Basco aprovou um estatuto de autonomia num referendo, em Outubro último, e deverá eleger o seu parlamento autónomo, em 9 de Março. No entanto, a ala militar da ETA, a organização separatista basca, rejeitou o estatuto.

Vítima de atentado

Ex-ministro Fontanet faleceu em Paris

Joseph Fontanet, antigo ministro centrista do general de Gaulle faleceu hoje de manhã no hospital Laennec em Paris na sequência dos graves ferimentos causados por um atentado que ocorreu ontem junto do seu domicílio parisiense. Joseph Fontanet fora atingido a tiro e tinha sido submetido a uma intervenção cirúrgica esta madrugada.

Joseph Fontanet, que foi um dos fundadores, depois da guerra de 1939/45 do Movimento Republicano Popular (MRP), foi várias vezes ministro, da Saúde, do Trabalho, e, finalmente, da Educação Nacional de 1972 a 1974. Derrotado nas eleições legislativas parciais, retirou-se da vida política em 1974.

Um grupo intitulado «Brigadas Autónomas Revolucionárias» reivindicou ao princípio da tarde

de ontem o atentado de que foi alvo Fontanet. Num telefonema anónimo à France-Presse o autor da chamada precisou que Fontanet fora atacado pelo papel que desempenhou nos governos Pompidou, quando foi ministro do Trabalho e da Educação.

«O ministro Fontanet é um dos primeiros, outros se seguirão», acrescentou o correspondente, precisando que os disparos foram feitos de um automóvel «Alfetta» às 0.17.»

As BAR manifestaram-se pela primeira vez em Janeiro de 1979, reivindicando actos de vandalismo na zona da estação parisiense de Saint-Lazare.

Os investigadores admitem, no entanto, todas as hipóteses, desde o atentado político até ao crime de direito comum, sem esquecer um possível equívoco.

As actividades presentes de Fontanet dificilmente justificam a hipótese de um crime político. Com efeito, o antigo ministro afastara-se praticamente da cena política para assumir, após uma experiência mal sucedida no lançamento do jornal «J'Informe», a direcção da «Soderec» (sociedade de Estudos e de



Realizações para os Equipamentos Colectivos).

É assim de considerar igualmente a possibilidade de um móbil crapuloso. Talvez se tratasse de um meliante especializado no roubo por esticção que em dificuldades não terá hesitado em servir-se da sua arma.

Pode admitir-se, por fim, a hipótese de um pistoleiro contratado ter confundido Fontanet com outra pessoa.

RFA

Gatunos audaciosos roubam 29 mil contos

Vinte e nove mil contos foi quanto rendeu um assalto audacioso cometido na quinta-feira numa localidade perto da cidade oeste-alemã de Heidelberg. O assalto — um dos maiores registados na RFA — revestiu-se de características singulares. Dois indivíduos tocaram à porta da residência de Martin Heckman, caixa de um banco de depósito de poupanças, e declararam que vinham entregar uma encomenda.

A filha dos donos de casa deixou a porta aberta, enquanto ia buscar dinheiro para pagar aos supostos «carteiros». Sob a ameaça de uma pistola, os assaltantes entraram e obrigaram-na a pedir por telefone ao pai que viesse urgentemente a casa. Depois amarraram toda a família a cadeiras e manteve-

ram-na sequestrada até chegar o caixa. Quando este chegou, um dos gatunos ficou a vigiar a família sequestrada enquanto outro acompanhou o funcionário bancário numa volta pela cidade para se apoderar dos outros bancários que tinham as chaves necessárias para abrir o cofre forte. As famílias de cada um desses outros funcionários foram sendo sistematicamente conduzidas sob sequestro à casa de Heckman, onde ficaram também atadas a cadeiras. Depois foi só levar os quatro bancários, obrigá-los a abrir o cofre, sacar o dinheiro, juntar em casa de Heckman os quatro funcionários bancários, amarrá-los a eles também e desaparecer do local. A Polícia só foi alertada quando um dos reféns conseguiu libertar-se.

Vitória jurídica dos grevistas britânicos

Os trabalhadores em greve da indústria do aço britânica ganharam ontem uma batalha jurídica que lhes permitirá intensificar a pressão sobre os patrões e o Governo para obterem o aumento dos seus vencimentos.

A Câmara dos Lordes — instância suprema do país — rejeitou a ordem de um tribunal de apelação que impedia que a greve, iniciada há 30 dias, fosse alargada ao sector privado.

Os 100.000 grevistas trabalharam para a empresa estatizada British Steel Corporation (BSC) e estão a lutar por aumentos sala-

riaes que compensem a inflação britânica, que atingiu a taxa anual de 17 por cento.

Uma controversa decisão anunciada no passado fim-de-semana por um juiz do Tribunal de Apelação, Lord Denning, com 81 anos, proibia aos sindicatos do aço que declarassem a paralisação dos 17.000 metalúrgicos nas fábricas do sector privado.

Bill Sims, dirigente da Confederação Sindical do Ferro e do Aço (ISTC) declarou que o veredicto de hoje terá um enorme impacto na disputa.

«Cimeira» franco-britânica

O chanceler alemão-federal Helmut Schmidt visita a França amanhã para discutir com o presidente Giscard d'Estaing a resposta da Europa à crise afgã, informaram fontes oficiais em Bona.

As mesmas fontes assinalaram que a República Federal da Alemanha desempenhará um papel de liderança na organização do auxílio militar e económico à Turquia.

Precisando o âmbito do auxílio, indicaram que o planeado apoio militar de Bona aumentará o orçamento da defesa da Ale-

manha Federa nos 3 por cento que os aliados da NATO se comprometeram a atingir, em resposta ao pedido dos Estados Unidos.

Segundo a UPI, a RFA fornecerá entre outro material, à Turquia, sessenta tanques de combate Leopard I.

Na sua deslocação a Paris, o chanceler Helmut Schmidt fará-se acompanhar da maior delegação ministerial que já participou em conversações franco-germânicas, que se realizarão duas vezes por ano, num processo iniciado em 1963.

AFRICA

Depois da intervenção francesa

Anunciado na Tunísia o começo da luta armada contra o regime

Dois comunicados de um denominado «Comité Revolucionário para a Libertação da Tunísia», enviados à AFP, afirmam que um «grupo tunisino de jovens militantes livres começou a revolução popular» e «proclamou a luta armada».

O primeiro destes textos é datado de 28 de Janeiro em Gafsa e o segundo de 31 de Janeiro em Tunis. Em ambos os casos trata-se de fotocópias sem assinatura, datadas ontem no correio em Paris. Fazem referência a um «Comité Geral Revolucionário para a Libertação da Tunísia» mas nada adiantam sobre os nomes das pessoas que o integram ou dirigem.

A luta legítima empreendida em Gafsa traduz «os votos formulados mil vezes pelo povo» (tunisino), afirma o primeiro comunicado, anunciando o segundo que essa luta continuará a travar-se «até que as massas militantes recuperem as suas liberdades e os seus direitos sobre a terra tunisina».

O mesmo comunicado afirma que a operação de Gafsa não tem «nenhuma ligação directa ou indirecta com a Argélia e a Líbia ou qualquer outro país estrangeiro».

O texto denuncia igualmente «a intervenção do Governo francês (...) que apoiou as forças bourguibianas nos combates de Gafsa», afirmando que «não hesitará em atacar os interesses franceses e as forças intervencionistas na Tunísia».

Entretanto, o Governo líbio desmente oficialmente as acusações de implicação nos incidentes.

A INTERVENÇÃO FRANCO-AMERICANA

Ibrahim Tobal, dirigente do movimento tunisino da oposição, acusou a França de enviar a sua Marinha, a sua Força Aérea e pára-que-distas para salvar o Governo do presidente Habib Bourguiba.

Numa carta entregue à Reuters em Argel, Tobal pede resistência por todos os meios à intervenção militar francesa na Tunísia.

A França — declara — está a agir da mesma forma que quando enviou tropas para o Zaire, o Tchade, a Mauritânia e a República Centro-Africana, para apoiar regimes podres.

Fonte fidejgna de Washington revelou, por sua vez, que os Estados Unidos aceitaram fornecer à Tunísia helicópteros e engenhos blindados de transporte de tropas num prazo muito curto.

Este acordo prevê a entrega de seis helicópteros «Bell Huey» e de 30 engenhos blindados «M-113». Este material poderá chegar à Tunísia antes do fim do mês, indica a mesma fonte.

O general Boubaker Balma, director da Segurança Militar tunisiana, teve uma entrevista de várias horas, sexta-feira, no Pentágono, com altos funcionários do Departamento da Defesa.

É para permitir às Forças Armadas tunisianas tomarem medidas que possam fazer frente a eventuais novos golpes de força, como o que se verificou em Gafsa, que o Governo americano respondeu tão rapidamente ao pedido tunisino de auxílio militar, dizem os meios militares de Washington.

ASIA

Aniversário do regresso do «ayatollah» Khomeiny

Dezenas de milhares de pessoas desfilaram ontem defronte do hospital onde se encontra o «ayatollah» Khomeiny, marcando o primeiro aniversário do seu regresso ao Irão depois do exílio de quinze anos.

A Imprensa, a Rádio e Televisão apelaram para que os manifestantes acorressem junto da clínica mas advertiram-nos para não fazer barulho.

Um comunicado médico emitido hoje indica que Khomeiny, que se encontra em tratamento

cardíaco, poderá ter alta dentro de poucos dias.

Fontes em Teerão revelaram entretanto que o novo presidente eleito Abolhassan Bani-Sadr, ganhou o seu primeiro teste de poder ao obrigar aparentemente a uma depuração na Televisão e Rádio do Estado.

Bani-Sadr tinha acusado esta semana as estações nacionais de tentarem boicotar a sua campanha presidencial, ao recusarem emitir os seus discursos.

Gromyko em Bucareste

O presidente romeno, Nicolae Ceausescu, e Andrei Gromyko, ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, prosseguiram ontem em Bucareste, as suas conversações.

Nas conversações tomara parte, do lado romeno, Paul Niculescu, vice-primeiro-ministro, e Stefan Andrei, ministro dos Negócios Estrangeiros. DO lado soviético, estiveram presentes M.V.F. Maltzev, primeiro suplente do ministro dos Negócios Estrangeiros e o embaixador da URSS em Bucareste.

A agência Agerpres, que difundiu este comunicado, acrescenta que o mesmo não faz qualquer alusão aos problemas evocados durante as conversações.

Os observadores ocidentais descobrem na atmosfera sob a qual decorrem estes encontros Ceausescu - Gromyko que as relações entre a URSS e a Roménia terão entrado numa nova fase, porventura mais crítica.

Beatriz da Holanda

A entronização da nova Rainha da Holanda, Beatriz I, realizar-se-á em 30 de Abril, em Amesterdão, segundo anunciou ontem à noite o primeiro-ministro Andreas Van Agt.

Esta data coincidirá com a abdicação da actual Rainha Juliana, que nesse dia festejará o seu 71.º aniversário.

AMÉRICA

Guatemala

Camponeses mortos na Embaixada vão hoje a enterrar

Os 23 camponeses que morreram no incêndio da Embaixada de Espanha na Guatemala na quinta-feira, quando procediam à sua ocupação, vão ser enterrados hoje à tarde segundo anunciaram os estudantes numa conferência de Imprensa dada na Universidade.

Os corpos das vítimas foram transportadas para a universidade, tendo sido reclamados ao Governo pelas suas famílias.

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Guatemala, Adolfo Molina Orantes e o vice-presidente Eduardo Caceres, que também morreram no incêndio, foram enterrados ontem.

Entretanto, o governo da Guatemala lamentou sexta-feira a decisão da Espanha em romper relações diplomáticas entre os dois países e admitiu que a polícia actuou «precipitadamente» ao assaltar a Embaixada espanhola.

«Embora respeitemos a decisão do Governo de Madrid, lamentamo-la profundamente» — disse o ministro dos Negócios Estrangeiros da Guatemala, Rafael Castillo Valdes.

O governo guatemalteco considera que o grupo que penetrou na quinta-feira na Embaixada espanhola, e se auto-denominou de «camponês», era apenas um grupo «guerrilheiro camuflado». Por sua vez os governos do México e Costa Rica, criticaram os

acontecimentos ocorridos na Guatemala.

O ministro mexicano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Castañeda, e o presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, comunicaram ao governo espanhol a «indignação» e «solidariedade» dos seus países perante os factos que tiveram lugar na Guatemala.

Por outro lado, o porta-voz do «Conselho para os Assuntos Hemisféricos» (com sede em Washington) advertiu sexta-feira que se algo acontecer a qualquer dos 52 sacerdotes que integram a missão jesuíta na Guatemala, tal facto teria «graves consequências para as relações norte-americanas e guatemaltecas».

Por seu lado, Kurt Waldheim, afirmou hoje que a morte de 39 pessoas na Embaixada de Espanha na cidade da Guatemala é uma «ilustração trágica» do que pode acontecer quando diplomatas são sequestrados como reféns.

SOBREVIVENTE RAPTADO

Gregório Yuja Xona, o único camponês sobrevivente da tomada da Embaixada de Espanha, foi sequestrado ontem no hospital particular onde estava a receber tratamento a ferimentos sofridos.

O camponês fora transportado quinta-feira para o hospital, o

mesmo em que se encontra internado o embaixador espanhol, Maximo Cajal.

Segundo informou a polícia e pessoal do estabelecimento hospitalar, homens armados irromperam violentamente no edifício, raptando Yuja Xona e levando-o com rumo desconhecido.

Enquanto isto a Amnistia Internacional disse temer pela sorte de cerca de quatrocentos índios que se encontram ainda na capital da Guatemala e fazem parte do grupo que na quinta-feira tomou a Embaixada espanhola.

«As quatro centenas de índios são parte de uma delegação que há três semanas permanece na cidade da Guatemala para protestar, junto das entidades oficiais, contra os raptos políticos, torturas e assassinios realizados por forças governamentais nas suas áreas de residência» — afirma um comunicado da Amnistia, difundido em Londres.

Cubanos de barco para a Florida

Chegaram ontem 65 cubanos à praia de Miami, depois de se terem apoderado de um pequeno barco a motor em Cuba, amarrando os seus tripulantes.

A Guarda Costeira americana disse que o barco, chamado «5 de Dezembro», foi assinalado quando se aproximava da costa

da Florida. Os guardas desarmaram os assaltantes e libertaram os cinco tripulantes, que tinham sido amarrados num compartimento. Os tripulantes foram levados para Miami a fim de serem interrogados e os passageiros entregues às autoridades da imigração americana.

Políticos americanos denunciam "histeria belicista" de Carter

O candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, Edward Kennedy, disse que existe neste momento «uma histeria de guerra» no seu país.

A forte retórica utilizada pelo presidente Carter desde a crise do Afeganistão, a planificação de um desdobramento de forças e a pressão dos «Falcões» no Congresso para maiores gastos na defesa, estão a contribuir para criar aquela atmosfera de guerra.

Por seu lado, o ex-embaixador americano em Moscovo, George Kennan, escreve um artigo no «New York Times», em que diz que «a reacção de Carter em relação ao Afeganistão não é pró-

pria de um estadista».

Kennan, que foi o autor, nos anos cinquenta, da famosa doutrina de «contenção» do comunismo, escreve que em princípio a interpretação que foi feita da entrada de tropas soviéticas no Afeganistão «carece de um mínimo de sentido de equilíbrio».

O argumento mais importante daquele político é que a Administração Carter e o Congresso continuam a ignorar os dois mais graves problemas que existem para a segurança dos Estados Unidos: a sua excessiva dependência do petróleo do Médio Oriente e a frágil estrutura de paz Árabe-Israel, enquanto não se resolver o problema palestino.

Considera que é uma distorção das motivações soviéticas o que levou a uma inquietante falta de equilíbrio entre as autoridades americanas que estão agora a pensar em armar o Paquistão e melhorar as relações com o Irão uma vez libertados os reféns americanos de Teerão.

Nunca, desde a Segunda Guerra Mundial, houve tamanha militarização de pensamento e discurso na capital. Um estrangeiro incauto, mergulhado no seu seio, só poderia concluir que tinha sido esgotada a última esperança de soluções pacíficas e não militares — que a partir de agora só as armas, porventura utilizadas, podiam contar — acrescenta.

Com armas nucleares tácticas

Pentágono apresenta plano de guerra no Médio Oriente

Num debate da comissão de Serviços Armados do Senado, os seus membros puseram em dúvida a possibilidade de os Estados Unidos ganharem uma guerra no golfo Pérsico.

O secretário da Defesa Harold Brown confirmou em público que «não poderia garantir uma vitória», mas que o compromisso de luta já tinha sido tomado e que

em caso de necessidade Washington não duvidaria do emprego de armas nucleares tácticas.

O Pentágono informou, entretanto, os jornalistas sobre preparativos de guerra na região do Médio Oriente.

Em resumo, a primeira força de choque compete às 26 unidades navais, incluídos dois porta-aviões, actualmente estacionados no mar Arábico.

Estes vasos de guerra têm aviões equipados com mísseis «Phoenix».

Em 36 horas, aqueles porta-aviões podem ser reforçados com um esquadrão de caças — entre 18 e 24 aviões — e dois aviões-radar, tipo «AWACS», procedentes da Europa e Egipto. Os primeiros mil efectivos da

82.ª Divisão Aéreo-Transportada com base na costa Este norte-americana, com abastecimentos e munições para cinco dias, chegariam à região em 48 horas.

Outros 1300 «marines» levariam mais dois dias.

Uma unidade anfíbia e de desembarque com 2200 soldados demoraria nove dias procedentes do Mediterrâneo (Sexta Frota).

Uma brigada de «marines» composta por uns doze mil soldados levaria cerca de quinze dias procedente de Okinawa e das Filipinas.

Poderia também seguir para a zona uma brigada fortemente mecanizada de oito mil homens, 56 tanques e 126 transportes blindados.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA DE PORTALEGRE

Travessa da Av. da Liberdade, 2 — PORTALEGRE

Pré-aviso de greve

O Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito de Portalegre, vem nos termos e para os efeitos legalmente previstos, dar conhecimento às entidades empregadoras e ao Ministério do Trabalho, da convocação de paralisação geral acompanhada de concentrações nas estradas com distribuição de comunicados, para a próxima 3.ª feira, dia 5 de Fevereiro, abrangendo os trabalhadores das cooperativas e UCPs do distrito de Portalegre.

A paralisação surge como resposta imediata à actual ofensiva de destruição da Reforma Agrária, e recolhe o apoio da União dos Sindicatos e do Secretariado Distrital das Cooperativas e Unidades Colectivas de Produção Agrícola de Portalegre.

CONTINUA O ÉXITO

SALDOS

NA STOP

RUA DO OURO, 260

...E TAMBÉM NO CENTRO

COMERCIAL SOPAL

LOJA 8-RUA IVENS

MALHAS PRONTO-A-VESTIR LINGERIE

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CAMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 3 (Domingo) das 8 às 12 horas, nas seguintes localidades:

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

URBANIZAÇÃO DA SPOC — FLAMENGA

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 30 DE JANEIRO DE 1980
O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Visite a

DECOMUR

RESTOS DE COLECÇÃO

...Um «Pronto-a-Vestir» para sua Casa...

Todos os tipos de **ALCATIFAS** aos melhores preços do mercado

PAPÉIS DE PAREDE 100\$00/ROLO

Aproveite esta oportunidade de preços sensacionais

DECOMUR

Rua Clemente Menéres, 2
(ao CARREGAL)

Telefones: 23928/9
4000 PORTO

Canal da Crítica

Festival Osório: o riso inteligente

Quer queiram, quer não, alguma coisa mudou «nestas 100 léguas em redor» como se diz nas histórias à portuguesa.

Antigamente, os festivais da canção eram noites decisivas para a sorte do País. Enchiam o serão, enchiam a vida, enchiam o mundo, enfim, eram um verdadeiro enchido.

Agora, ocupam o centro do horário mas acompanham-no com mais molho, pelo menos com outro molho. De tal modo que a própria crítica pode falar de algo mais e combater assim a sensação de claustrofobia.

Foi, às sete e meia, o tempo do desporto, de Noronha Feio. Não teve, certamente, o brilho de programas anteriores. Teve, digamos, menos força. Mas ficou com suficiente grau de qualidade para lhe conferir excelência.

Recordemos dois momentos: o jogo dos tacos (ao pé daquilo, o «bowling» é coca-cola ao pé de cachaca) e o da vara em que os jogadores se apoiam para tocar e distanciar uma caixa de fósforos. Senhores professores de educação física: esta modalidade, pelo que exigem de todo o corpo, deve ser recuperada até mesmo para combater a monotonia dos exercícios do catecismo. Com exclusão, percebem, do copo de tinto. Sim, por-

que o «doping» é mais velho do que se pensa.

Depois do Festival, a presença de José Hermano Saraiva para continuar o levantamento do liberalismo. Teremos ocasião de voltar a este assunto e os leitores não devem perder os folhetins seguintes. Santo Deus, o que nós aprendemos com o passado!

Estávamos em cima da meia-noite quando, de súbito, desaba sobre as nossas cabeças talvez o mais explosivo dos programas sobre os direitos da criança, com texto de Mira Godinho e apresentação de Rui Romano. A televisão está no bom caminho: prolongar (oxalá prolongue muito) o Ano Internacional da Criança.

Um dos méritos deste programa consistiu em não pela retórica ou pela poesia, nem pela universalização que corresponde a uma espécie de abstração. Ele pisou terra portuguesa, realidade portuguesa. As crianças que fumam, que não andam na escola, marginalizadas, batidas, ofendidas, crianças que às duas horas da tarde ainda não comeram nada, que trabalham desde os onze anos, à noite, na descarga dos navios e vão para o hospital com traumatismos cranianos, tais crianças não são do hemisfério sul, nem de Marte, nem do centro da Galáxia —

moram aqui, à nossa beira, nesta Lisboa de chinelinha no pé. Curiosamente, vejo por aí muita preocupação com a urbanização do Martim Moniz; não vejo nenhuma com a sorte destas crianças. Será que vamos voltar à política de fachada contra a política do futuro?

Antes de terminar: ponham os olhos, lá pelo Lumiar, no repórter do programa de ontem, na simplicidade, na ausência de paternalismos com que falava às crianças, com que, sem as agredir, procurava desvendar a realidade delas. Chama-se a isto profissionalismo. Ou chamem-lhe, sei lá, solidariedade, se quiserem. Ou amor, se não acharem a palavra demasiado gasta.

Claro, o Festival. Cíclico, como as micoses, o paludismo, as diarreias estavais e as gripes. O brinquedo anual da televisão, essa matulona que não há meio de levar a vida a sério. Fica sabendo, cachopa, que para regresso à infância já nos basta a Carminho do «Dancin' Days».

A coisa não tem gravidade. Passa, mesmo sem antibiótico. Uns tempos e já está. Só que, antes, tínhamos de arrostar com as canções e os intérpretes e agora acrescentaram o júri. Não melhoraram a anedota. Poderiam melhorar o júri. Ou pode-

riam, sei lá, melhorar o seu funcionamento.

Alguma coisa está errada quando um mediocre mastigador de corridinhos se atreve a ajuizar da qualidade musical em termos catedráticos, profundamente solenes. Ou criticar, separando-o do contexto, o pormenor de uma letra, de forma a atirar a canção aos dentes dos cachorros. Que tal está o fiscal da moral religiosa! Não será, em termos de moral, bem mais grave, atribuir a classificação máxima a uma canção mediocre, como ele fez, despidoradamente?

Grassa no júri a doença do jocoso. Querem ter graça que se há-de fazer. Uma desgraça. Aquilo que em Villas Boas é natural, inventado, sem pose — torna-se deprimente, infeliz, desajeitado noutras bocas. Houve quem não roçasse o ridículo, mas o ultrapassasse.

Injustiças várias mandaram nesta primeira fase. Mas passou a melhor canção-espectáculo. «Self-Made-Man» recia a boa cegada lisboeta, com um humor formal que os estrangeiros apreciam mais do que se pensa.

Já agora, que história vem a ser aquela de anunciar as idades dos autores e participantes? Aquilo é o Festival da Canção ou é o Arquivo de Identificação?

MARIO CASTRIM

Hoje



O actor António Vilar um dos principais intérpretes do filme que se exhibe esta noite intitulado «Sinal Vermelho»

I PROGRAMA

- 16.00 XX-XXI — um programa sobre ciência e tecnologia.
- 16.25 Museu Gulado
- 17.00 País, País-Magazine
- 17.30 Concurso de Genève — 2.ª parte.
- 18.20 4300 Minutos
- 18.50 «O Sol Nasce a Oriente» — 6.º e último episódio.
- 20.00 Telejornal
- 20.40 Prata da Casa — apresentação deste novo programa por Fialho Gouveia.
- 21.10 O Prazer de Ler — um programa de Isabel da Nóbrega.
- 21.25 Para que o Mundo nos conheça melhor-TAP/Air Portugal — um programa de variedade recentemente realizado no Casino do Estoril.
- 23.00 Sábado Especial — «Sinal Vermelho» — intérpretes: António Vilar, Mara Cruz, Hugo Branco, Carlos R. Marchant, Helen Harp, Maria Kosti, Rebeca Pevet, António Casas, Paul Naschy, Carlos José Teixeira e Madalena Sotto.
- 00.30 Fecho

II PROGRAMA

- 14.00 Ano Propedéutico
- 20.30 «Du Côté de Memphis»
- 21.30 Tal e Qual — um programa de T. J. Assman e Joaquim Letria.
- 23.30 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DÊSTAQUES

I PROGRAMA
«Sinal Vermelho» (23.00)

II PROGRAMA
Tal e Qual (21.30)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

I PROGRAMA

11.55: Eucaristia Dominical; 13.00: Indústria Regionalizada; 13.25: Vivemos; 14.00: Sumário; 14.05: Ronda — 8.º programa; 14.30: TV Rural; 15.00: «Jacky, o Urso de Tallac»; 15.25: Cinema — «O Costa do Castelo»; 17.45: Arte e Manhas; 18.10: Imagens de Solidariedade; 18.35: Grande Encontro; 20.00: Telejornal; 20.35: O Prazer de Ler — um programa de Isabel da Nóbrega; 20.45: Entre Giestas — 5.ª parte; 21.20: Os Trapalhões; 22.20: «A Vontade de Deus» — 10.º e último episódio; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Shows Musicais Brasileiros; 21.30: A Par e Passo; 23.00: Fecho.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

Agora em Lisboa na Guilherme Cossoul

A QUEDA DUM ANJO

Av. D. Carlos, I - 61 - ao Lg. de Santos - Tel: 665906

SUB. SEC

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE

A partir de 1 de Janeiro de 1980 o seguro do seu automóvel é obrigatório.

A quantia mínima por que deve estar seguro é de 700 contos.

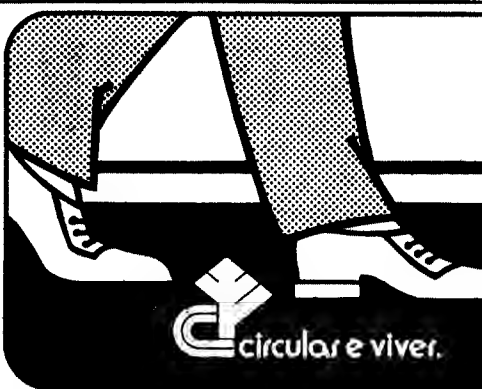
Contribua para uma maior segurança, respeite a lei.

Amendoeiras Floridas

Trás-os-Montes e Alto Douro

Dirija-se às Secções de Informações dos Caminhos de Ferro Portugueses
Porto (S. Bento)
Porto (Campanhã) tel. 564141

CP/Excursões



Nas passadeiras
prioridade
aos peões

circular e viver.

CAMPISMO

Reboque-tenda
com 2 quartos
em bom estado.
Compre-se
Telefone: 606282

LOJAS

VENDEM-SE

Em nova urbanização. Futuro bom comércio. Qualquer ramo. Trata Lucamo — Soc de Construções, Lda. — R. D. Estefânia, 157 r/c dto. 1000 Lisboa tel. 578033

ANDARES

VENDEM-SE

Lindas casas alcatifadas, prontas a habitar, com 2 ass., desde 650 contos na Póvoa de St.ª Iria e Via Longa (passo social). Trata LUCAMO — SOC. CONSTRUÇÕES, LDA., Rua D. Estefânia, 157 R/c., Dt.º, 1000 Lisboa — Tel. 57 80 33.



uma cidade limpa
é uma cidade viva

Teatro de Amadores no Barreiro

O actor e encenador Seme Lufti está a orientar no Barreiro, distrito de Setúbal, um curso de interpretação e aperfeiçoamento técnico para grupos de teatros de amadores.

As aulas, ministradas, somente aos fins-de-semana, têm o apoio da Direcção-Geral de Acção Cultural da SEC.

Como resultado final deste curso, que terá a duração de catorze fins-de-semana, será apresentado um espectáculo de criação colectiva intitulado «Pequenas peças - construção».

Este espectáculo já está inscrito no II Festival Sindical de Teatro Amador, cuja apresentação está prevista para meados de Abril, numa colectividade do Barreiro.

Literatura africana no Brasil

Autores de expressão portuguesa vão ser publicados no Brasil, numa nova colecção consagrada a escritores africanos.

A editora brasileira Ática vai iniciar com a obra do escritor angolano Luandino Vieira, «A Vida Verdadeira de Domingos Xavier», a sua colecção dedicada à literatura africana.

«Os Flagelados do Vento Leste», do cabo-verdiano Manuel Lopes, é o segundo livro escolhido para o lançamento daquela colecção.

A publicação de uma e de outra obra — das mais representativas dos seus países — vem ao encontro do interesse do público brasileiro em relação à moderna literatura das ex-colónias portuguesas.

Sindicato do Serviço Doméstico

CONVOCATÓRIA

Nos termos estatutários, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato do Serviço Doméstico, a reunir no próximo dia 10 de Fevereiro de 1980, pelas 15 horas, no Sindicato dos Têxteis, sito na Rua Conde Redondo, n.º 60-5.º — Lisboa, para discussão e aprovação do Relatório e Contas de 1979 e aprovação do Orçamento para 1980.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1980

A Presidente
da Mesa da Assembleia Geral
(Maria Angélica Teixeira)



**LONDRES
1 SEMANA**

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM
AVIÃO ESPECIAL 2P
1 SEMANA - 8 dias
SÉRIE A - Domingos (todo o ano)

Preços
especiais
desde * **9.420\$**
* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com
satisfação: "fui a Londres numa
daquelas viagens baratas da abreu!"

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

Fundada em 1940

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA
E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade 160 Telef. 371341

PORTO Av. dos Aliados 207 Telef. 317921

COIMBRA Rua da Solta 2 Telef. 270112

FARO Av. da República 124 Telef. 250356

FUNCHAL Rua do Gurgulho, 1 Telef. 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

No Teatro de S. Luiz

Avilez e João Perry ensaíam o "Hamlet" de Shakespeare

A Companhia Nacional 1 vai estreiar brevemente no Teatro Municipal de S. Luiz a peça «Hamlet», a mais famosa tragédia de quantas Shakespeare escreveu, em versão portuguesa de Sophia de Mello Breyner Andersen.

Shakespeare (1564-1616) é, numa expressão de Jorge de Sena, «um dos maiores senão o maior poeta que o mundo conheceu» e, no campo do teatro, o maior génio de sempre.

Tragédia em que o mundo moderno, com suas lutas e angústias, facilmente se espelha, «Hamlet» é a peça que todos os encenadores e actores sonham fazer na vida. Os mais importantes criadores teatrais (como Stanislavski, Meyerhold, Brecht, Peter Brook e Gro-towski) trabalharam sobre ela durante anos e anos sem nunca a terem podido levar à cena. Tal facto confere, à partida, notáveis dimensões ao trabalho que João Perry (no papel de Hamlet) e Car-



Canto e Castro e António Marques num dos ensaios do «Hamlet» de Shakespeare

los Avilez (encenador) preparam para a Companhia Nacional 1.

A cenografia é de José Rodrigues, os figurinos de Maria Helena Redondo, a música de António Vitorino de Almeida e do elenco fazem parte Eunice Muñoz, Canto e Castro, Baptista Fernandes, António Mar-

ques, Teresa Madruga, Paiva Raposo, José Gomes, José Eduardo, Fernando Nascimento, Virgílio Castelo, Mário Sargedas, Luís Pinhão, Rui Furtado, Augusto Terlica, Carlos Freixo, Miguel Martins, José Wallenstein, José Maria Pinto, Paulo Matos, Waldemar de Sousa e Manuela Cassola.

Hoje, no Coliseu

Festa de homenagem a José Castelo

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios, em espectáculo antecipado para as 21,30 em ponto, devido ao elevado número de participantes, a festa comemorativa dos 55 anos de actividade literária e artística de José Castelo, poeta, escritor, artista de variedades, locutor da BBC, RDP e da ex-Rádio Graça e fundador do «Comboio das Seis e Meia», doente desde 1977.

Vários colegas de José Castelo, na RDP, Rádio Renascença e RTP estarão presentes: Alice Cruz, António Sala, Armando Marques Ferreira, Aurélio Carlos Moreira, Avelino Marques, Fernando de Almeida, Fernando Pessa, Henrique Mendes, Igras Caeiro, Isabel Wolmar, José La Féria, Luís Filipe Novais, Manuel Seleiro, Maria Adelaide, Mary, Marques Vidal, Nunes Forte e Policarpo Freitas.

Confirmaram também a sua presença Amália Rodrigues (em reaparição), Alexandra, Artur Garcia, Consuelo Ulan, Duo Ouro Negro, Gabriel Cardoso, Jodivil e Margot (ilusionistas), Maranata, Parodiantes de Lisboa, Paulo Renato, Rancho Infantil do Grupo Folclórico Ribatejano de Vila Franca de Xira, Rodrigo e Verónica. Os acompanhamentos musicais estarão a



cargo do conjunto de Jorge Machado e dos guitarristas António Parreira, António Ribeiro, Francisco Gonçalves e António Pires.

A Comissão Executiva da festa é constituída por Consuelo Ulan, Negrão dos Santos e Nunes Forte, sendo a Comissão de Honra formada por Rádio Renascença, Coliseu dos Recreios e Os José de Portugal.

JOANA
Grupo de Teatro
Apresenta
p/todos

BRINQUEDO,
FURUNFUNDADO,
MISERICUNTADO

C/Músicas Originais
de Sérgio Godinho

Na COMUNA
(à Pr. de Espanha)
Tel. 762624

a Partir de 2 de Fev.

Sábado — 15.30 h.
Domingo — 15.30 h.

**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**

A GRANDE SURPRESA DO FESTIVAL
DA CANÇÃO!

**ZÉLIA LOPES — O TRIUNFO
DA PERSONALIDADE**

«NADA A PERDER» — UMA CANÇÃO PARA
GANHAR!

ADOQUE
TELEF. 87 44 76

HOJE ÀS 20.30 H E 22.45 H
UMA REVISTA DE NÍVEL

QUERIAS

MAS

NICHOLSON
MAGDA
ESMERALDA

NÃO TE DOU

ERMELINDA

AMANHÃ ÀS
16.30 H E 21.45 H

ATENÇÃO
ÀS
EXCURSÕES

5.º MÊS

AutoExpresso

Lisboa Porto
Guarda

Apenas por 300\$00
(Comprimento inferior a 4,42 m.)



Partidas diárias
de Lisboa (Santa Apolónia),
Porto (Campanhã)* e Guarda.

* excepto sábados.

Consulte as secções de informações

**Caminhos de Ferro
Portugueses**

**SENSACIONAIS DESCONTOS
NA CAMPANHA**

da **MARAVILHOSA**

Móveis Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas,
Estantes, Mapas e Sofás-camas em todos os modelos em pele
Papel de parede, Alcatifas

**NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS
* CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES**

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1 SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A
Telefone 846839 Telefone 824840

Festival da canção RTP 1980

Pedro Osório e SARL: as grandes vedetas

Juri embirra com sacramentos...

Pedro Osório foi o grande vencedor da primeira eliminatória do Festival da Canção RTP 1980, que ontem decorreu no Teatro Vilaret. «Self-Made-Man», uma composição com letra, música e orquestração suas obteve dezoito pontos, ficando assim à frente das outras nove canções concorrentes. Em segundo e terceiro lugares — classificando-se assim para a final — ficaram as canções «Lição de Português» (17 pontos) e «Concerto Maior», interpretadas, respectivamente, por Madi e Manuel José Soares.

Os votos foram distribuídos por um júri heterogéneo, composto por Filipe de Brito (músico), João David Nunes (director de programas da RDP Comercial), Simone de Oliveira (cançonetista e actriz), Luís Villas Boas (entusiasta de jazz) e Pedro Bandeira Freire (cinasta). As justificações para as «notas» atribuídas surgiram na linha do que vem sendo hábito em coisas deste género: umas faziam sorrir; outras metiam dó; outras ainda nem uma coisa nem outra. Foram de qualquer maneira cinco rostos que apareceram nos «écrans» da RTP que temos e, pelo que disse Villas Boas, apesar de tudo, o mais interessante dos «jurados», ali para as bandas do Lumiar «há mais falta de jurados do que de dinheiro». Isto porque Villas Boas, já «habitué» destas coisas, embora não se tivesse oferecido para fazer de novo parte do júri, voltou a ser convidado... E já que estamos a falar tanto

do júri (afinal quem determinará quem passa ou chumba), um dos seus elementos, o sr. Filipe de Brito, conhecido por tocar acordeão, disse ter gostado da canção vencedora e explicou porquê: era muito divertida, satírica, com uma raiz portuguesa, popular mesmo, possuidora também de uma encenação interessante, a atrair para o espectacular. Contudo, acrescentou, tinha uma pecha: o poema, que contava as desventuras de um homem de sucesso, falava que ele nos seus últimos momentos «foi muito cumprimentado e faleceu confortado com todos os sacramentos». Ora, esclareceu («posso esclarecer?»), a referência aos sacramentos mexia com a Santa Madre, era uma coisa de mau gosto e, como tal, «pouco inteligente» (sic). Daí que só desse três valores...

Meus amigos: nisto de júris estas tiradas são sacramentais.

SARL: O ESPECTÁCULO

A canção vencedora merece que se fale dela. Toda a gente que se encontrava no Vilaret foi unânime: «Self-Made-Man» tinha sido, de longe, a melhor canção. Para além do mais, o conjunto que a interpretou (e de que fazia parte o próprio Pedro Osório, acompanhado por Samuel, Carlos Alberto Moniz, Helena Isabel, Madalena Leal e Joana Mendes) fez-lo com graça, imaginação e alegria. Um verda-



Sociedade Artística Recreativa Lusitana, «Self Made Man», primeiro lugar

deiro gozo ouvir e ver esta canção cheia de humor, com uma letra divertidíssima, cáustica por vezes, e uma música bonita, simples e a saber a popular genuína. Já agora, parabéns ao Samuel: nas duas vezes que a canção foi interpretada «morreu» excelentemente, com esgares e tudo. Apesar de confortado com todos os sacramentos...

«Self-Made-Man» ganhou esta eliminatória — mas, ou nos enganamos muito ou está na calha para ganhar o Festival.

fazia parte de um estranhíssimo poema (?). Dobrava os joelhos, gesticulava, trejeitava, garantia que «aprender é uma mau bocado». Mas o júri achou que aquilo tinha «sentido comercial», que ia ser um «sucesso comercial» e até, vejam bem (disse-o Simone), «as palmas do coro tinham gracinha». É bem feito: dezassete pontos, dezassete e um segundo lugar.

Já o «Concerto Maior» nos pareceu uma canção bem mais interessante, com o seu acompanhamento de violinos, violoncelo e acordeão (a cargo do «polivalente» Pedro Osório). O poema também fugia ao habitual: nem sempre se ouve gente a cantar que «aqui começa a canção, uma história de amor, um concerto entre nós, um copo cheio, um mar de bonança, uma esperança, um acorde, um compasso, uma voz».

No entanto — e contrariamente ao que o júri disse — esse não foi o melhor poema que apareceu nesta eliminatória. Embora a canção «Alegria em Mi Maior» não tivesse correspondido ao que se esperava e dela se dizia,

o poema que lhe serviu de suporte foi de longe o melhor. Embora se compreenda que nem toda a gente goste de ouvir que «abrem-se os braços, diz-se ternura como quem faz amizade, colhem-se os frutos, erguem-se as pontas sobre o rio da nossa idade, abrem-se as portas, começa o dia, cá vamos nós a cantar, sopram os ventos, mudam-se os tempos, mas não nos vão mudar»...

E por fim, três referências a outras tantas canções — ainda que por motivos diferentes. «Um abraço mais nada» foi uma surpresa: trata-se mesmo de uma bela canção de amor, bem defendida por Helena Isabel. Quem lhe atribuiu só um ponto lá terá as suas razões — e não será muito difícil descobri-las. Outra canção que merecia melhor sorte foi o «Olá Cegarrega»: Lena d'Água tem uma bela voz e a melodia do Paulo de Carvalho era mesmo bonita. A letra é que não ajudava por aí além. E por último — e bem último — uma pergunta: como é que o «Ai Ai Tão Tão» foi uma das canções seleccionadas entre as 400 e tal canções que concorreram ao Festival? Só se o júri estava nesse momento aí, ai, tão, tão que até deu o jeito.



Madi, «Lição de Português», terceiro lugar



Manuel José Soares, «Concerto Maior», segundo lugar

Classificação

As nove canções desta primeira eliminatória tiveram a seguinte classificação (o júri podia atribuir de 0 a 5 pontos a cada composição): «Self-Made-Man» (interpretada por SARL) — 18 pontos; «Lição de Português» (Madi) — 17; «Concerto Maior» (Manuel José Soares) — 14; «Olá Cega Rega» (Lena d'Água) — 13; «Made in Portugal» (Conjunto Sarabanda) — 12; «A Nossa Música Suave» (Rosa do Canto) — 12; «Um Abraço, Mais Nada» (Helena Isabel) — 11; «Alegria em Mi Maior» (As Alegres Comadres) — 11; «Ai Ai Tão Tão» (Conjunto Fantástica Aventura) — 8.

De registar que os cinco membros do júri distribuíram de modo diferente os 45 pontos que cada um tinha à sua disposição. Assim, o mais generoso foi Villas Boas, que «deu» 27 pontos no total; depois aparece Filipe de Brito com 25; Simone e David Nunes ficaram empatados, com 22 (e em último ficou Bandeira Freire, com 20).

Mesmo tendo em conta que ainda falta ouvir 18 canções e que o júri nacional que entrará em acção na final pode não estar «sensibilizado» para este tipo de canções.

Já não estamos em 1973, mas a verdade é que nos encontramos em 1980. Não sei se nos entendem.

O SENTIDO COMERCIAL

Não sei se é lícito dizer, mas apetece: «Uma Lição de Português» que arrecadou 17 pontos, 17, é de arrepiar os cabelos. Madi, vestido com lantejoulas (mais ou menos, não garantimos), gritou que se fartou num estranhíssimo português que

Bastidores, bastidores, bastidores, bastidores

“Apetecia-me era mandá-los todos à mélia...”

Para o repórter, o melhor nestes festivais «caça-se», muitas vezes, nos bastidores. Ontem foi um pouco assim.

Às 23 horas, a Lena d'Água, do «Olá Cegarrega», a primeira a cantar, fora também a primeira a sair. Os 13 pontos somados davam-lhe apenas o quarto lugar, insuficiente para chegar à final. Não esperou mais.

Nun corredor mais largo, por trás dos camarins, um televisor mostrava a exibição final do «Self-Made-Man» do Pedro Osório, cantado pela SARL (Sociedade Artística Recreativa Lusitana). Era a canção mais alegre, mais vive e, justamente, mais pontuada. Boa parte dos restantes concorrentes batiam o pé e entoavam as principais estrofes. Eram três das «Alegres Comadres» (a Helena Isabel também é da SARL), era a Cristina do «Sarabanda», eram as violinistas do «Concerto Maior» (do Manuel José Soares e, até, alguns jornalistas). O «Self-Made-Man» entrara, logo, em

todos os ouvidos!

Quem, apesar disso, não ficou muito bem disposto foi o «sarl» Carlos Alberto Moniz. Os comentários desproporcionados do jurado Filipe de Brito, ao aludir os «últimos sacramentos» num dos versos irritara-o. «Apetecia-me — comentava, agastado, o conhecido artista açoriano — informá-lo que, em Abril, vou aos Estados Unidos cantar num espectáculo para obtenção de fundos para a reconstrução da igreja de Santa Maria, de Angra. A igreja onde minha mãe foi baptizada...»

As «Alegres Comadres» estavam decepcionadas. «Fomos ostensivamente prejudicadas pela maioria dos elementos do júri. Falavam de tudo. Dos vestidos, dos passos, e praticamente nada sobre a canção» — comentava Adelaide Ferreira, a solista do grupo.

Noutro corredor, à entrada do seu camarim, o 2.º classificado, o sul-africano Madi, debitava — cercado por jornalistas — um in-

crível português, retocado por tiques e optimismos duvidosos. «É uma festival maravilhoso» (sic), dizia todo sorrisos, o homem de Pretória, repetindo minuto a minuto que a sua «Lição de Português» era «setenta e cinco por cento músico e vinte e cinco leito» e acrescentando «júris foi sensacionais».

O João Afonso, um especialista destas coisas, comentava: «Imagine-se vir um sul-africano a cantar neste português e a representar o País na Eurovisão. No próprio ano do Centenário de Camões!».

Carlos Mendes não perdeu, por sua vez, o sentido de humor. A sua «Amélia dos Olhos Doces», citada por Filipe de Brito e Simone de Oliveira como muito superior à «Alegria em Mi Maior» («irmã menor» disse Simone) tinha sido excluída doutro festival, antes de se tornar o grande sucesso musical. Daí o seu comentário mordaz: «Apetecia-me era mandá-los todos à mélia...».

“Placard”

TÉCNICO PARA LÁ

O treinador de futebol alemão federal Hennes Weisweiler assinou um compromisso com o «Cosmos», de Nova Iorque. Treinador do Colónia nos três últimos anos, Weisweiler, (60 anos) assinou um contrato de três anos, recebendo 405 mil dólares (cerca de 20.25 milhões de escudos) por cada temporada, quantia esta duplamente superior à que auferia no Colónia.

O compromisso de Weisweiler com o Cosmos inicia-se no próximo dia 1 de Julho.

COSMOS DESPEDE

O futebolista inglês Dennis Tueart, que actua no Cosmos de Nova Iorque, regressará ao Manchester City esta semana.

CLOUGH: OUTROS VOOS

O técnico britânico Brian Clough manifestou-se disposto a abandonar o campeão europeu de futebol Nottingham Forest. Clough, um dos mais controversos treinadores ingleses, afirmou: «estou no Forest há cinco anos e isso é muito tempo para uma pessoa se conservar num lugar».

O treinador disse que gostava de dirigir uma grande equipa europeia (como o Barcelona, Espanha), que defronta amanhã o Nottingham em jogo da primeira mão da «Supertaca».

CAMPEONATO DE ITÁLIA

Resultados dos jogos da 18.ª jornada do campeonato italiano: Bologna - Roma, 1-1; Catanzaro - Ascoli, 1-1; Lazio - Inter Milão, 0-0; Milão - Cagliari, 2-0; Napoli - Fiorentina, 0-0; Pescara - Juventus, 0-2; Torino - Avellino, 2-2 e Udinese - Perugia, 1-2.

Classificação actual: Inter de Milão, 26 pontos; Milão 22; Perugia e Roma, 20; Juventus e Avellino, 19; Torino, Ascoli, Bologna, Lazio, Naples e Cagliari, 18; Fiorentina, 16; Catanzaro, 15; Udinese, 14 e Pescara, 9.

A «ESCRavidão» DE KRANKL

O futebolista austríaco Krankl, ainda ligado ao Barcelona, afirmou em entrevista ao diário «Kurier», que não tenciona voltar a sair do seu país. Krankl frisou que não estava interessado «em jogar em Itália, Inglaterra e muito menos no Barcelona» revelando que gostaria de terminar a sua carreira no Rapid de Viena.

Interrogado sobre se pensava regressar ao Barcelona no final da licença concedida pelo clube espanhol, Krankl respondeu: «De modo nenhum. Não quero que me tratem como um escravo».

O jogador austríaco aguarda o desfecho do caso e acredita que o Barcelona não o suspenderá por falta de cumprimento do contrato. Krankl referiu que em último caso, espera que um clube pequeno o contrate como técnico ou mais exactamente como acessor, porque ainda não possui um curso de treinador.

JAPÃO DERROTADO

O Ujpesti (da Hungria) venceu a selecção do Japão, por 4-2, num encontro de futebol particular disputado em Omiya (Japão). Foi a primeira vitória da equipa húngara contra um empate e nenhuma derrota na série de seis encontros incluídos na digressão ao Japão. O terceiro jogo disputa-se domingo, em Osaka.



Sporting e Benfica: marcha conjunta no nacional futebolístico de juniores



Nacionais de futebol

Secundários no galarim

Trava o campeonato nacional da divisão principal, porque as selecções (esperanças na terça-feira, em Edimburgo; AA na 4.ª, em Glasgow) vão actuar perante a Escócia, nos derradeiros compromissos da frustrada viagem à fase final do europeu, que apenas terá em Itália quem fez por isso: e, no nosso grupo, a Bélgica foi a melhor e bem merece o passeio transalpino.

Hoje, a nível maior, apenas um embate: às 16 horas, no Estádio dos Barreiros, acerta-se o calendário com a partida Marítimo-Estrela, que se encontrava em atraso.

Outros desafios estão marcados para hoje, mas referentes ao torneio de juniores «A». 15 horas: Guarda - Oliv. Bairro; U. Tomar - Cernache e V. Setúbal - Atlético. Às 15.30 horas: Villanovense - Oliveirense e São Luís

-Sporting. Às 16 horas: Almada - Barreirense.

Amanhã, pelas 15 horas, para o campeonato nacional da 2.ª divisão, na Zona Norte: Amarante - Paredes, Gil Vicente - Leixões, Lourosa - Fafe, Feirense - Riopele, Famalicão - U. Lamas, Salgueiros - Prado, Bragança - Paços Ferreira e Penafiel - Chaves.

Zona Centro: Acad. Viseu - U. Coimbra, Covilhã - Alcobaca, Portalegre - U. Tomar, Oliveirense - Oliv. Bairro, U. Santarém - E. Portalegre, Torreense - Mangualde, Nazarenos - Naval e Acad. Coimbra - Caldas.

Zona Sul: Amora - Atlético, Lusitano - Olhanense, Seixal - Sacavenense, Cuf - Barreirense, Beja - Oriental, Farense - Juventude, Nacional - Montijo e E. Amadora - Cova Piedade.

Na 3.ª Divisão, igualmente pelas 15 horas, e na Série A: Macedo Cavaleiros - Valdevez, Aves - Vianense, Moreirense - Vizela, Maria Fonte - Ribeirão,

Cabeceirense - Limianos, Merelense - Mirandela, Tadm - Mogadourense e Montalegre - Monção.

SÉRIE B: Freamunde - Aliados, Ermesinde - Valonguense, Leça - Tirsense, Esmoriz - Sanjoanense, Paços Brandão - Avanca, Valecambrense - Villanovense, Vila Real - Valadares e Infesta - Lamego. SÉRIE C: Fobres - Fornos Algodres, Penalva Castelo - Carapinheirense, Águeda - Tocha, Anadia - Teixosense, Alba - Guiense, Marialvas - Vildemoinhos, Tondela - Viseu e Benfica e Guarda - Ança.

SÉRIE D: Desp. Castelo Branco - Alcains, Vileirense - Marrazes, Amiense - Batalha, Torres Novas - Cartaxo, Bombarralense - Alcanenense, Rio Maior - Coruchense, Peniche - Benfica C. Branco e Campomaiorense - Marinhense. SÉRIE E: Alcochete - Elvas, Loures - Lusitânia, S. L. Olivais - Alverca, Sintrense - Pêro Pinheiro, Bucelenses - Vitória Lisboa, Santa Clara - Olive-

las, Borbense - Malveira e Elvenses - Tires. SÉRIE F: Sari-lhense - Trafaria, Serpa - Campinense, Sesimbra - Aljustrelense, U. Santiago Cacém - Vasco da Gama (em Alcácer do Sal), Lusitano Vila Real - Estrela Vendas Novas, Silves - Paio Pires, Esperança de Lagos - Comércio e Indústria e Almada - Sp. Cuba.

Juniores (11 horas) na ZONA A: Varzim - Leixões, Candal - Chaves, Tirsense - Taipas, V. Guimarães - Bragança, Limianos - Rio Ave e F.C. Porto - Braga. ZONA B: Sanjoanense - Lamego, Espinho - Canas Senhorim, Acad. Coimbra - «Os Villanovenses» e Belmonte - Anadia. ZONA C: Alter - Alferrarede, Olivais e Moscavide - Coruchense, Portalegrense - U. Coimbra, U. Leiria - Naval e Alverca - Peniche. ZONA D: Benfica - Zona Azul, Estrela Vendas Novas - Belenenses e Moura - Farense.

MODALIDADES EM DESFILE

ATLETISMO: DISCIPLINA

O atleta sportinguista Artur Pinto está suspenso de toda a actividade, até conclusão do processo de inquérito que lhe foi instaurado, na sequência de uma participação da Comissão Distrital de Juizes de Atletismo, na qual esta entidade dá conta de ocorrência de ordem disciplinar, verificada no decurso do carta-mato de preparação (femininos) organizado pela Associação de Atletismo de Lisboa, no Alto da Ajuda.

Parece que aquele atleta se desentendeu com um juiz da corrida, tendo-o agredido, depois de ter sido advertido quando corria ao lado de uma atleta em competição, o que não é permitido.

OCAÑA: A ENCRUZILHADA

O espanhol Luis Ocaña, gravemente ferido em acidente rodoviário durante o último «Tour», poderá vir a recuperar cerca de 80 por cento da visão. O antigo vencedor da «Volta à França» em ciclismo foi examinado pelo

dr. Colomer, da clínica catalã de Barraquer. O médico prescreveu um tratamento de três meses, proibindo-lhe, entretanto, qualquer esforço físico violento.

Luis Ocaña, que partiu seguidamente, de férias, para a sua aldeia natal (na província de Cuenca) apenas tem, actualmente, 20 por cento da visão da vista esquerda, mas dava mostras de ter readquirido confiança e esperança, ao sair da clínica de Barcelona.

BASQUETEBOL: REPETIÇÃO

A Federação Portuguesa de Basquetebol marcou para o dia 7 de Fevereiro, no pavilhão da Luz, às 21 horas, o jogo Benfica - SLO/Grundig, face à anulação da partida anterior entre os dois clubes disputada no passado dia 5, e que o Benfica venceu por 111-108.

Esta repetição deve-se à decisão do Conselho Técnico da FPB em relação ao protesto expresso pelo SL Fundamental no final da partida, com fundamento em erros técnicos de arbitragem.

Recorde-se que aquele organismo federativo considerou igualmente procedente o protesto apresentado pelo Benfica, neste caso em relação ao encontro do clube da Luz com o Ginásio Figueirense, em Lisboa, e que os ginastas venceram pela diferença mínima, mas que os «encarnados» consideram irregularmente. A repetição desse encontro ainda não tem data marcada.

KORCHNOI: PROTECÇÃO ESPECIAL

O atleta de origem soviética Victor Korchnoi pretende um vidro à prova de bala para o separar do público quando defrontar o seu ex-compatriota Tigran Petrosyan, nos quartos-de-final do campeonato do mundo de xadrez, em Velben.

Os quartos-de-final do torneio principiam no dia 8 de Março e Korchnoi, numa carta enviada aos organizadores, afirmou que o vidro à prova de bala servia para o proteger de um assassínio.

Korchnoi sublinhou que estava disposto a participar nos custos da compra e instalação do vidro e inquiriu junto da organização se em Velben existem apartamentos privados, caso ele pretendesse mudar de residência receando assaltos.

Um representante de Petrosyan concordou com as pretensões de Korchnoi e adiantou que outros requisitos pedidos pelo seu adversário deverão ter a sua aprovação.

MARATONA NOVAIORQUINA

A maratona da cidade de Nova Iorque, a maior do mundo no que respeita ao número de concorrentes, contará com uma presença ainda maior de atletas quando se realizar a edição deste ano, em 26 de Outubro. Os organizadores anunciaram que este ano aceitaram 15 mil concorrentes, contra 14 mil no ano passado.



Aivalade: o jugoslavo Radisic, Mota, Barão, Marinho, Helinho (que voltou aos treinos) e Fraguito

Halterófilos búlgaros batem onze recordes mundiais

SÓFIA, 2 - Os halterófilos búlgaros bateram pelo menos 11 recordes do mundo no decorrer dos campeonatos nacionais, que se disputaram ontem à noite, em Varna. Os recordes são os seguintes:

60 kgs: arranque: Stefan Dimitrov com 130,5 kgs (antigo recorde: 130 kgs por Gueorgui Todorov).

67,5 kgs: arranque: Yanko Russev com 147,500 kgs (bateu o seu próprio recorde que era de 147 kgs). Epaule Jete; fez 188 kgs batendo igualmente o seu próprio recorde que era de 187,500 kgs. Total: 335 kgs, que

constitui, por consequência um novo recorde do mundo, este antigo recorde de Russev era de 332,500 kgs.

75 kgs: arranque: Assen Zlatev (19 anos) conseguiu 158 kgs ao terceiro ensaio (antigo recorde de Vardanian (URSS), com 157,500 kgs). Seguidamente Nedeltcho Kolev conseguiu 160 kgs. Este novo recorde foi batido no quarto ensaio de Zlatev, que fez 160,500 kgs. No entanto, o recorde não ficou por aqui. Com efeito, também no seu quarto ensaio, Korlev deu a última palavra, levantando 161 kgs, marca que passa, finalmente, a ser o recorde do mundo da categoria.

mente, a ser o recorde do mundo da categoria.

No «epaule jete» Kolev levantou 190 kgs, o que faz um total de 350 kgs que constitui, igualmente, um novo recorde do mundo (o antigo recorde pertencia a Vardanian com 347,500 kgs). No entanto, Zlatev, que certamente pretendia mostrar, definitivamente, ser o mais forte, levantou no «epaule jete» 195 kgs, totalizando 352,500 kgs, marca que passou definitivamente a ser o recorde do mundo nos dois movimentos para a categoria.

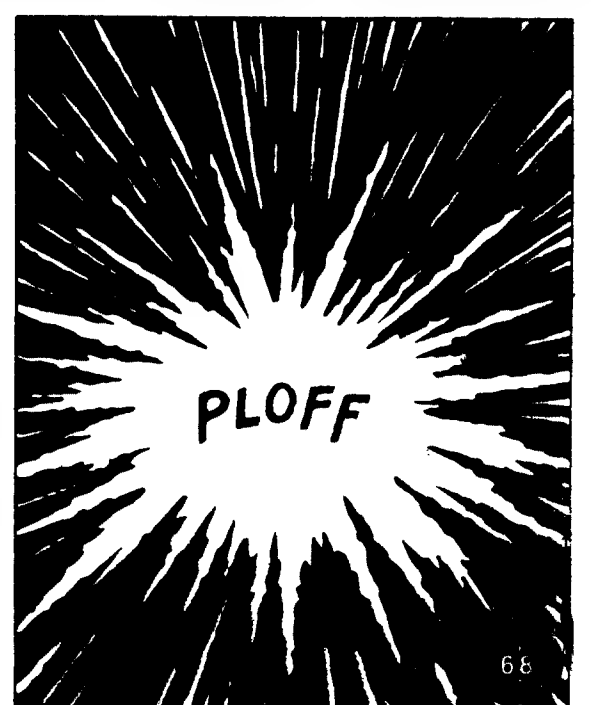
O TRAÇO DE PARGANA



“BIFE” BEM PASSADO?

—SIM. ACOMPANHADO DE “OLIVEIRA”!

O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE



O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE

Num instante a sala enche-se de vapores acres e picantes, que obrigam o dois bandidos a bater precipitadamente a retirada.



Sufocados, com os olhos cheios de lágrimas, correm para o hall...



... onde Jack está embuscado, de metralhadora em riste. Mas eis que Mustafa surge gesticulando...



Ainda não! Ouçam, tenho um plano que não tenho tempo de explicar, mas preciso de dez minutos. Arranjem-se para aguentar durante esse tempo. De acordo?



O. K. Chefe! Vamos tentar.

Bom. Então para os vossos postos.

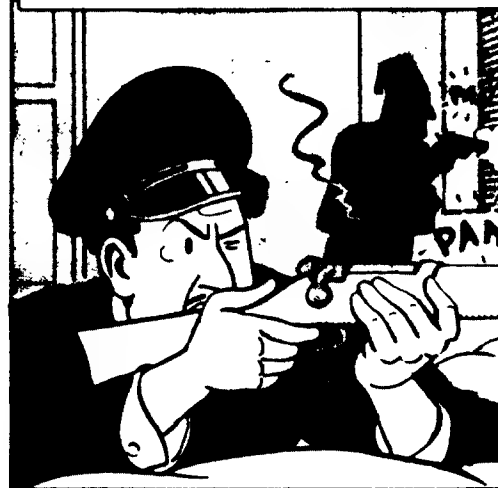


Entretanto tu vais até à mastaba e trata de liquidar...

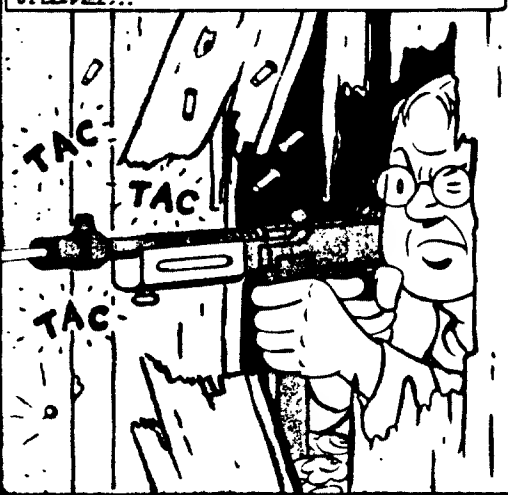


Entendido! Terei muito gosto nisso! Tenho umas contas a ajustar com o barbudo!

E, enquanto, num esforço supremo...



... a defesa tenta retardar o inevitável...

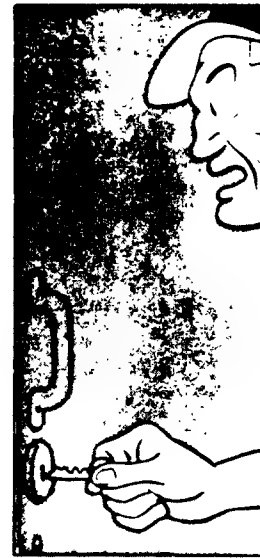


Orlik sobe a escada a quatro equatro...



E agora nós!

Entretanto, Sharky dirige-se para a mastaba afim de fazer o sinistro trabalho...



Olá rapazes! Os vossos aborrecimentos vão acabar! Façam as vossas orações!



O chefe pede desculpa, está ocupado. Mas antes de vos mandar ad patres encarregou-me de vos anunciar que daqui a vinte e quatro horas o tesouro de Aton estará nas vossas mãos. Ouviu Mortimer?



E agora, boa viagem, professor. Com os meus cumprimentos a Belzebu!

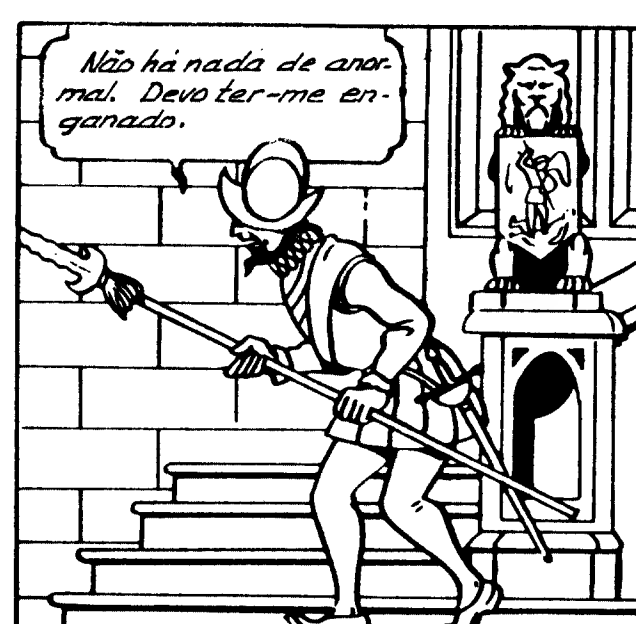
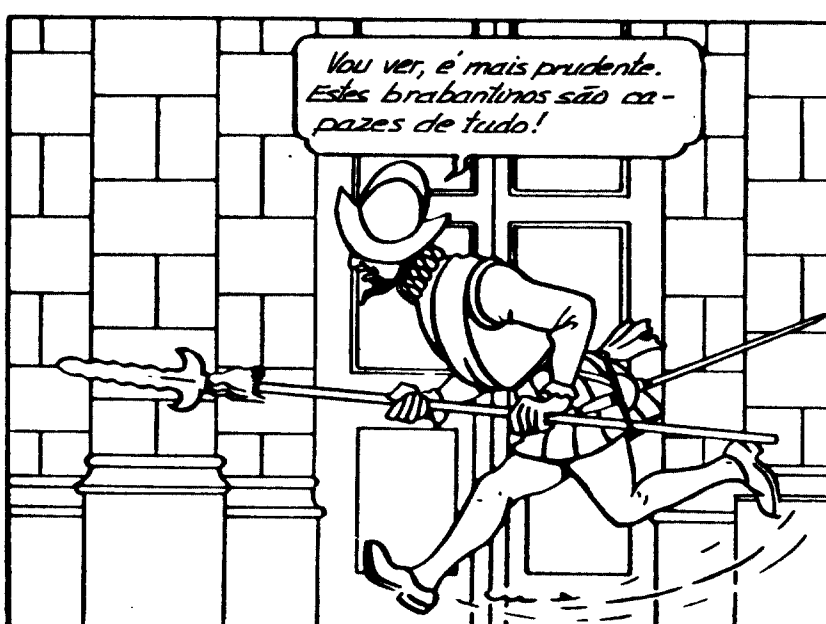
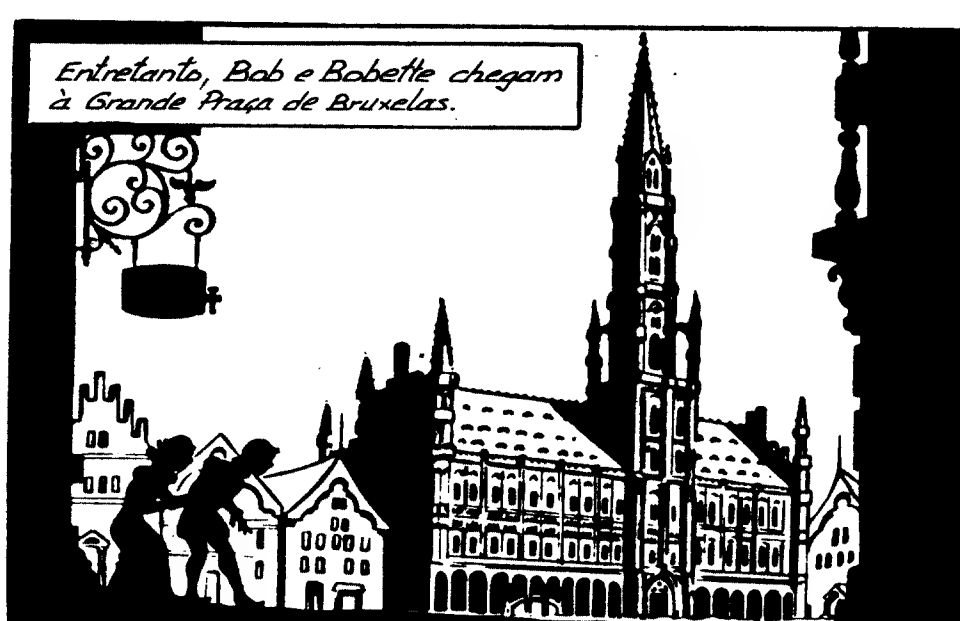
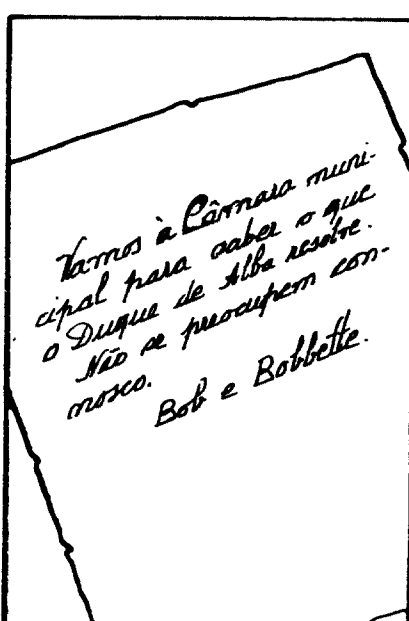


... Eu peço-lhe para lhe reservar um bom caldeirão!

Mas, de súbito...



O FANTASMA ESPANHOL



ROTEIRO CULTURAL

COMEMORAÇÕES do 40.º ANIVERSÁRIO DE «GAIBÉUS» DE ALVES REDOL

Inicia-se hoje, no concelho de Vila Franca de Xira, o programa para as comemorações do 40.º aniversário de «Gaibéus» de Alves Redol.

Da primeira jornada das comemorações constam a sessão de abertura nos Paços do Concelho daquela vila, às 15 horas, com intervenção do escritor José Cardoso Pires e de Daniel Branco, presidente da Câmara vilafranquense; a inauguração de uma lápide na casa onde Redol nasceu; uma romagem ao cemitério com intervenção evocando a jornada antifascista que constituiu o enterro de Redol.

Hoje, à noite, pelas 21,30, nas instalações da Sociedade Euterpe Alhandrense, será inaugurada a exposição itinerante «Gaibéus e o seu tempo», com visita guiada por um elemento da Comissão Nacional das Comemorações.

O programa prolongar-se-á até ao dia 29 de Março, com iniciativas em todas as freguesias do concelho de Vila Franca de Xira, destacando-se, já na próxima semana, um colóquio sobre «Alves Redol, Gaibéus e o

neo-realismo» (4.ª feira, às 21.30, na Juventude Desportiva Alhandrense), com Urbano Tavares Rodrigues, Mário Ventura, Álvaro Pina, e uma sessão pública de homenagem ao escritor e cidadão (sexta-feira, às 21.30, na Sociedade Euterpe Alhandrense), com intervenções de Francisco Ramos da Costa, Antunes da Silva, António Modesto Navarro, leitura de textos extraídos de «Gaibéus» por Maria do Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Coro da Academia dos Amadores de Música dirigido por Fernando Lopes Graça e José Robert.

TEATRO

Hoje, às 17,30, estarão no casarão cor-de-rosa da Comunidade, à Praça de Espanha, alguns dos mais destacados dramaturgos portugueses para participarem num debate sobre «dramaturgia antes e depois do 25 de Abril».

A iniciativa — mais um dos séculos «sábados CLAC» que o Clube dos Amigos da Comunidade tem vindo a organizar — enquadra-se no tema escolhido para os debates de Fevereiro: «O Teatro em Portugal no limiar da década de 80».

Com Luís Francisco Rebelo como moderador, participam Luís de Sittau Monteiro, Bernardo Santareno, José Cardoso Pires, Jaime Salazar Sampaio, Hélder Costa, Fernando Dacosta, António Vilarinho, Vieglio Martinho, Fiamma Hasse Pais Brandão,

Yvette K. Centeno, Jaime Gra-lheiro, Norberto Ávila e Miguel Barbosa.

«Joana» — Grupo de teatro, volta à Comunidade a partir de hoje com a sua criação infantil «Brinquedo, Furunfundado, Misericuntado», que já foi vista por 14 mil pessoas.

CINEMA

Prossegue no Teatro S. Luiz o ciclo de filmes «Cinema e Teatro». Estão programados para hoje os filmes «Molière», de Ariane Mnouchkine (às 15 horas) e «A Fera Amansada», de Franco Zeffirelli (às 21,15). Segunda-feira, às 18,15, é exibido o «Henrique V», e às 21,15 o «Hamlet», ambos de Lawrence Olivier.

Amanhã, às 21,30 no Teatro da Comunidade, à Praça de Espanha, será exibido o filme «O outro teatro», de António Macedo.

A Casa da Cultura das Caldas da Rainha vai apresentar hoje, às 21,30 uma mostra cinematográfica da equipa Germinal, da Cooperativa Cultural de Mem Martins. Entre os filmes a apresentar contam-se «Dança da Vida», «Festa na Aldeia do Penedo», bem como «Dia a dia a libertação».

PASSEIOS E COLÓQUIOS

Uma visita ao Alto Alentejo e Beira Baixa, durante o Carnaval, marcará a primeira saída dos «Passeios de Do-



«Jurei pela minha honra dizer a verdade e só a verdade. Tenho-o feito lealmente, sem baixar os olhos»
Alves Redol

mingo» para fora de Lisboa, numa iniciativa do Centro Nacional de Cultura. O passeio de amanhã é uma visita guiada por Rui Calado à Cerâmica Portuguesa do Museu de Arte Antiga.

À hora a que o «DL» de hoje está a sair para a rua, principia

na Biblioteca Nacional um colóquio integrado nas comemorações do Ano Camões, seguido de uma sessão de literatura e poesia. Convidados: David-Mourão Ferreira, António José Saraiva, Helena Buesco e Eunice Munõz. Esta sessão faz parte de um fim-de-semana cultural or-

ganizado pelo Centro de Cultura e Desporto da Caixa Nacional de Pensões. À noite, no mesmo local, apresentar-se-ão, a partir das 21 horas, o conjunto musical e o grupo de teatro do CCD-CNP, este na peça «É urgente o amor», de Luís Francisco Rebelo. Amanhã, às 11 horas, Festival Walt Disney, e às 16 horas um colóquio sobre música e trabalho, com o maestro José Atalaia e o prof. Trindade dos Santos como oradores. Simultaneamente estarão patentes exposições de fotografia, pintura, escultura e venda de livros, e ainda uma retrospectiva de toda a actividade desenvolvida pelo CCD.

ARTES PLÁSTICAS

Segunda-feira, na Galeria de S. Francisco, é inaugurada uma exposição de pintura e escultura de Teresa Matos e Franco Carretas. No Instituto Alemão, continua aberta até ao dia 15 uma exposição colectiva de artistas da República Federal Alemã. Na Galeria «O País» está patente ao público, até 20 de Fevereiro, uma exposição de tapeçarias de Ann Arnoldt, «Sínteses e Tecelagem Transmontana». Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, prossegue a mostra colectiva «Arte Portuguesa Hoje», enquanto na Fundação Gulbenkian expõem individualmente os pintores Cruzeiro Seixas, Nikias, Júlio Pomar, Cargaleiro, Vespereira. Na Galeria Quadrum, António Palolo mostra, até ao dia 8 de Fevereiro, a sua instalação «Mente».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS	
ÁFRICA DO SUL (rand)	56\$00 61\$00
ALEMANHA FED. (marco)	28\$50 29\$60
AÚSTRIA (xelim)	3\$90 4\$10
BELGICA (franco)	1\$684 1\$784
BRASIL (cruzeiro)	\$833 1\$083
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	42\$40 44\$40
(notas de 5 a 1000)	42\$90 44\$90
DINAMARCA (coroa)	\$610 \$650
ESPAÑA (peseta)	\$713 \$813
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	49\$40 51\$40
(notas de 5 a 1000)	49\$90 51\$90
FINLÂNDIA (marka)	13\$35 13\$95
FRANÇA (franco)	12\$15 12\$75
HOLANDA (florim)	25\$85 26\$85
INGLATERRA (libra)	11\$310 11\$710
ITALIA (lira)	\$056 \$066
JAPÃO (iene)	\$188 \$218
NORUEGA (coroa)	10\$15 10\$65
SUECIA (coroa)	11\$90 12\$50
SUÍÇA (franco)	30\$50 31\$60
VENEZUELA (bolivar)	10\$05 11\$05

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H
Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco, havia neblina em alguns locais do Sul e chovia ou choviscava em algumas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	9°
PORTO	11°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	5°
C. CARVOEIRO	11°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	9°
ÉVORA	6°
SINES	10°
BEJA	6°
SAGRES	10°
FARO	10°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.36 4,1 m 9.33 1,1 m	16.15 3,9 m 21.38 1,1 m
Dia 3	
4.30 4,1 m 10.04 1,1 m	16.48 3,9 m 22.11 1,1 m
Dia 4	
5.03 4,0 m 10.36 1,1 m	17.20 3,8 m 22.45 1,2 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte e Centro; vento fraco; neblinas ou nevoeiros locais pela madrugada e manhã.

AMANHÃ NASCER ÀS 7.42 OCASO ÀS 18.00

AMANHÃ

centro S.O.S. voz amiga

DIA 9 DIA 16 DIA 23 DIA 1

rádio

1.º Programa
17.00: Trajectória, programa da juventude; 19.00: Música portuguesa; 19.40: Conjuntos; 20.00: Retrospectiva; 20.45: 15 minutos com; 21.00: Orquestras; 21.15: Teatro; 21.45: Música instrumental; 22.00: Programa da noite; 23.30: Do Choupal até à Lala (RDP/Centro); 24.00: Informação.

2.º Programa
17.35: Música sinfónica; 19.00: Encontro com; 19.45: Solos de piano; 20.00: Quartetos de cordas; 21.00: Pierre Boulez; 22.00: «Missa 1733» de Bach; 23.00: Intercâmbio musical; 23.45: Sonata em mi bemor maior, para clarinete e piano, de Brahms; 00.05: «Sinfonia Fantástica», op. 14, de Berlioz; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (194m)
15.03: Tempo de desporto; 19.05: É o fim; 20.03: Quando o telefone toca; 21.03: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto; 23.30: Transição.

Emissão Estereofónica
15.03: Transição; 19.03: Em órbita; 21.03: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Ao encontro da palavra; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: Temas vivos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Pentagrama; 23.30: No mundo do trabalho; 23.55: Fecho.

544545

centro S.O.S. voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 12 550

HORIZONTAIS

- Farias comentários.
- Nota musical. Prendeis com eles.
- Relva. Espaço de trinta dias. Serviço Nacional.
- Vai para fora. Nome de letra. Ruim.
- Espécie de pudim. Reis.
- Escavou.
- Antes de Cristo. Em as. Cidades de Portugal.
- Porco. Comera (pop.).
- Tosta. Comera (pop.).
- Nome de várias plantas do Brasil e da África, especialmente da família das bignoniáceas. Cabeça.
- Em todo o tempo. Artigo definido.

VERTICAIS

- Acreditas. Roéis.
- Dás oiro a. Lança de boca.
- Presenciavam. Preposição.
- Guarneci de asas. (inv.). Pune. (s.q.).
- Envolver em pão ralado. Crómio.
- Medrosa. Duas vogais designadas.
- loc. Género de palmeiras do Brasil. Oceano.
- Chefe etíope. Abarrotada.
- Segundo. Apelido.
- Queimar. Nome de homem.
- Sadio. Duna na Suécia.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8610

HORIZONTAIS

- Vasilha onde se bate leite para o fabrico de manteiga (pl.).
- Artigo definido. Cidade do estado da Baía.
- Alcool de melado. Chão. Ósmio (s.q.).
- Numeral cardinal. Nota musical. Pátria.
- Regulariam.
- Preposição e artigo. Carta de jogar. Mil e cinco em romano.
- Moderato. Cobalto (s.q.). Desvaneco.
- Centiare. Título da primeira colecção das Elegias de Ovídio.
- Tosta.
- Atmosfera. Suspiros. Pronome demonstrativo.
- Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido. Campeão.

VERTICAIS

- Talho. Assassinar.
- Boia de couro, destinada a farnel de pastores. Reze.
- Receio. Crómio (s.q.).
- Antes do meio dia. Catedral. Cara grande.
- Chefe etíope. Recusa. Oásis.
- Indivíduo sem valor. Abreviatura de Santíssimo.
- Assolar. Governanta.
- Ferro temperado. Solução. Pertences.
- Apelido. Limpas com água.
- Ecoam. Germânico (s.q.). Apelido de mão de Luís de Camões.
- Senhor. Amalgamas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 549

HORIZONTAIS:

- Sarre. Socar.
- Am. Uma. Ora.
- QUEM. Iças.
- Rau. ACABA.
- Era. Morem.
- SUA. Aso.
- Amarga.
- Atlas. Orça.
- COVA. TAPA.
- Oro. Simulas.
- Sassa. Arara.

VERTICAIS:

- Saque. Cacos.
- Amuara. Tora.
- Raera. Alvos.
- Aam.
- Eu. Assas. Sa.
- Mr. Ur. NI.
- Sa. Amago. Ma.
- Igo. Artur.
- Coçara. Cala.
- Arabas. Apar.
- Rasamos. Asa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8609

HORIZONTAIS:

- Iglu. Tremas.
- Meã. Trela.
- Al. Soa.
- Narrariam.
- Amas. Assoma.
- Roa. Ras.
- Laval. Roer.
- Alamo. Aos.
- Rara. Dó.
- Grainhas. AC.
- Aa. Sua. Mesa.

VERTICAIS:

- Imana. Larga.
- Gelam. Alara.
- La. Raivara.
- Srs. Amais.
- Toa. Rio. Nu.
- Trarão. Chá.
- Re. Isara.
- El. As. Cú. SM.
- Marmores.
- Omar. Dás.
- Sonsas. Boca.

Provérbo: Quem acabe sua cova tapa.

Programa de Cinema

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

TELES, R. João de Barros, 2-ª frente (T. 636176); ZIL, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); ONILDA, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); AZEVEDO, FILHOS, Rossio, 31 (T. 327478); ZEMA, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); COMBRO, C. do Combro, 78-82 (T. 326-59); OURIQUE, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); ZIRA, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); ESTEFÂNIA, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); CENTRAL DO LUMIAR, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); LATINA, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 42312); MARLUZ, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); VITEZ, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); MIRAMAR, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); CENTRAL DE ODIVELAS, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); CÉSAR FERNANDES, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

PERMANENTE (Amanhã)

TAPADA, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); BELO, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); TEIXEIRA LOPES, R. do Ouro, 154-156 (T. 324816); PROGRESSO, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); NEOTERAPIA, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); FINDER, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); VITALIS, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); ANTUNES ROSAS, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); SOC. HIGILUX, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); D. JOÃO V. R. D. João V, 16-C (T. 682772); ROSAS & VIEGAS, R. S. Vicente, 31-37 (T. 864351); BRANCO, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 242081); CORREIA, E. Principal, lote 172 (T. 993148); JOLENI, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leão, 8-B (T. 2750242); COVA DA PIEDADE: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); LARANJEIRO: Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); COSTA DA CAPARICA: Chai, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); BARREIRO: Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); PERMANENTE: Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212); Até às 19 horas; AMORA: Julietta Campos, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 221131); SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); MONTIJO: Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 231132); MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); ALCOCHETE: Nunes, J. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas; OEIRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas; CARCAVELOS: Vilar, Até às 24 e das 0 às 9 horas; PAREDE: Alair, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 horas; Junqueiro Mendes, Das 0 às 9 horas; MURTAL: Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 21 horas; AMOREIRA: Amoreira (T. 262313/267314); MONTE ESTORIL: Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; CASCAIS: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Até às 22 horas; DAMAIA: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); QUELUZ: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cid. Lisboa, 94 (T. 2518726); CACÉM: Garcia, Av. Missionários, 2 (T. 2942181); MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103). Permanente; RIO DE MOURA: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; SINTRA: Simões, Estefânia (T. 2930832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 299088).

MOSCAVIDE: VARELA, Av. Moscavide, 44. Permanente; SACAVÉM: Soares, R. José L. Morais, 15-A. Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CONTUMIL, R. de Contumil, 540; VAZ TEIXEIRA, R. do Heroísmo, 56; BIRRA, P. da Liberdade, 125; COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855; MARQUES DE MENDONÇA, R. do Ameal, 251; MAFALDA, R. do Monte Cativo, 444; CARDONA DOS SANTOS, R. D. Manuel II, 90; ORIENTAL, R. do Bonjardim, 727; SAÚDE, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 689.

DE DIA E TODA A NOITE

PASTELEIRA, R. André de Rezende, 92; ALMEIDA CUNHA, R. Formosa, 327; SAMPAIO, R. de Cedofeita, 636; S. JERÓNIMO, R. Santos Pousada, 622.

Coimbra

LOPES RODRIGUES, R. Fernandes Tomaz, 41 (T. 22634); OLIVAS, R. Bernardo Albuquerque, 159 (T. 72904).

abcINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
Sala A
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45h.
- Int. men. 13 a.
IRMÃOS DE SANGUE
(Blood Relatives)
SALA B às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
- 13 a.
MANHATTAN
c/ Woody Allen

ALVALADE

897480

Av. de Roma
As 15, 18 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Um espectáculo heróico e deslumbrante
OS DOIS PRÍNCIPES
c/ Jostendra e Reena Roy

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ARROZ AMARGO
c/ Vitorio Gassman e Silvana Mangano
Um filme de Giuseppe de Santis
As 23.30 - N. ac. men. 18 a.
O GRANDE CONQUISTADOR
c/ Woody Allen

AVIS

547167

Av. Duque D. Avila 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Subjugado pela tirania de um homem poderoso, lutava pela justiça e por um amor
AMBIÇÃO INSACIÁVEL
c/ Vikram e Zarina Wahab

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m/13 anos
CARAVANAS
c/ Anthony Quinn, Jennifer O'Neill
Um filme de James Fargo

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ZOMBIE: A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS
c/ David Emge, Ken Foree
Amanhã às 11 - Para Todos
A VIAGEM DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA

CASTIL

530194

Rua Castilho
As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O sabor doce e ácido de quando se é jovem
O filme surpresa do ano
GELADO DE LIMÃO
8.ª Semana
As 24 - N. ac. men. 13 a.
ABBA

CINE 222

Tel 579466

Av. Praça da Vitória, 37. (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
INES VAI MORRER
Um filme de Giuliano Montaldo
As 23.45
OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
Amanhã às 11 - Para Todos
O URSINHO BRINCAHÃO

CINEBOLSO

573407

Fica Actor Taborda, 27-8
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS GRANDES GOZADORAS
Pornográfico, 1.º escalão
As 24 - N. ac. men. 13 a.
A HIENA DO KARATE
Amanhã às 11 - Para Todos
OS 2 MAGOS DA BOLA

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15
As 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMARGURA DE DUAS ALMAS
c/ Shamm Kapoor, Hema Malini e Rajes Khanna
Um filme de Hamesh Sippy
Amanhã às 11 - Para Todos
ASTERIX E CLEÓPATRA

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 anos
ALIEN O 8.º PASSAGEIRO
com Tom Sheritt
4.ª Semana

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 Aiges
As 15, 18 e 21.15
Int. m/18 anos
O CAÇADOR
As 23.45 - Int. men. 13 a.
KING KONG

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damaia
As 16 - Para Todos
A TEIA DE CARLOTA
As 21.15 - Int. men. 18 a.
O EXORCISTA
As 23.45 - Int. men. 18 a.
O JUSTICEIRO AMARELO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon, Susan Blakely e Robert Wagner
Um filme de David Lowell Rich
As 24 - N. ac. men. 18 a.
Sábado Especial
O BEIJO DA MORTE

ESTUDIO

555134

Av. Alonso Henriques, 35
As 15, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
John Carpenter, o menino prodígio de Hollywood, realizou o filme-choque do ano
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Prémio especial do júri do Festival de Cannes
O DUELO
As 24 - N. ac. men. 18 a.
Antestreia
A TERNURA? UMA OVA!

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 - Int. men. 13 a.
UMA AVENTURA PARA DOIS
As 18.15 - Para Todos
Tarde Infantil
O TESOURO DE TARZAN
As 24 - Int. men. 13 a.
Sessão da Mela-Notte
O GOVERNADOR DE FERRO

IMPERIO

555134 5

Al. Alonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Quando já não houver lugar no Inferno os mortos andará pela terra
ZOMBIE: A MALDIÇÃO DOS MORTOS VIVOS

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Martin Ritt com Sally Field
1.º prémio Cannes
NORMA RAE
Filme de qualidade
4.ª Semana
As 24 - N. ac. men. 18 a.
NOSFERATU, O FANTASMA DA NOITE

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
As 15, 18.15 e 21.45
Int. men. 13 anos
METEORO
c/ Sean Connery, Natalie Fonda, Karl Malden e Henry Fonda
3.ª Semana

MONTECARLO

Tel 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- Int. men. 18 a.
ZOMBIE: A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS
c/ David Emge, Ken Foree e Scott H. Reiniger
Um filme de George A. Romero
As 24 - N. ac. men. 18 a.
A GRANDE BATALHA

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferraz, 12-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon, Susan Blakely e Robert Wagner
Um filme de David Lowell Rich

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 17.45 e 21.30
A ARVORE DOS TAMANCOS
Um filme de Ermanno Olmi
Palma de Ouro do Festival de Cannes
Melhor filme da década de 70, considerado unanimemente pelos críticos americanos e italianos, como um dos melhores filmes do ano

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
O RECONHECIMENTO DA MÃE
c/ Shalan e Nadeen

ODEON

326283 4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a m. 18 anos
AS MOTOS DA MORTE
Acção, violência, num filme empolgante
3.ª Semana

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CARAVANAS
c/ Anthony Quinn, Jennifer O'Neill e Michael Sarrazin
Um filme de James Fargo

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
3000 MILHAS EM FUGA
c/ Glen Ford, Cliff de Young e Blair Brown

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16

771378

SALA 1 às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h.
e 24 - N. ac. men. 18 a.
O 8.º PASSAGEIRO
de Ridley Scott
SALA 2, às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 23.30
NOITES DE SINGAPURA

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
As 15.30, 18.15 e 21.30
O mais sensacional êxito musical da época
HAIR
22.ª Semana

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Concorde protagonista da mais emocionante aventura dos céus
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
- Int. men. 13 a.
QUERO O MEU FILHO
c/ Linda Furl e Desi Arnaz
2.ª Semana

SAO JORGE

579144-579144

Av. da Liberdade 175
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A obra-prima de Woody Allen
MANHATTAN
c/ Woody Allen e Diane Keaton
3.ª Semana

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
4 Sessões: 15.00, 17.00, 19.00, 21.45
Int. m. 13 anos
EUTANÁSIA DE UM AMOR
Ornella Muti e Tony Musante
Na noite início da projecção do filme às 21.52 horas
3.ª Semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45 e 21.30 h.
- N. ac. men. 13 a.
Um grande êxito mundial
ACONTECEU EM PARIS
c/ Wayne Rogers e Gayle Hunnicutt
As 24
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Classif. m/acons. m/18 anos
UMA MULHER DE SONHO
«10»
UM HOMEM NÃO PODE VIVER SO DO AR...
Amanhã às 11 - Para Todos
OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
MISSAO GALATICA: CYLON ATACA
c/ Richard Hatch, Dirk Benedict, Lorne Greene e Lindy Bridges
Um filme de Vince Edwards e Christian Nyby
Atenção: este filme será apresentado na espantosa multimédia de Sensurround
2.ª Semana

VOX

580808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18 e 21.30
Não acons. m/18 anos
A mais deliciosa comédia do ano
UMA MULHER DE SONHO
As 24 - Int. men. 18 a.
OS RIVAIS

ZODIACO

570151

Rua Conde de Redondo, 5
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A DESTRAVADA AMERICANA
As 23.45 - Grupo D (18 a.)
OS PERVERSOS
Amanhã às 11 - Para Todos
A FEITICEIRA VOADORA

VINHO CASAL DA PONTE PARA QUEM É EXIGENTE

Sociedade dos Vinhos do Sul, Lda
ARMAZENISTAS - EXPORTADORES
- WINE EXPORT -

SEDE: AZAMBUJA
ESCRITÓRIO CENTRAL: AV. ALMIRANTE REIS 45-4.º Dto.
TELS. LISBOA - 843391/2
AZAMBUJA 053 - 42150
TELEX - 12346 SULVIN P



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração: Rua Castilho, 185 - 1.^o

Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa

Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos

Rua Luz Soriano, 44

Telefones 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade 368740

Serviço Norte (Depois das 21h)

Porteiro 321154

Mensagens Gravadas 320229

Endereço Telegráfico Dibo

Telex 12363 Lisboa Portugal

Delegação do Porto: Rua do Almada, 30 - 2.^o

Telefones 20954/5 - 4000 Porto

Ainda a burla do IASE

Poderá ascender a uma importância superior aos sessenta mil contos inicialmente referidos, a burla de que foi vítima o Instituto de Assistência Social Escolar (IASE), que há uma semana é objecto das investigações da Polícia Judiciária. No entanto esta polícia, interpelada pelos Órgãos de Comunicação Social continua a afirmar ser apenas aquela quantia a que terá sido sacada da dependência de Santarém da Caixa Geral de Depósitos.

Segundo o que foi possível apurar, alguém terá conseguido requisitar um livro de cheques sobre a conta daquele Instituto e, a partir daí, forjar as assinaturas que permitiram os saques; quer directos, quer por transferências para contas abertas em outros bancos. Neste segundo caso, o burlão teve de conseguir essas contas sob nome fictício para não ser posteriormente apanhado.

Um conta sob nome falso, consegue-se tendo antes obtido um documento de identidade também falso (na sua totalidade ou falsificado).

A presente burla, contrariamente ao que afirma um matutino, nada tem a ver com o facto de a banca ser ou não ser nacionalizada, pois o sistema de controlo num caso ou noutro é absolutamente semelhante, e nunca os accionistas foram encarregados desse controlo. Aliás esse matutino parece ignorar na sua ânsia de atacar a banca nacionalizada, de que a Caixa Geral de Depósitos sempre foi nacionalizada.

Jovem mãe em coma no Hospital de S. José

Maria Luísa Correia Ferreira Tavares, de 24 anos, mãe de três filhos, encontra-se desde a madrugada de ontem em estado de coma no Hospital de S. José, por ter ingerido noventa comprimidos, na sequência de um interrogatório «pidesco» a que foi sujeita pelo patrão, Fernando Alves Macedo, o proprietário da «Moda e Lar», que a pressionou a assinar um documento altamente comprometedor (susceptível de despedimento) para o seu companheiro, João Manuel Peralta, também empregado na mesma firma.

João Peralta tinha tido, na tarde do passado dia 17 de Janeiro, uma discussão de carácter particular com um camarada de trabalho. Ainda excitados, ambos pediram a demissão do serviço. «Palavras que se proferem num segundo e que no segundo seguinte já não têm razão de ser — diz-nos João Peralta. — Foi isso que se passou comigo. E logo a seguir pensei que já ninguém se lembrava deste facto. Só que o senhor Alves Macedo tomou tudo à letra e no dia seguinte considerava-me suspenso, não me deixando retomar o trabalho, enquanto, em sua opinião, não fosse feito um inquérito ao sucedido».

João Peralta refere-nos, em seguida, que o patrão suspendeu então a sua mulher, Maria Luísa, a fim de, segundo se lia numa carta que lhe enviou, «evitar qualquer interferência que possa perturbar o bom andamento das necessárias averiguações».

Até que na tarde de anteontem, Fernando Macedo convocou Maria Luísa para prestar declarações na sede da firma, situada na Rua Luís Duval, 27, 3.^o, direito. E aí se iniciaria todo este drama. Após um longo interrogatório, sem se poder sentar, rodeada de múltiplas ameaças e de elementos falsos do tipo «os outros já assinaram todos» (o s que assistiam à discussão) Macedo levava a jovem a assinar um documento que era uma autêntica sentença de despedimento de João Peralta, uma vez que se afirmava que o incidente tinha tido lugar durante a hora de trabalho.

«A minha mulher quando chegou a casa vinha bastante deprimida, contou-me o sucedido, e o seu estado deve ter atingido os limites do desespero, quando chegaram alguns dos camaradas, a quem o senhor Macedo se



Um dos estabelecimentos «Moda e Lar», na Estrela, onde Maria Luísa e o marido desempenham, há três anos as funções de vendedores

referira, e que negaram ter assinado qualquer documento. Nessa noite, aproveitando a minha ausência, ingeriu os comprimidos», contou-nos João Peralta. Antes da sua tentativa de suicídio Maria Luísa escreveu duas cartas. Uma dirigida ao marido, em que se lia apenas: «Perdoa-me, João, não te quis fazer mal mas fiz e não tenho perdão». E uma outra ao Sindicato: «Eu estava sob uma tensão tão grande que não consegui pensar. Só pensei na minha situação, na do meu marido e dos filhos. Eu li o papel antes de assinar, mas logo que cheguei e o li com mais cuidado eu vi que no início havia logo uma mentira. O caso passou-se fora das horas de trabalho. Eu fui usada, gozada no meio de tudo isto, descontrolaram-me completamente os meus nervos, que já não andavam bem, e foi esse o motivo que me levou a passar uma procuração ao João, para poder falar por mim já que eu não conseguia falar».

Em suma: Maria Luísa uma jovem mãe às portas da morte, em circunstâncias que nos trazem à memória o caso do «Cantinho da Ribeira» (no concelho de Serpa), que serviu de base ao

romance de Manuel da Fonseca «Seara de Vento». aí também uma mulher, igualmente jovem, mãe de seis filhos, foi obrigada a confessar, perante gnr's e o patrão, um roubo de trigo que o marido depois se provou não ter cometido. Acabando por se enforçar no interior do próprio posto da GNR. Só que tudo isto se passou no tempo de Salazar e do advento do fascismo na Europa (estava-se nos finais da década de trinta). E o interrogatório feito a Maria Luísa aconteceu em Portugal, seis anos apenas depois de Abril.

M.G.

Furto misterioso de 600 contos

Em circunstâncias consideradas misteriosas desapareceram seiscentos contos durante a madrugada de ontem das instalações da «Mague» em Setúbal.

Aquela importância destinada ao pagamento do pessoal daquele departamento da Sociedade de Construção Electromecânica com sede em Alverca, encontrava-se guardada num armário dos escritórios e deu-se pela sua falta ontem pelas oito horas no início da actividade diária.

Instituto Piaget encerra Encontro

A hora a que a nossa edição começa a circular está a realizar-se na Aula Magna da Reitoria, em Lisboa, a sessão de encerramento do I Encontro Nacional sobre Aprendizagem e Desenvolvimento, promovido pelo Instituto Piaget.

Uma mesa-redonda sobre «Política e planificação científica e educacional», dirigida por António Oliveira e Cruz e na qual participam José Hermano Saraiva, Alcáda Baptista, António Reis, António Brotas, Veiga Simão e Emílio Salgueiro preenchem os trabalhos da sessão, juntamente com uma nota de encerramento da responsabilidade do presidente do Instituto.

Esta manhã, foram proferidas duas exposições, de António Bortas («O Ensino como factor de Desenvolvimento») e João dos Santos («Desenvolvimento

Processo militar contra director do «Diário 16» indigna Imprensa europeia

MADRID, 2 (Do nosso correspondente Fernando Jauregui) — Em Espanha regista-se nos últimos dias um evidente endurecimento político cujo máximo expoente é o processo anticonstitucional accionado contra o director do «Diário 16», Miguel Angel Aguillar, por publicar uma informação sobre uma suposta intenção militar.

Os golpes da Polícia contra uma manifestação de estudantes, há dois dias, numa acção qualificada de «brutal» por numerosos testemunhas; os boatos de, momento desmentidos, acerca de uma possível ascensão do directista Manuel Fraga ao Ministério do Interior, e a nomeação do general de Polícia, Saenz de Santamaria, como governador do País Basco com plenos poderes para reprimir o terrorismo, são outros tantos sintomas de que o processo de «direitização» se incrementa em Espanha.

Uma tendência que fez afirmar a Santiago Carrillo que «o golpe de Estado não é necessário. Já estamos percorrendo com bastante rapidez o caminho da direita».

Não obstante o caso seja um processo com liberdade provisória do director do «Diário 16» é o sintoma mais preocupante para o futuro. Porque Miguel Angel Aguillar foi processado por um Tribunal Militar, coisa que atenta contra a Constituição, neste caso violada.

O «delito» de Aguillar foi auto-

rizar a publicação no seu jornal, sexta-feira da semana passada, de uma notícia sobre uma presumível intenção militar abortada (notícia recolhida no mesmo dia pelo «DL»).

Os factos em que se baseava a informação nunca foram desmentidos e posteriormente outros meios de informação espanhóis foram ainda mais longe na recolha de dados sobre este caso.

O próprio Santiago Carrillo, num encontro informal com vários jornalistas declarou que tanto o PSOE como o PCE e o próprio Governo estavam informados dos factos mais tarde relatados por «D-16».

Embora pouco depois Carrillo se tivesse retractado destas declarações, crê-se que as autoridades militares chamarão o secretário-geral do PCE a testemunhar, o que sem dúvida constituirá um novo escândalo.

O processo de Miguel Angel Aguillar causou uma profunda indignação entre os profissionais da informação espanhóis e europeus.

O Instituto Internacional de Imprensa enviou uma dura nota condenando a atitude das autoridades militares. Em meios informados pensa-se que este processo, empreendido por empenho pessoal do ministro da Defesa, Augustin Rodriguez Sagun, parente do presidente Suarez, pode acabar por custar o cargo ao ministro.

CCT's e Reforma Agrária em causa

CGTP-IN exorta a «acções de massas»

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional exortou, ontem, os trabalhadores portugueses a reforçarem a sua coesão e unidade para, através de todas as formas constitucionalmente permitidas, com especial relevo para a acção de massas, se oporem à actual política governamental.

Trata-se, no entender do Secretariado Nacional da Inter, de acções que constituem «resposta legítima e correcta face aos ataques que o Governo da reacção desenvolve contra os direitos e interesses de todos os trabalhadores, contra o regime democrático e contra a independência nacional».

Enumerando e analisando os diversos aspectos da política governamental, a CGTP classificou-a, neste comunicado, como «uma política global articulada de desestabilização político-social, evidente que é, em todos os

domínios, contrária aos interesses e direitos dos trabalhadores e do País».

Nesta análise da CGTP são focadas questões que vão dos aumentos de preços já anunciados e outros que se adivinham à política relativamente aos pensionistas e idosos, uma vez que foi suspenso um diploma do anterior Governo, o qual instituiu o esquema mínimo de protecção social a todos os cidadãos que não estavam abrangidos por qualquer outro. Foi também suspenso o aumento de 1350 para 1800 escudos feito pelo anterior Governo para a reforma dos trabalhadores rurais, assim como o alargamento, a esses trabalhadores do abono de família.

Mas da lista fazem igualmente parte os problemas levantados com a recusa de publicação de mais de 40 convenções colectivas de trabalho, anunciadas pelo ministro do Trabalho e o reinício de «uma política de violência» contra a Reforma Agrária.

«Por outro lado, é o próprio Governo quem começa a lançar no desemprego milhares de trabalhadores» — assinala a Intersindical. «São exemplos concretos desta acção concertada a autorização concedida aos patrões ingleses da Plessey para despedirem centenas de trabalhadores, assim como a dada aos patrões dos Açores, através do Governo Regional, para suspenderem os contratos de trabalho que quisessem e, ainda, a ameaça de despedimento de 256 trabalhadores da ITT/Standard».

A terminar este comunicado, a CGTP manifestou a sua solidariedade para com os trabalhadores da Reforma Agrária e os que foram atingidos pelas medidas «correcta, justa e adequada à provocação do MT, a forma de luta já anunciada de greve simultânea nos sectores afectados».

(Hoje 32 páginas)

Acordo de Pesca Portugal-Espanha:

Menos 20 por cento de licenças de arrasto em águas portuguesas

Portugal pode enviar, até ao fim de 1980, 345 barcos a pescar nas águas territoriais espanholas enquanto os nossos vizinhos podem trazer, até às nossas águas territoriais, 370 embarcações. As negociações entre os governos dos dois países terminaram, ontem à tarde, em Lisboa.

Portugal pode pescar na zona económica exclusiva espanhola, a norte e ao sul do Cabo da Roca, com arrasto, volanta, linha, palometa ou xaputa. Para esta zona foram concedidas 155 licenças de pesca, cabendo 60 ao arrasto e 75 à volanta.

Na zona situada entre as seis e as doze milhas, a Espanha concedeu a Portugal 190 licenças: arrasto, 25; tresmalho, 80;

linha, 15 e cerco 70.

A Espanha não passou licenças de pesca de tresmalho e de cerco, a Portugal, para a sua ZEE, bem como para a pesca de xaputa a norte do Cabo da Roca, e na zona compreendida entre as seis e as doze milhas, para a pesca de volanta, tresmalho e linha, a norte do Cabo da Roca.

Para os barcos espanhóis as autoridades portuguesas concederam, dentro da ZEE, 257 licenças de pesca, cabendo 65 ao arrasto e 55 à volanta. Ainda dentro da ZEE portuguesa foram concedidas 165 licenças para a pesca da xaputa e 19 para o tresmalho, apenas a norte do Cabo da Roca.

Entre as seis e as doze milhas Portugal concedeu à Espanha

113 licenças: arrasto 24; tresmalho (só ao norte do Cabo da Roca) 19 e cerco 70.

Portugal não passou licenças para a pesca do tresmalho e do cerco, dentro da ZEE, a sul do Cabo da Roca, e, entre as seis e as doze milhas, não concedeu autorização para a pesca da volanta, tresmalho, a sul do cabo da Roca, assim como para a pesca da xaputa e do palangre puro.

Esteves Cardoso, director-geral das Pescas, afirmou que os resultados destas difíceis negociações satisfazem os dois países. Acrescentou que Portugal conseguiu reduzir em 20% as licenças de pesca de arrasto dentro das doze milhas portuguesas, de forma a não prejudicar as espécies piscatórias.



Um olhar sobre o universo camponês, atento, rigoroso, belíssimo

A Árvore dos Tamancos

de Ermanno Olmi

Jorge Leitão Ramos

É curioso verificar como a realidade camponesa começa a ser descoberta no final dos anos 70. Cineastas de origem tão diversa e projectos tão diferentes como Bertolucci (1900), os Taviani (Padre Padrone), Imre Gyöngyössi (Uma vida bem vulgar), António Reis (Trás-os-Montes), Zoltán Fábri (Húngaros), César Monteiro (Veredas), António Campos (Histórias Selvagens), chamaram a si a responsabilidade de retomar um estrato social que, depois de marginalizado durante bastos anos, aparece agora como possuído de uma ancestralidade e de uma cultura que, em muitos desses filmes, é quase a matriz fundamental. Se há quem olhe os camponeses como um quase pretexto (Bertolucci) ou como um mero estúdio «primitivo» a ultrapassar (os Taviani), se há quem os filme sob olhos de poeta (Reis e César Monteiro) ou sob os olhos de um irmão (Campos), há também quem os tome como garantes de uma verticalidade perdida (Gyöngyössi) ou ainda como raiz metafórica de toda uma nação (Fábri). Mas o grande filme directamente sobre a realidade camponesa, apanhada nos seus múltiplos vectores e filmada sem complacências, Zoltán Fábri (Húngaros), César Monteiro (Veredas), António Campos (Histórias Selvagens), chamaram a si a responsabilidade de retomar um

estrato social que, depois de marginalizado durante bastos anos, aparece agora como possuído de uma ancestralidade e de uma cultura que, em muitos desses filmes, é quase a matriz fundamental. Se há quem olhe os camponeses como um quase pretexto (Bertolucci) ou como um mero estúdio «primitivo» a ultrapassar (os Taviani), se há quem os filme sob olhos de poeta (Reis e César Monteiro) ou sob os olhos de um irmão (Campos), há também quem os tome como garantes de uma verticalidade perdida (Gyöngyössi) ou ainda como raiz metafórica de toda uma nação (Fábri). Mas o grande filme directamente sobre a realidade camponesa, apanhada nos seus múltiplos vectores e filmada sem complacências, estava por fazer e apareceu agora: **A Árvore dos Tamancos** de Ermanno Olmi. Não é um filme que nos venha contar uma história, sequer entregar uma mensagem na falsa caixa do correio do écran. Não é um filme que nos venha propor heróis ou paraísos perdidos. É um filme que agarra a realidade camponesa de uma época de mudança (os finais do século XIX) propondo-nos olhá-la enquanto lugar de viragem na antecâmara da civilização industrial. Mas não uma viragem enxertada de fora, fornecendo aos camponeses um estatuto que não possuíam, «utilizando-os» de algum modo

enquanto **décor**; antes, uma viragem que se traduz em breves (mas bem definidos) sinais: a alfabetização e a fábrica que chegam, a cidade onde a mudança se organiza. Olmi não quer, por outro lado, olhar os seus camponeses como seres dotados de um «carisma» que os projectasse para as esferas da nossa vontade (que não da sua realidade). Ao mesmo tempo que traça, imbricando notavelmente várias ficções (várias histórias), uma panorâmica rigorosa do seu quotidiano (o trabalho, os mitos, a festa, a religião, a família...), Olmi sabe observar o que esse quotidiano é um factor progressivo e quais as maleitas que tolem a possibilidade de uma ultrapassagem da sua condição de oprimidos. Notável de honestidade é a sucessiva recusa em deixar embarcar os seus personagens na nau de uma revolta prematura (porque não correspondendo à situação social em presença e ao desenvolvimento de uma consciência de libertação) muito embora os pretextos abundem e com frequência pareça que a ficção vai embraiar nesse sentido. Recusa que não é, porém, uma posição de princípio mas uma constatação, aliás amplamente representada no filme (o individualismo, uma certa cupidez, a crença em factores máficos para resolução dos problemas quotidianos, bastante conformista quanto a

uma situação social que lhes aparece como imutável, eis alguns dos factores, nele traçados com limpidez). E depois este filme é belíssimo. As suas imagens, talhadas em cores quentes, a sua atenção quase etnográfica aos objectos, locais e atitudes, o seu respeito pelas pessoas filmadas com pudor e inteireza, os seus diálogos construídos num dialecto que acrescenta ao rosto dos camponeses a verdade do seu próprio som, o seu tempo sem pressas nem becos que nos ensina a deixarmo-nos penetrar pela sua lógica, estes alguns dos elementos que fazem de **A árvore dos tamancos** uma obra invulgar.

Não é, por outro lado, gratuito chamar a atenção para a excelente direcção de actores (que são camponeses da região de Bérgamo) ou para o facto, raro, de Olmi ser neste filme o autor completo: realização, argumento, fotografia e montagem pertencem-lhe e em todos esses domínios ele assina trabalhos relevantes. Deve dizer-se, por último, que **A Árvore dos Tamancos** é um filme que nos exige uma disponibilidade total, isto é, a postura de se deixar conduzir pelo filme ao invés de lhe pedir que satisfaça a nossa vontade. Daí que esta película de Olmi seja o contrário de um filme comercial: ela não está lá para acariciar os espectadores ou para os servir, ela é uma

proposta diferente para o nosso olhar, assume-se enquanto cinema que positiva a recusa de ser «normal», reconfortante, sábado-à-noite.

FICHA:

Título original: L' Albero degli zoccoli.

Realização, argumento, montagem, fotografia (gevacolor): Ermanno Olmi (Itália-1978).

Direcção artística: Eurico Tovaglieri.

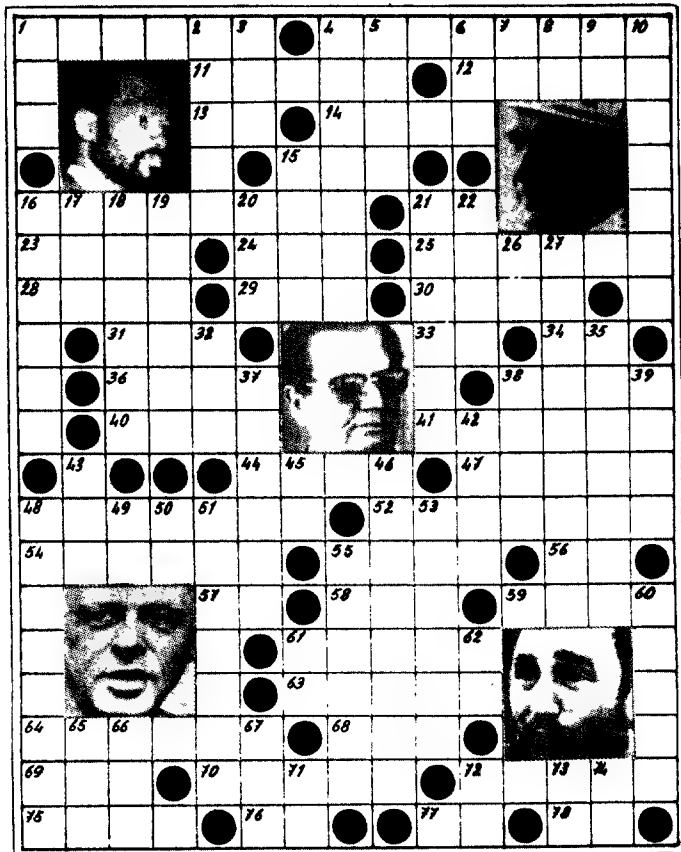
Música: Johann Sebastian Bach e música Tradicional.

Efeitos sonoros: Italo Cameracanna e Aldo Ciarra.
Interpretação: Luigi Oenaghi (Batisti), Francesca Mosiggi (a sua mulher), Omar Brignoli (Minek), António Ferrari (Tuni), Teresa Brescianini (a viúva Runk), Giuseppe Brignoli (o avô Anselmo), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes.
Cinema: Nimas
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.
Duração: 175 minutos.

DE 2 A 8 DE FEVEREIRO DE 1980

sete
PONTO
sete

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/16, Este conhecido físico soviético foi exilado em Gorki e destituído de todos os títulos em virtude da acusação que sobre ele pesa de ter vindo a desenvolver, há já alguns anos, uma actividade subversiva

contra o estado soviético, isto, segundo o jornal «Izvestia». 4, Aca-
bara. 11, Tirem da terra. 12/21/25, «Uma grande patranha», foi como
classificou um diplomata cubano o boato de que houvera troca de
tiros entre esta alta individualidade de Cuba e seu irmão Raul, actual
ministro da Defesa e primeiro vice-presidente do Conselho de Es-
tado. 13, Satélite de Júpiter. 14, Freguesia do concelho de Castelo
Branco. 15, Pronome pessoal. 23, Estimai. 24, Rio de Portugal. 28,
Nome de alguns reis da Hungria, da dinastia dos Arpadianos. 29,
Sadias. 30, Duzentos e dois em romano. 31, Graúdo. 33, Flauta
chinesa de três buracos. 34, Crómio (s.q.). 36, Pepino do Egipto. 38,
Crisol (fig.). 40, Organismo norte-americano de pesquisas espaciais.
41, Arremedar. 44, Apesar dos seus 87 anos, este corajoso presi-
dente da Jugoslávia parece estar a restabelecer-se normalmente
após a amputação da perna esquerda e, os médicos, afirmam ser
satisfatório o seu estado geral. 47, Venera. 48, Guarneceira de
arames. 52, Atores. 54/64, Este presidente africano fez recente-
mente em Sofala uma ofensiva verbal contra a corrupção e infiltração
de adversários do regime e incitou a população a «cortar a erva
daninha», a fim de combater «o perigo». 55, Frangulino. 56, Alteza
Real. 57, Nome de letra. (inv.). 58, Intimo. 59/72/77, Após 347 anos,
este chefe da Igreja Católica Apostólica Romana reconheceu publi-
camente que o grande cientista italiano Galileu foi injustamente vítima
da Igreja. 61, Lançar o arpejo a. 63, Cidade do Egipto. 68, Acrescen-
tando uma consoante é pintor e gravador do género holandês, aluno
de Rembrandt, o autor da célebre obra «Fiandeira». 69, Ovário dos
peixes. 70, Apelido. 75, Adição. 76, Pronome reflexo. 78, Pronome
pessoal.

VERTICAIS:

1, Com. da Bélgica. 2, Cidade de Espanha. 3, O mesmo que ion. 4,
Mudas. 5, Aves pernaltas. 6, Azáfama. 7, Pronome pessoal. 8,
Preposição latina que designa movimento. 9, Nota musical. 10,
Recrutou. 15, Nome de diversas ilhas, lagoas e cachoeiras do Brasil.
16, Freguesia do concelho de Odemira. 17, Estime. 18, Cidade da
URSS às margens do Oka. 19, Grupo de estrelas que formam a
cabeça da constelação de Touro. 20, Freguesia do concelho de
Penafiel. 21, Setecentos e três em romano. 22, Um dos três juizes dos
Infernos, com Minos e Radamanto. 26, Nota musical. 27, Tremou de
frio. 32, Freguesia do concelho de Alenquer. 35, Abertura do vulcão
por onde são expelidas lavas. 37, Tumor gangrenoso. 38, Calçado de
serranos (ant.). 39, Sulcas a terra. 42, Malho. 43, Istmo montanhoso
que liga a Indochina à península de Malaca. 45, Papagaio da Amazo-
nia. 46, Esposa de Filipe II da Macedónia, que a repudiou, e mãe de
Alexandre. 48, Esmoncamos. 49, Amónio (s.q.). 50, Moderato. 51,
Limpam metais. 53, Levara à toa. 55, Jovem babilónico, famoso
pela sua ligação trágica com Tisbe. 60, Cidade do estado de Pernam-
buco. 61, Antes de Cristo. 62, Letra grega. 65, Freguesia do concelho
de Oliveira do Hospital. 66, Caminho. 67, Pêlos de certos animais. 71,
Pronome pessoal. 72, Letra grega. 73, Artigo indefinido. 74, Vê.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1, Ans. 2, Ecija. 3, Ião. 4, Removes. 5, Emas. 6, Afã.
7, Ti. 8, Ad. 9, Re. 10, Alistou. 15, Nova. 16, Sabóia.
17, Ame. 18, Kauga. 19, Hadas. 20, Rás. 21,
DCCIII. 22, Eaco. 26, Si. 27, Tiritara. 32, Ota. 35,
Cratera. 37, Antraz. 38, Pica. 39, Aras. 42, Maco.
43, Crá. 45, Iá. 46, Olimpas. 48, Assoamos. 49,
Am. 50, Mo. 51, Aream. 53, Atoara. 55, Piramo.
60, Oróbó. 61, AC. 62, Ro. 65, Avó. 66, Cam. 67,
Las. 71, 71, Te. 72, Pi. 73, Um. 74, Lê.

HORIZONTAIS:

1/16, ANDREI SAKHAROV. 4, Rematara. 11, Ca-
vem. 12/21/25, FIDEL DE CASTRO. 13, Io. 14,
Mata. 15, Nôs. 23, Amal. 24, Ave. 28, Bela. 29, Sãs.
30, CCII. 31, Udo. 33, Io. 34, Cr. 36, Gata. 38, Pira.
40, NASA. 41, Imitar. 44, Tito. 47, Acata. 48, Ara-
mara. 52, Lacares. 54/64, SAMORA MACHEL. 55,
Pito. 56, AR. 57, Zê. 58, Imo. 59/72/77, JOAO
PAULO II. 61, Arpar. 63, Cairo. 68, Maa. 69, Ova.
70, Matos. 75, Soma. 76, Se. 78, Me.

EM PLENO ÊXITO

JOSÉ VIANA **DORA LEAL**

A ESCOVA DE DENTES

Uma comédia de J. Díaz numa encenação de Fernando Gusmão na ACADEMIA DE ST.º AMARO (à Junqueira). Telefone 636637 de 3.ª a sábado às 21.45. Aos domingos matineés às 16 horas.

Agora em Lisboa na **GUILHERME COSSOUL**

A Queda dum Anjo

de CAMILO C. BRANCO

com António Assunção e Ema Paul

GRUPO DE CAMPOLIDE

Av. D. Carlos I, 61 - Tel. 665906

VEJA **NÓ** **TEATRO** **TRINDADE**

TODAS AS NOITES ÀS 20.30 E 22.45 DOMINGOS E FERIADOS MATINEES ÀS 16 H

"A INVASÃO"

O melhor espectáculo mu-sicado de sempre.

LA INVASÃO

Folga às segundas-feiras

com:

NICOLAU BREYNER
CARLOS QUINTAS
ANTÓNIO CALVÁRIO
HENRIQUE SANTOS
MAFALDA SANTOS
M. HELENA MATOS

à frente de um grande elenco

ORQUESTRA DE 25 FIGURAS

Um espectáculo importante para o Povo Português

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21.45

DRAGÃO

DE EVGUENI SCHWARTZ

domingo só às 18 horas
segunda-feira descanso

PRACA DE ESPANHA • M. PALHAVA • TEL. 76 26 24

TEATRO ABERTO

Praca da Espanha • Metro Polvorão • Tel. 77 09 69

grupo 4

EM 4.ª MES

CHÁ dos GENERAIS

de BORIS VIAN

ÚLTIMAS

SÁBADO: ÀS 16.00 E ÀS 21.45
DOMINGO: SÓ ÀS 16.00

O MAIS DIVERTIDO ESPECTÁCULO DE 1979

R. Tenente

Raul Cascale, n.º 1-A 1200 Lisboa Tel. 661515 - 668205

teatro do bairro

teatro da Cornucópia

ZUCA TRUCA BAZARUCA E ARTUR

Uma peça do Grips Theater para crianças Todos os sábados e domingos às 16 horas SUBSÍDIO DA SEC

quocoto 2.ª SEMANA

Tudo e dizer tudo E faltam me palavras E falta me tempo E falta me audácia

PAUL EDUARD

MARIE DUBOIS
Jean-Luc Bideau
Jacques Denis

um filme de MICHEL SOUTTER

OS DONOS DA TERRA

LES ARPENTEURS

FILME DE QUALIDADE

HAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

TALMA FILMES

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

circule e vive

"Os Donos da Terra" De Michel Soutter

Jorge Leitão Ramos

O cinema suíço foi, de certo modo, uma das «descobertas» dos anos 70. Nomes como os de Tanner, Soutter, Edelstein, Koerfer, Goretta, Schmid, Murer ou Van Effenterre, correram um pouco por toda a parte nos **écrans** e nas revistas especializadas da Europa. Portugal não fugiu à regra e pudemos ver, aqui e acolá, algum desse cinema que, provindo do país mais estável do velho continente, trazia, paradoxalmente, consigo a inquietação e, de certa maneira, o desejo de viver e de mudar. Porém, nos anos mais recentes, nada do cinema suíço tem estreado, salvo algumas co-produções francófonas que nos chegam via Paris. Os filmes que se continuam a fazer naquele país, muito especialmente os de expressão germânica (casos Schmid ou de Koerfer) que nunca conseguiram penetrar no nosso mercado, desapareceram completamente: a estreia de **Os donos da terra** é, assim, significativa. Sobre tudo se pensamos que o distribuidor tinha este filme na prateleira há seis anos sem o querer (ou conseguir) estreitar: sobretudo se atendermos que esta película se entronca na primeira vaga do cinema suíço e, assim, está longe de representar o que hoje se produz naquele país, colhendo ainda a frescura e o risco dos tempos pioneiros. **Os Donos da Terra** (título infeliz para **Les Arpenteurs** que, literalmente se podia traduzir por «os

agrimensores»), é um filme de amor ou de tédio ou de ambas as coisas. Nele se mede a distância entre as pessoas, ou entre as casas, ou entre os sentimentos, no país onde essas três realidades têm em comum a morna continuidade dos dias. É curioso verificar como este filme (este cinema) se faz de cintilações, momentos fugazes, instantes perfeitos, por sobre um fundo onde tudo aparece como tingido de uma mesma tonalidade de cinzento. É importante ver como este filme (este cinema) se centra sobretudo nas pessoas (nos actores), olhadas com uma ternura que em certa medida se aproxima de complacência, como se tratasse, civilizacionalmente, de descobrir nelas a força e a esperança, como se se tratasse, sobretudo, de lhes medir a capacidade de inventar outro quotidiano. Muitas vezes este cinema tem sido acusado de estreitamente pequeno-burguês e **Os Donos da Terra** não foge a esse labéu. Mas antes de lhe apor rótulos, talvez fosse bom questionar as vias de mudança que podem ser abertas num país como a Suíça onde a prosperidade e a estabilidade política se fazem à custa de uma transferência da luta de classes quer para uma emigração interna quer para o Terceiro Mundo. A tão célebre neutralidade não é um simples posicionamento que lhe permite ser «o centro do mundo» mas uma dissolvença que se instalou no quotidiano,



Marie Dubois e Jean-Luc Bideau em "Os donos da terra"

confortável e asséptico, de certo modo uma hipocrisia histórica que ganhou raízes e liquida, todos os dias, dentro das pessoas, qualquer vontade de mudança. A pequena-burguesia e os seus valores não são, deste modo, na sociedade suíça, uma mera classe social mas algo que inquina a globalidade do corpo social. Assim sendo, o primeiro passo para alterar a

vida passa pela redescoberta das pessoas e dos sentimentos, passa pelo olhar sobre os outros detectando neles as diferenças, os conflitos, as esperanças.

É por isso que o cinema suíço (e **Os Donos da Terra** em particular) é pautado por uma certa ironia, um humor que materializa dissonâncias, ao mesmo tempo que se revela,

para lá da epiderme, o interior e a pulsação dos seus personagens.

Os Donos da Terra é, talvez, uma comédia; uma estrutura onde o objectivo do amor de cada um não apresenta reciprocidade e daí o jogo de escondidas, o lúcido prazer de fazer e desfazer caminhos sob um céu enevoadado, sob fundo de Brahms e de caminhos sob um céu enevoadado, sob fundo

de Brahms e de Schubert, sob a influência de uma poesia que escorrega mansamente do **écran** e nos agarra. E, de repente, há coisas sussurradas que se dizem, desencontros amargos com que rimos, uma pequena comédia da vida que partilhamos. E no instante em que os personagens se despem da sua função social e se desvendam como pessoas frágeis, mas vivas, há um sopro de mudança que vem de qualquer lado (do fundo do tempo ou do fundo de nós) que materializa, por certo, a esperança.

FICHA:

Título original: Les Arpenteurs.

Realização e argumento:

Michel Soutter (Suíça-1971/72).

Fotografia: Simons Edelstein.

Música: Johannes Brahms (intermezzo opus 117 n.º 2 e 3), Franz Schubert (fantasia em fá menor).

Montagem: Joëlle van Effenterre.

Som: Marcel Sommerer.

Interpretação: Marie Dubois (Alice), Jean-Luc Bideau (Léon), Jacques Denis (Lucien), Jacqueline Moore (Ann), Michel Cassagne (Max), Armen Godel (o advogado), etc.

Distribuição em Portugal: Doperfilme.

Cinema: Quarteto-sala 4

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Duração: 80 minutos.



CINE/PONTO

O AMIGO AMERICANO de Wim Wenders (RFA-França-1977)

Reinventando o cinema americano com a justeza de que só um europeu seria capaz, Wim Wenders faz, em **O amigo americano**, um dos mais fascinantes filmes da década de 70.

Cinema Quarteto-sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 18 anos)

MANHATTAN de Woody Allen (USA-1979)

O humor, a ternura, a noite, a solidão, o amor, a música de Gershwin, Nova Iorque, a cultura, o medo, a vida, eis alguns dos muitos sectores que penetram **Manhattan** e dele

fazem um filme que apetece rever sem cessar.

Cinemas ABCine-sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) e **S. Jorge** (15.15, 18.15 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

A ÁRVORE DOS TAMANCOS de Ermanno Olmi (Itália-1978)

O universo camponês filmado com rigor, intrasigência e lucidez. Olmi (realizador, argumentista, director de fotografia e montador deste **A árvore dos tamancos**) a assinar um filme que permanece, fulgurante, na memória.

Cinema Nimas (14, 17.45 e 21.30 h)
(para todos)

IRMÃOS DE SANGUE de Claude Chabrol (França-Canadá-1977)

Os interiores burgueses, os tabus e as transgressões familiares, entram no universo de Chabrol, vinte anos depois de **As boas mulheres**. Um filme ignorado aquando da estreia (no S. Jorge) e cuja pronta reposição no ABCine é de saudar.

Cinema ABCine-sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h)
(interdito a men. 18 anos)



Donald Sutherland e Stéphane Audran em «Irmãos de sangue»

NORMA RAE de Martin Ritt (USA-1979)

Um filme académico mas vigoroso, simpático na sua profunda aposta na liberdade. Sally Field, uma actriz a não esquecer.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

NOITES DE SINGAPURA de Peter Bogdanovich (USA-1979)

Bogdanovich conquista, de algum modo, uma boa parte da

crítica portuguesa com um filme mais hábil que seguro, mais esperto que inteligente mas, mesmo assim, interessante de se ver. Quanto mais não seja porque Ben Gazzara é um enorme actor.

Cinema Quarteto-sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

ALIEN - O 8.º PASSAGEIRO de Ridley Scott (USA-1979)

Cenários espantosos (da responsabilidade de Michel Seymour) para um argumento

raquítico e uma realização apenas funcional.

Cinemas Condes (14, 16.30, 19 e 21.30 h) e **Quarteto-sala 1** (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 18 anos)

ASSALTO À 13.ª ESQUADRA de John Carpenter (USA-1976)

Carpenter faz sucesso com um dos filmes mais bizarros em exibição. E se **Assalto à 13.ª** esquadra é apenas curioso, ele possui as qualidades bastantes

para que se não perca Carpenter de vista.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

METEORO de Ronald Neame (USA-1979)

A coexistência pacífica (típica do período SALT-2) num filme-catástrofe mais ou menos escurto.

Cinema Monumental (15.15, 18.15 e 21.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

As estrelas

O amigo americano	★★★★
Manhattan	★★★★
A árvore dos tamancos	★★★★
Os donos da terra	★★★★
Irmãos de sangue	★★★★
Norma Rae	★★★★
Noites de Singapura	★★★
Padre padrone	★★★
Alien	★★★
Assalto à 13.ª esquadra	★★★
Meteoro	★★★

A «Chave»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

Os sofrimentos dos trans

Catherine Rihoit

Serviço exclusivo "Le Monde"/"Diário de Lisboa"

A data mais importante para a era do transexualismo é, sem dúvida, 1953: o americano George Jorgensen tornou-se Christine. A enorme campanha da Imprensa feita à volta do caso deu a conhecer o problema ao mundo inteiro. É a época do **star system** de Hollywood: fotos convincentes mostram como um jovem tímido e magrízela, de grandes orelhas, se transforma numa rapariga encantadora, segura de si e da sua feminilidade. Segue-se uma carreira artística de «cabaret» e de actriz. Em 1967 uma autobiografia confirma uma satisfação durável.

O caso Jorgensen é o lado história de fadas, demasiado belo para ser verdade, que vai contribuir para dar ao transexualismo um aspecto «pouco sério», em França, o caso Capucine é do mesmo estilo. Mas, em 1974, Jan Morris embargou o problema. Jornalista conhecido, escritor, pai de família, James Morris deixa a Inglaterra estupefacta ao regresso de Casablanca com um apêndice a menos, e moral a mais. Jan não adopta o género **baton, bustier**, pestanas falsas e brincos compridos. É uma senhora elegante, com bom aspecto, uma dona de casa inglesa, que surge nas fotografias. Muito britânico, o livro em que conta a sua história não explica as motivações da autora. Mas o livro de Morris e o de Christine têm um ponto comum: nada de sexualidade nem de emoção. Assepticidade o caso para não o tornar chocante. Paralelamente, a Imprensa pública de vez em quando reportagens de um espírito muito diferente. No Outono passado a revista alemã «**Stern**» traz na capa o seguinte título: «**Odeio o meu corpo**». O artigo destina-se a angustiar, a chocar. As fotos são assustadoras: prostitutas andróginas fazendo a barba ou injectando-se. Estrela, burguesa ou prostituta, o transexual que se torna mulher cai nos velhos estereótipos. Para além dos **clichés**, o que é a transexualidade? Antes de mais, como definir o sexo? Pode referir-se o sexo genotípico, que permite distinguir exteriormente o homem da mulher. Este não está, porém, forçosamente de acordo com o sexo gonádico. O sexo genotípico definido pela união de dois cromossomas X na mulher e de um cromossoma Y no homem, também pode muitas vezes ser desmentido pela aparência. Mais recentemente determinou-se que o sexo psicológico só é identificável pela convicção íntima do indivíduo quanto à sua categoria sexual. Por fim, o sexo social ou educativo pode ser desviado por contactos sociais aberrantes, ou inabilidade do ambiente familiar. Essa abundância de definições indica uma multiplicidade de perturbações possíveis se um dos elementos está em desacordo. Num caso de mal formação genital, acontece que o sexo atribuído à nascença se

revela falso na puberdade. Se então se proceder a uma cirurgia de correcção em desacordo com o sexo psicológico, podem surgir graves perturbações do equilíbrio do indivíduo que podem ir até à psicose. Casos deste género foram mencionados pelo psiquiatra americano R. Stoller no seu livro **Investigações sobre a Identidade Sexual**. O desacordo entre a morfologia e o comportamento pode dar resultados diferentes. Só o hermafrodita possui uma anomalia física. O homossexual (o) está consciente e até orgulhoso da sua homossexualidade, e o seu desejo vai justamente para o seu próprio sexo. O homossexual efeminado ou a homossexual virilizada sentem, nas relações amorosas com um ser do mesmo sexo que eles, uma certa afinidade psicológica com o sexo oposto. Não é este o caso do homossexual viril ou da homossexual feminina que representam o seu papel, embora desejando uma pessoa do mesmo sexo. No «travesti» a identificação com o outro sexo vai até à necessidade de a viver, por períodos, através do vestuário, da maquilhagem, dos gestos. No entanto, o «travesti» não recusa a sua anatomia, pelo contrário, tem por vezes uma grande satisfação por ser momentaneamente o único a saber a verdade sobre o seu sexo. Há uma certa ambiguidade na assunção do outro papel pelo «travesti»: ele pode possuir tudo, dá através do seu teatro uma imagem por vezes caricatural da mulher, imagem essa que não é desprovida de agressividade. Note-se que o «travesti» masculino nem sempre é homossexual. Muito mais raro nas mulheres esse comportamento acompanha então sempre uma homossexualidade de tipo viril.

Engajamento total

Convém pois distinguir hermafroditismo, homossexualidade, travestismo e transexualismo. Money e Gaskin definem o transexualismo como «uma perturbação da identidade de género no qual a pessoa manifesta, com uma convicção constante e persistente, o desejo de viver como um membro do sexo oposto, e toma

progressivamente medidas para viver todo o tempo no papel sexual oposto» (Money e Gaskin, «Sex Reassignment», **International Journal of Psychiatry** (1970-1971)). Não se trata somente, como pode acontecer no homossexual, de sonhos fantasmáticos, nem como, para o «travesti», de viver parcial e momentaneamente o fantasma. Trata-se de um engajamento total. Stoller insiste na noção de bissexualidade, lançada por Freud e tão à moda nos nossos dias. O homem e a mulher não são totalmente opostos: trata-se antes de um **continuum**, com graus variados do «mais» feminino ao «mais» masculino. As épocas e as culturas diferem na importância dada à diferenciação dos papéis sexuais. É certo que hoje a moda unissex facilita um pouco as coisas para os indivíduos com qualquer desvio na assunção do seu papel. Money e Hampson consideram que a noção de identidade de género é adquirida uma vez por todas aos três anos de idade. Essa aquisição pode ser comparada à situação da criança bilingue de nascença. O cérebro dessa criança deve codificar todos os sons e enunciados linguísticos de ambas as línguas. De modo comparável, o cérebro de qualquer criança deve codificar todos os sinais de género como masculinos ou femininos, e atribuir a cada um deles um valor positivo ou negativo. Se não a criança diferenciara uma identidade de género, seja ambivalente, seja contraditória, do tipo morfológico, e a marca sexual será ditada por essa diferenciação defeituosa. Não há até agora nenhuma prova de que a perturbação da identidade de género possa ser provocada por uma perturbação psicológica, e parece bem que o psicológico seja o factor dominante ou mesmo único. Fica-se convencido disso quando se tem oportunidade de ver um certo número de transexuais; as suas aparências físicas variam consideravelmente, e o homem de físico de carregador, de sistema piloso abundante, está tão convencido de que tem uma alma de mulher encerrada num corpo masculino como um homem delgado e gracioso. De que natureza são as influências psicológicas? Stoller determina um «perfil de mãe de transexual», como outros julgaram poder caracterizar as mães de esquizofrénicos. Ele pensa que as mães dos rapazes transexuais criam uma simbiose ainda mais intensa do que a das mães das sociedades primitivas, enquanto que os pais estão singularmente ausentes, ou fisicamente ou até só psicologicamente. A criança teria tanto contacto corporal e verbal com a mãe que a necessidade de procurar o pai para uma identificação masculina seria entravada, tanto

mais que este último se prestaria dificilmente a isso. Stoller nota que o rapazinho transexual «não tem o desejo de proteger o seu pénis e não sofre de nenhuma das vicissitudes da angústia de castração». A sequência da análise das mães por Stoller comporta a bissexualidade marcada, visto essas mulheres terem sido crianças arrapazadas e um sentimento de vazio tê-las levado a tentar preencher esse vazio através de uma identificação com o filho. O «desejo do pénis» tê-las-ia levado a depreciar o masculino aos olhos da criança e a aprovar as atitudes femininas dela. Para Françoise Dolto, «há um grande risco, se a mãe só vir mulheres, de que a relação triangular que se faz com duas mulheres para o rapaz e com duas mulheres para a rapariga, faça com que algo influencie negativamente a linguagem emocional genital(...)». A criança identifica-se a uma mulher para vir a ser homem. Quer dizer que é uma palavra que ela não compreende muito bem, mas que é essa, um homem lésbico» (TF1, «**Questionnaire**»). Essa noção de «homem lésbico» traz paradoxalmente à luz o facto de o transexualismo, tal como o travestismo, nem sempre ser acompanhado de homossexualidade. Pelo contrário, muitos transexuais mostram um nojo marcado pela homossexualidade, e desgostam-se do facto de o seu ar efeminado os fazer parecer homossexuais.

Angelismo

O transexual de anatomia masculina não se sente forçosamente atraído pelos homens. No entanto, quando gosta das mulheres, a recusa do seu sexo leva-o a uma atitude semelhante ao angelismo: alguns casam na ilusão de que o problema se solucionará por si. Às vezes tudo corre bem durante algum tempo. Com efeito, a função reprodutora do transexual não é afectada, e a impotência, quando há impotência, provém da ausência de interesse pelo acto, porque ele lhe lembra a sua virilidade, e não de qualquer impossibilidade física. Em certos casos — paradoxalmente os mais felizes — há uma grande compatibilidade de humor entre os cônjuges, isto é, a mulher tem tão pouco interesse pelo acto sexual como o marido, ou devido a uma homossexualidade recalcada ou por fraqueza das suas pulsões sexuais.

Mas as coisas nem sempre correm tão bem. D., motorista de taxi parisiense, casa por conselho médico e também da família. Ele sabe muito bem que as coisas não estão certas, mas visto que lhe dizem que tudo se arranja... Nasce duas crianças. D. é bom pai, mas, com o tempo, o seu desejo de feminilidade aumenta. Pede o



divórcio. A atmosfera é de drama.

Hoje D. vive só em Paris. A mulher nunca admitiu a situação, não voltou a casar e continua a querer-lhe mal. Os filhos mostram-se mais compreensivos, mas, diante deles, D. esconde o seu problema. Como o esconde de todos, excepto dos que o partilham com ele. D. tem um físico muito masculino, sabe-o, e, consequentemente, a mudança de sexo está para ele no domínio da utopia. Às vezes, diante de alguns amigos, atreve-se a maquiar-se, a pôr uma peruca e um vestido. Mas olha para o espelho e diz «Não é verdade que fico ridículo?». Felizmente D. tem fortuna pessoal. Proprietário do seu taxi, é profissionalmente independente e não pode ser despedido nem ter de suportar a troça dos colegas. Quando regressa a casa, sonha e procura em sessões de hipnose a hipotética confirmação de uma feminilidade ilusória vivida durante uma outra vida.

Obstáculos

O tratamento hormonal é hoje relativamente fácil de obter e os transexuais são tratados cada vez mais cedo. A legislação, porém, nem sempre segue a evolução da medicina. Nesse aspecto, os países mais difíceis são a França e a Alemanha. Em França, o código Napoleão assimila a castração a um crime e a operação é ilegal. Mas,

perante o facto consumado, certas administrações deixam-se convencer. Assim, certas caixas de segurança social da província aceitam modificar a indicação do sexo.

Mas a nível nacional isso é impossível. O sonho de todo o transexual é usar um nome andrógino.

Com efeito, que patrão daria trabalho a uma jovem com muito bom ar mas que, no estado civil, fosse um homem?

É assim que, aos problemas psicológicos bem compreensíveis, se juntam problemas sociais e administrativos quase inultrapassáveis. Muitos caem na prostituição — praticamente a única maneira que lhes resta para ganhar a vida —, a droga, o alcoolismo e até o suicídio.

Os transexuais tentam agrupar-se: em Paris encontram-se por intermédio da associação AMAHO (Associação dos Doentes Hormonais) e do pastor Doucé, da Igreja do Cristo Libertador, que abriu um centro de acolhimento para as minorias sexuais. Os católicos podem encontrar conforto espiritual junto do padre Talvas. Mas não é fácil encontrar um denominador comum, porque os casos diferem. Alertada, Simone Veil, então ministra da Saúde, foi benevolente com eles. Mas, de momento, as coisas estão quase paradas.

sexuais



Mutilação

Outros países são mais compreensivos. Por exemplo, a Escandinávia, onde decorrem as primeiras operações «sérias», e a Grã-Bretanha, onde, para mudar legalmente de sexo, basta um atestado de um advogado. Quanto aos Estados Unidos, a Califórnia é, de momento, o paraíso dos transexuais. A operação de mudança de sexo tornou-se ali uma interessante fonte de receita para certos médicos pouco escrupulosos. É, na verdade, necessária uma convicção profunda e quase desesperada de um erro da natureza para aceitar uma tal mutilação. No entanto, embora tenha havido um número considerável de fracassos anatómicos ou psicológicos, há transexuais que anos mais tarde se dizem satisfeitos, e acham ter finalmente atingido a sua verdade.

De qualquer modo, sejam quais forem as condições, os transexuais fazem-se operar. Podem pôr-se em paralelo essa situação e a do aborto. Numerosos médicos opõem-se à operação por motivos deontológicos, o que leva alguns seres sem grandes possibilidades monetárias a ir, por exemplo, a Marrocos, onde são mal operados. De qualquer modo, o tratamento psicoterapêutico, muitas vezes inoperante em casos de homossexuais, é-o sempre, ao que parece, perante o

transexualismo. Tentar pôr o físico dessas pessoas de acordo com o seu psiquismo, embora pareça uma solução de desespero, parece, em todo o caso, a única existente. Condições excelentes parecem estar a ser realizadas pelo programa do Comité de Identidade de Género, no hospital John Hopkins, nos Estados Unidos. As condições exigidas são as seguintes:

- 1) O paciente deve ter vivido profissionalmente e socialmente no sexo desejado, tempo bastante para provar a sua capacidade de funcionar em sociedade segundo o seu novo sexo;
- 2) O paciente não deve ter nenhuma condenação;
- 3) Se o paciente tiver antecedentes de epilepsia do lóbulo temporal deve sofrer uma intervenção neurocirúrgica, para o libertar dos sintomas epilépticos e psicosexuais;
- 4) O paciente deve ter pelo menos vinte anos e ser cidadão americano;
- 5) O paciente deve estar livre de qualquer laço matrimonial;
- 6) O paciente deve viver a uma distância acessível do Hospital John Hopkins, a fim de poder ser seguido com regularidade depois da intervenção;

- 7) O paciente deve designar um parente como informador suplementar, disposto a dar por escrito o seu consentimento para a operação.

Pesadelo

Uma vez cumpridas estas condições, o transexual segue um tratamento hormonal que o leva a uma diminuição das ereções e das ejaculações e a uma modificação das características sexuais secundárias, com efeito tranquilizante. Este tratamento corresponde a um período probatório: o paciente deve então viver social e profissionalmente como um membro do sexo desejado. Também deve adaptar-se à mudança da sua estrutura orgânica e solucionar os seus problemas com a família. É então ajudado por um psicoterapeuta. Mas só com a operação propriamente dita é que o processo se torna irreversível. No homem ela consiste numa castração cirúrgica e na construção por cirurgia estética da vagina e dos lábios com a pele do pénis. Também é muitas vezes necessário proceder à electrolise da barba, a implantações mamárias, a uma rinoplastia e até a uma laringoplastia.

Os transexuais americanos também são assistidos pela Fundação Errikson, em Baton-Rouge, na Luisiana, que edita uma revista, assim como várias publicações destinadas a informar as famílias, tranquilizar os transexuais no plano religioso, e ajudá-los a reabilitar-se socialmente e a arranjar trabalho.

Estas dificuldades sociais são menos importantes para os transexuais que passam do feminino para o masculino, apesar de as operações serem mais falíveis. Assim, a operação virilizante de C., conhecido pelos amigos por Capitão Cook, devido à sua abundante barba ruiva, foi subvencionada pela importante sociedade onde trabalha. Numa sociedade que incensa os valores viris, a jovem arrapazada não é tão censurada como o rapaz efeminado. No entanto, as últimas notícias não incitam ao optimismo.

Anos mais tarde, alguns transexuais operados têm a sensação de ter vivido um sonho de que, subitamente, acordam para entrarem no pesadelo de uma realidade irreversível. Outros não suportaram o peso psicológico da permanente mentira sobre o seu passado e a sua verdadeira identidade, mentira esta que lhes é necessária para sobreviver em sociedade. Dez anos depois do início do programa, o prognóstico do Hospital John Hopkins é muito reservado. Até ao fim, o destino do transexual é trágico, e o seu êxito uma excepção. Stoller chega a esta conclusão desiludida: «A regra geral que se aplica ao tratamento dos transsexuais é que, faça-se o que se fizer — incluindo nada —, é mau.»

O paradoxo belga

Pierre de Boisdeffre

Não sou daqueles que fazem troça dos 9simpáticos belgazinhas. As anedotas de belgas irritam-me, e, se tivesse qualquer poder mandava prender Coluche por ordinarice. Gosto da Bélgica, **essa terra livre onde há tantas coisas belas e tantos corações nobres**, como tão bem dizia Victor Hugo. Mas é verdade que este país modelo se tornou um país de problemas. A sua unidade estala, a sua existência está em perigo. Como se chegou aqui? **A verdade, sire, é que não há belgas**, escrevia Jules Destrée ao rei Alberto, numa carta célebre (1912), há já mais de sessenta anos. Não é verdade. Os belgas existem, eu encontrei-os. Mas podemos interrogar-nos sobre a Bélgica. Ao contrário do que pensam os fieis de Henri Pirenne, a sua unidade não está inscrita na história nem na geografia. Este país, que sempre foi uma fronteira militar, junto do mundo germânico e da latindade, esteve quase — só quase — a tornar-se a cabeça de uma Europa lotaringiana, no tempo dos duques de Borgonha. Durante muito tempo não houve Estado, só cidades, cidades mercantis, em luta pelas suas liberdades numa Europa ainda feudal; uma nação virtual — a Flandres —, historicamente vassala da França, rica, poderosa, e que falava uma língua germânica. E regiões dispersas, umas alemãs por juramento principesco (Liège), mas fortemente romanizadas, outras que falavam francês ou desejavam tornar-se francesas (Tournai)... Como tento explicar no meu livro (1) o Estado é aqui uma proposta importada, um aparelho vindo do estrangeiro — a administração de César, dos duques borguinhões, dos reis de Espanha, de Napoleão. Queriam um príncipe mas mais valia que ele estivesse longe, e, se possível, quieto. O que conta são as comunas e os seus privilégios, os seus vereadores eleitos e o seu «Perron», símbolo das liberdades comunais. A capital não é amada — durante muito tempo Bruxelas contentou-se em ser uma corte — o poder central que podia tomar-se a sério e ditar as suas leis aos cidadãos. O mal é que tudo isso foi esquecido em 1830. **Após séculos de escravatura, o Belga saindo da cova...** Cantava-se isto piscando o olho: a cova estava bem cheia! Num grande impulso patriótico, os belgas — e a Europa — persuadiram-se de que a Bélgica existia, que era uma nação, e dotaram-na de instituições unitárias: um rei, um Parlamento, uma capital, uma língua, uma religião. Mas era falso. Não havia uma nação mas duas — dois povos —, e Bruxelas não era uma capital. É certo que se podia esperar a fusão. O problema linguístico não se punha — ainda não: se a burguesia falava francês toda a gente falaria um dia francês. **Flamengos ou Valões, toda a Bélgica civilizada fala francês...** se ainda houver na Flandres ou nas Ardenas alguma aldeia atarrasada onde o francês seja grego, vamos partir à sua conquista! (Grandgagnage, 1845). Em termos mais amáveis cantava-se: **Unamo-nos! Flamengos e Valões são nomes próprios. Belga é o nosso apelido** (2).

Essa Bélgica unitária viveu sobre um mal-entendido, e esse mal-entendido durou quase um século. A aparência era brilhante. Com os reis — Leopoldo I, Leopoldo II principalmente, Alberto I (3) — eram homens inteligentes, o desenvolvimento económico foi notável, o nível de vida considerável para a época. Uma burguesia dinâmica e francófona governava o país sem grandes problemas. Pouco importava que se falasse flamengo na Flandres. O essencial era produzir, exportar, colonizar o

Congo... e viver bem. No entanto, na própria Flandres, os intelectuais e depois grupos cada vez mais numerosos, não suportam ver a sua língua e a sua cultura desprezadas pelas suas próprias elites. (Houve em Bruxelas, por volta de 1890, um ministério inteiramente formado por naturais de Gand: estes só falavam francês às criadas.). Tal como no Québec, o clero tinha mantido viva a língua e encorajado o renascimento de uma literatura. Logo após a Grande Guerra (durante a qual os camponeses flamengos se tinham queixado de serem comandados em francês) tornou-se evidente que o peso demográfico da Flandres ia fazer-se sentir. A Valónia entrava também na crise: baixa da natalidade, fim do domínio do carvão superprodução de aço... A prolífica e dinâmica Flandres tomava o primeiro lugar no país. Em 1930 ter-se-ia contentado com a igualdade das línguas, mas em todo o país. Os Valões cometeram, porém, a falta de recusar o bilinguismo, e as leis linguísticas de 1931-1932 criaram de facto, e sem que, de momento, ninguém se tivesse apercebido disso, duas comunidades unilingues, separadas por uma fronteira que em breve se tornaria espiritualmente intransponível. Para haver unidade tinha de existir bilinguismo. A existência de duas nações unilingues exigia o federalismo.

A partida de Leopoldo III terá sido a última «vitória» da classe política francófona; o referendo de 1950 mostrara bem a divisão do país. A Flandres votou maciçamente pelo rei; a Valónia contra ele. Vitória à maneira de Pyrrus! A Flandres continuava a avançar. As suas novas indústrias, ligadas ao mar, desenvolviam-se, enquanto as minas do Borinage e os altos-fornos de Liège fechavam. Mas a classe política recuava sempre perante a ideia de federalismo — palavra odiada, de futuro incerto. A partir de 1970 faz-se, sob a designação de **regionalismo**, o pior dos federalismos: um federalismo sem federador! Reconhece-se a existência de três regiões,

dividem-se os conselhos culturais, acrescenta-se às duas Câmaras do Parlamento três assembleias regionais, mas, ao mesmo tempo, recusa-se que os naturais de Bruxelas decidam a sua sorte e mantem-se entre as duas comunidades uma paridade artificial, numa cidade em que quatro habitantes em cinco falam francês. Mas há pior: não se pode passar de uma região para outra, mesmo que se seja bilingue, sobretudo se se for bilingue. A origem linguística torna-se um pelourinho. É certo que os números falam. Os eleitores flamengos representam agora 57,6% do corpo eleitoral, ganharam quase 3% em dez anos, os Valões já só são 30%, os

Bruxelenses 11%. Para os Flamengos tudo é simples; eles eram contra o Estado unitário quando este pertencia aos francófonos; senhores do jogo consentem em tratar com uma Valónia minoritária, com a condição de Bruxelas, essa máquina de afrancesar os Flamengos ser posta sob tutela — simples distrito federal, em via de despovoamento (visto que a capital está cuidadosamente mantida no espartilho das dezasseis comunas), que não poderia constituir uma região em parte inteira. A igual partilha dos créditos culturais entre as duas comunidades é mais vantajosa para os Flamengos de Bruxelas que dispõem de tanto dinheiro para as suas escolas como os francófonos maioritários. Mas, na Bélgica, é o contrário: o grosso dos investimentos vai para a Flandres.

Tal como é praticada, a regionalização custa cara, cada vez mais cara: duas Câmaras, dois conselhos culturais, três assembleias regionais, cinco «executivos», é muito para um país cuja volta se pode fazer num dia! Mas a classe política cujos postos **ad hoc** se multiplicam, ganha com isso. Admitia-se desde há muito que cada família espiritual — na realidade cada partido — estivesse representada em todos os escalões da administração e nos grandes organismos económicos (ditos **paraestatais**). A um director-geral socialista (Valão) ou social-cristão (Flamengo) deve corresponder um parceiro liberal (Bruxelense) exactamente ao mesmo nível. O resultado é que os altos funcionários são inamovíveis e que as nomeações se tornam negócios de Estado: deslocar uma peça é pôr todo o puzzle em perigo! Há dois ministérios da educação e dois ministérios da cultura. Todas as grandes administrações se desdobram, incluindo as administrações «técnicas». Resta o monarca, último símbolo da unidade da Bélgica, garante da Constituição. Mas amanhã, se as duas comunidades se afrontam, poderá ele ser um árbitro? Os Flamengos ganharão a sua última batalha, reconquistarão Bruxelas? (Bruxelas onde, não o esqueçamos, se falava francês desde o século XV.) Se os Valões o aceitarem, não são mais do que uma minoria protegida. Se não, a Bélgica estalará. Mas será esse o interesse dos Flamengos? Não haverá mais do que uma Flandres? Não reivindicariam Anvers e Gand, o título de capital? A Holanda está bem perto e a sua atracção seria grande. Não há, porém, simpatia espontânea entre Flamengos e Holandeses.

Os Bruxelenses podem queixar-se de ser postos sob tutela, mas perderiam muito mais se a sua cidade deixasse de ser a capital da Bélgica. Os Valões, cuja situação é muito parecida com a dos naturais do Québec de ontem, podem sonhar com independência, e alguns, em Liège, com uma união à França. Mas não ficariam desconsolados se lhes pegassem na palavra?

Claro que a resposta não pertence só aos belgas, mas é de desejar que a Bélgica **esse paradoxo que dura há século e meio** ultrapasse o cabo dos cento e cinquenta anos. Só poderá fazê-lo com três condições: **excluir todo o espírito revanchista** de uma comunidade para com a outra (isto é, não repetir, contra os Valões, os erros que levaram os Flamengos à revolta); **mantendo um mínimo de bilinguismo** (se não as duas comunidades tornar-se-ão inevitavelmente dois Estados); **resolver com equidade o problema de Bruxelas**, de modo que cada comunidade se sinta na capital como em sua casa, mas também reconhecer aos bruxelenses os mesmos direitos que aos outros belgas. Se a Bélgica se tornar um Estado federal impor-se-á uma quarta condição: que haja um executivo federal e um supremo Tribunal.

O avanço para uma hipotética «Europa das regiões» não resolverá o problema belga; nem a perpetuação de um sistema político que se aparenta ao do Líbano. Mas não posso acreditar que o espírito de compromisso que até agora tem vencido o espírito de partido, não possa vencer uma vez mais.

- (1) *Nous partons pour la Belgique* (Presses Universitaires de France)
- (2) Célebre refrão de Antoine Clesse
- (3) Alberto I revive na notável biografia que recentemente lhe consagrou Jacques Willequet (ed. Jean-Pierre Delarge)

Destruída durante a Segunda Guerra Mundial

A Praça da Academia em Berlim retoma a sua beleza

A praça da Academia em Berlim é actualmente um imenso depósito de matérias de construção. E o último conjunto histórico destruído pela Segunda Guerra Mundial em fase de reconstrução.

Karl-Friedrich Schinkel (1781-1841), que realizou algumas das mais belas construções de cidade, deu o seu estilo a esta praça, outrora chamada Mercado dos Polícias (Gendarmenmarkt). Ao centro erguia-se a Casa de Arte Dramática, ladeada por duas igrejas, que se distinguiam num conjunto clássico considerado um dos mais belos da Europa. Como faz notar M. Klaus Just, director dos trabalhos, a obra está a ser levada a cabo com o máximo cuidado. Tudo o que é digno de interesse está a ser salvaguardado e as novas construções são integradas no conjunto histórico tanto no que diz respeito às fachadas como aos interiores e ao colorido do reboco. Os trabalhos prosseguem actualmente no teatro e na «Catedral dos Franceses», igreja da comunidade francesa reformada de Berlim.

A Casa da Arte Dramática estará terminada em 1983 e destina-se a concertos. Este objectivo resulta do facto de Berlim não ter uma sala de concertos propriamente dita, e o edifício é demasiado pequeno para ser um teatro tal como o concebemos nos dias de hoje. A fachada, que já está terminada foi reconstruída tendo em conta o modelo original. O arranjo interior foi concebido segundo planos do mestre. Conservando a limpeza e mesmo os detalhes dos interiores, são tidas em conta as necessidades da

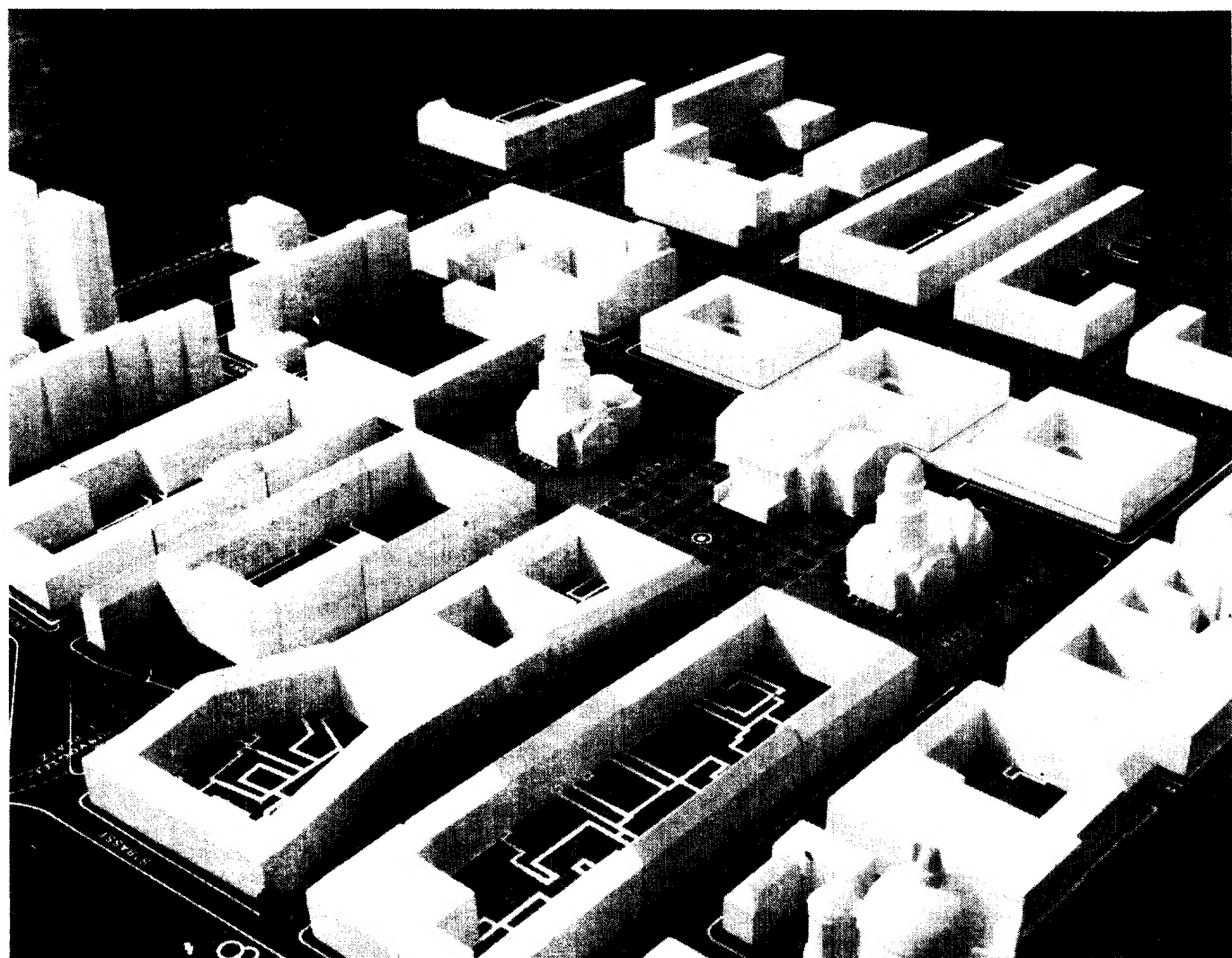
acústica em função das últimas aquisições técnicas. Os departamentos e os serviços técnicos que desfiguravam o antigo imóvel farão parte de um edifício à parte. Uma vez terminada, a construção será a sede da Orquestra Sinfónica de Berlim, terá uma sala de dois mil lugares, uma sala de música de câmara, uma sala de ensaios e uma sala de registo de som. No rés-do-chão, um centro de informação aconselhará sobre os diversos programas e venderá discos. O clube musical terá um restaurante e um «snack-bar» e será reservado a conferências e a encontros com artistas.

No edifício anexo ficará a Escola Superior de Música «Hans Eisler», de Berlim, se bem que a praça da Academia venha a ser o centro musical de Berlim.

A «Catedral dos Franceses» está também em fase de reconstrução. Uma vez terminada a construção sacra, o museu dos Huguenotes, que fica no campanário e que dá uma panorâmica da vida e da história da comunidade francesa, será aumentado e modernizado.

Depois da revogação do Édito de Nantes, há cerca de 200 anos, um grande número de calvinistas franceses refugiaram-se em Berlim.

A praça ficará pronta muito em breve. Os arquitectos dão os últimos retoques. Estão previstos um novo imóvel para a Academia de Belas-Artes, várias galerias de exposição, a reconstrução de restaurantes tradicionais e vários salões de venda. Os andares superiores serão habitados de forma a que o conjunto não seja um museu mas um centro da vida cultural na capital da RDA.



Destruída durante a Segunda Guerra Mundial, a Praça da Academia, em Berlim (RDA) renasce das cinzas. O antigo teatro vai ser a nova Casa de Arte Dramática e estará concluída em 1983, mas, no fundamental, as obras de restauro estão já perto do fim

**Você não sabe
como anunciar**

no

**«Diário de Lisboa»
Nós explicamos-lho
pelo telefone 36 87 40**

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC

GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
INÍCIO DOS CURSOS
6-2-80

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652—R. do Arsenal,
100-1.º—Lisboa

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução todas as
marcas, com garantia

MENDES Telf. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A-
(Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE
dos amortecedores -JM-
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A
Benfica)

FOTOCÓPIAS DESDE \$60

Encadernações,
plastificações
e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

Dez anos de Teatro

O trabalho dos grupos independentes

Carlos Porto

Se as criações dos Bonecreiros e da Comuna marcaram qualitativamente a prática dos grupos independentes durante os últimos anos do fascismo, a actividade de outros grupos, já citados, merece ser mais miudamente referenciada.

TEATRO DA CORNUCÓPIA

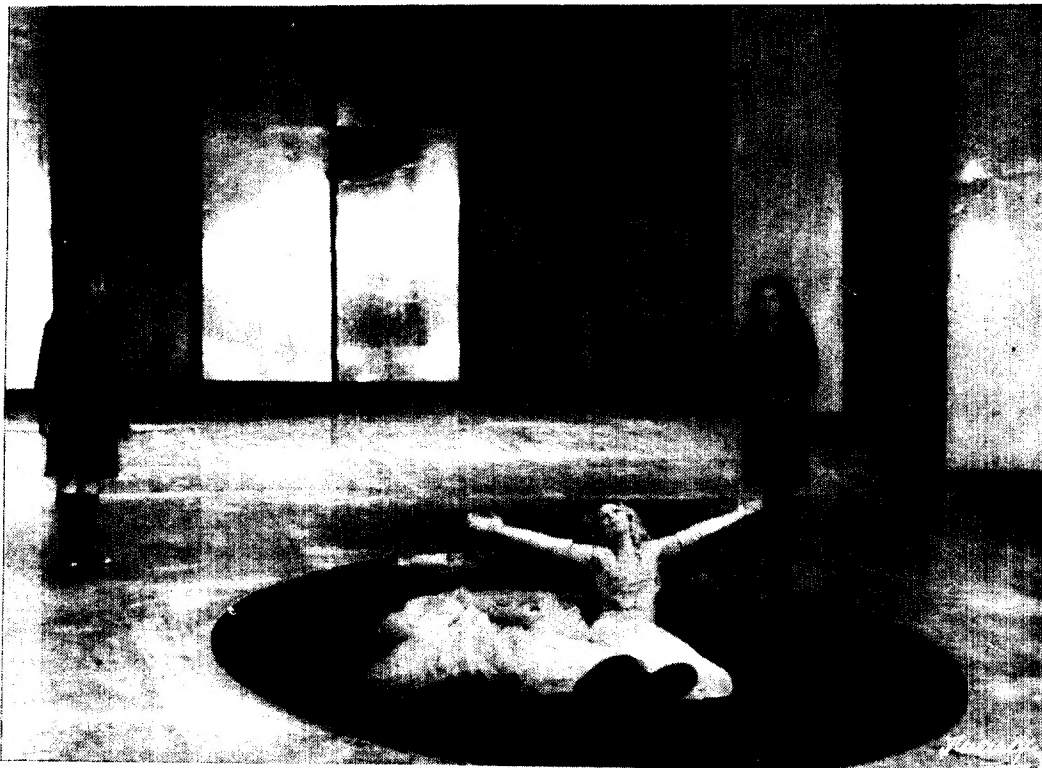
O trajecto do Teatro da Cornucópia partiu, como referi, em 1969, com «Anfitrião», de António José da Silva, realizado pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Letras, a que pertenciam Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, e apresentado no Teatro Vasco Santana. A encenação e a cenografia eram de Luís Miguel Cintra e, entre os intérpretes, lá estavam Deniz Cintra, Eduardo Dionísio, Eduardo Paiva Raposo, Ermelinda Duarte, José Manuel Júdice, nomes que reencontráramos, em parte, no espectáculo seguinte, produzido já fora da Universidade («Três Intermessos», de Cervantes) e, mais tarde, em outros grupos, caso de Ermelinda Duarte, ou em outras actividades. Creio que o interesse pelo teatro de Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra começou a manifestar-se mais cedo e fora estimulado por um professor francês, Claude Henri-Frêches, que organizara na Faculdade de Letras espectáculos em português e em francês nos quais ambos participaram.

«Anfitrião» não foi apenas um belo espectáculo, um espectáculo histórico, como assinala — representou o manifesto de uma geração, um movimento de ruptura, que os textos do programa explicitavam. Transcrevo de um deles, assinado por Cintra: «Um espectáculo que consideramos importante na história do Grupo. Porque podemos dizer isto. Também porque é uma visita do público aos bastidores que não são roupa suja mas pano cru. E pateada a espectáculos profissionais». E sobretudo este, também de Cintra: «a Mania de que é preciso gostar do texto que se encena. / 2. Mania de que a encenação é a arte da coerência. / 3. Mania de que o palco é um lugar assim chamado. / 4. Mania de que se a marcação existe é para se ver. / 5. Mania de que não há razão nenhuma para que o corpo dos actores e os cenários não sejam mentirosos. / 6. Mania das coisas praticáveis. / 7. Mania das coisas significativas.» Depois do Cervantes, Cintra e Melo vão para Inglaterra tirar cursos respectivamente de teatro e cinema. Quando regressam fundam o Teatro da Cornucópia, em homenagem a António José da Silva e a «Anfitrião», pois Cornucópia (ou Cornucopia?) é uma das suas personagens. Em Outubro de 1973, o grupo surge no Teatro Laura Alves com «O Misanthropo» de Molière, encenação e cenografia de Luís Miguel Cintra, e em Março de 1974, no Cinema Mayer (por cima do Capitólio), com duas peças de Marivaux, «A Ilha dos Escravos» e «A Herança», encenações de Jorge Silva Melo, cenografias de Cintra. Não é casual a escolha de textos clássicos nem os locais da representação. O grupo não procura espaços marginais, ao contrário do que então acontecia com os grupos independentes exceptuando o Grupo 4, pois visa objectivos definidos e específicos: «Fazer o teatro que entendemos iusto (recuperação

de clássicos, evidência da encenação, as bases que julgamos poderem ser as de um teatro crítico), para quem julgamos possível (um mês em sala pública, tentativa de criar um público adolescente». (in programa do espectáculo Marivaux). A conquista do público potencial dos liceus e escolas técnicas, constituía, no momento, a principal ambição do grupo.

Estas notas pretendem ser mais do que mera exumação de factos teatrais. Para isso, sirvo-me menos dos comentários que então fiz do que da memória, palco imaginário onde vibram ainda, necessariamente depurados, os sinais desses factos. Ora, o que resta hoje dessa primeira fase da actividade do Teatro da Cornucópia? Por um lado, a reiterada afirmação de princípios que vinham do «Anfitrião» (como vimos), por outro, os processos de modernização de textos clássicos, novos entre nós. Pouco? Pouco se nos lembramos do que se escreveu sobre a importância e o impacto obtidos pelos espectáculos dos Bonecreiros e da Comuna, que souberam captar as correntes de mudança (essa autêntica) que atravessavam a sociedade portuguesa. O mesmo não poderemos dizer desses espectáculos da Cornucópia. Muito, no entanto, se nos lembramos o que era a tradição do teatro clássico em Portugal. Do que, nesse campo, fazia a nossa companhia oficial. Reencontráramos nos espectáculos do grupo a letra do «Anfitrião» mas não o seu espírito, a sua seriedade mas não a sua frescura, a sua (aparente) espontaneidade. Tanto o Molière com os Marivaux surgiam como espectáculos inteligentes e sábios mas, porque não dizê-lo, academizantes. Transcreverei, aqui, para que se entenda o que quero dizer alguns parágrafos de uma crítica ao Marivaux, aliás extensivos ao Molière: «poucos espectáculos haverá em Portugal capazes de, como estes, consolar o paladar do apreciador mais exigente, normalmente obrigado a comer comida intragável, sobretudo no que se refere à capacidade de entregar um texto na sua pureza e integralidade, de construir um espaço cénico cuja modernidade se concilia inteiramente com o pressuposto anterior; de explorar as capacidades expressivas dos actores. E tanto mais sentimos prazer pelo que estamos a ver quanto mais experimentamos um sentimento muito parecido com pudor, ao verificar que o nosso prazer nasce de uma contemplação individualista e passiva, que no belo jardim que atravessamos, deleitado, os ecos, terríveis mas inevitáveis, da vida não chegam ou chegam muito atenuados. Pergunto a mim mesmo, ao mesmo tempo que, entre atônito e feliz, verifico o maravilhoso funcionamento de uma máquina tão inteligente e bela que é quase capaz de nos fazer esquecer o resto, se não temos aqui uma ilustração da famigerada e discutível expressão «arte pela arte»; se este teatro não é, afinal, uma forma, mesmo viva, de «ser museu?»

Não se pode deixar de ter presente que encontrámos já na equipa Cintra-Melo alguns intérpretes que mais tarde participariam na mais fascinante das aventuras do t.p. em liberdade (Raquel Maria, Orlando Costa, Luis Lima



Eunice Muñoz, Glicinia Quartin, Lurdes Norberto em «As Criadas», de Jean Genet, encenadas por Victor Garcia

Barreto). Citei ainda Dalila Rocha, grande actriz do Teatro Experimental do Porto, que a Cornucópia foi buscar ao esquecimento, também Glicinia Quartin, Filipe La Féria e Margarida Carpinheiro.

GRUPO 4

E que faziam os outros grupos antes do 25 de Abril? A actividade intermitente do Grupo 4 justifica-se pelo facto dos seus componentes (Irene Cruz, João Lourenço, Moraes e Castro, Rui Mendes) trabalharem noutras companhias para, uma vez por ano, se juntar e, com o dinheiro ganho, fazerem o teatro que lhes interessava, já que não dispunham de subsídios. Depois de «Nknack» (1967), «Amanhã Digo-te Por Música» (1969), o grupo apresentou até 1974, «As Irmãs» de Eduardo Manet, com encenação de Costa Ferreira (Tivoli — 1971); «No Alto Mar», de Mrozek, e «A Curva», de Tankred Dorst, com encenações de Fernando Gusmão (Tivoli — 1972); «Insulto ao Público», de Peter Handke, com encenação de Gusmão (Monumental — 1972). Depois deste último, dá-se um grande hiato: o grupo resolve meter ombros à construção de uma sala de espectáculos, para o que consegue a cedência por parte da CML, a título de empréstimo, de um terreno na Praça de Espanha.

Os espectáculos referidos mantinham a linha iniciada com «Knack». Um teatro actual, tanto quanto possível contestatário, procurando interessar um público jovem, principalmente universitário. Tanto as freiras em travesti da peça de Manet como as provocações de «insulto ao Público» foram na altura bastante operacionais por representarem o tratamento de choque de um público em grande parte amorfo, e dinamizarem num novo público o interesse pelo teatro. Talvez a esta distância esses espectáculos nos pareçam menos importantes, sobretudo se os compararmos com os dos Bonecreiros e da Comuna, por um lado, e da Cornucópia, pelo outro. No entanto, o exemplo do Grupo foi muito importante como forma de consciencialização do

teatro independente tanto por parte do público como dos actores mais jovens. E as polémicas levantadas por «Insulto ao Público», texto que na leitura de Gusmão levou uma volta que o tornou mais adequado à nossa situação, essas polémicas não deixaram de ser salutares. Basta lembrar, por exemplo, o que se passou em Coimbra em que o espectáculo esteve interrompido mais de meia hora, com os espectadores a discutir, o que no nosso teatro em que o debate estava proibido, não deixava de ser uma novidade. Um aspecto houve na prática do Grupo 4 que, analisado agora, parece nela ter influido negativamente. Refiro-me ao facto de os seus responsáveis, em vez de procurarem uma linha estética própria, se apoiarem em linhas estéticas de encenadores de gerações anteriores. Ora, independentemente dos vínculos que ideologicamente ligavam o grupo a esses encenadores (e refiro-me especialmente a Costa Ferreira e Fernando Gusmão, já que o caso de Maria Helena Matos seria ainda mais discutível), o caso é que o grupo não assumiu plenamente um novo projecto. Creio que este facto veio a ser determinante no trajecto do grupo, o qual, a meu ver, nem sempre tem correspondido ao que poderíamos exigir-lhe.

TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA

Em 1969, o Teatro-Estúdio de Lisboa, que Luzia Maria Martins e Helena Félix (vindas também de Inglaterra) tinham fundado e dirigido, apresentavam dois espectáculos: a tentativa de uma leitura épica do «Romeu e Julieta», de Luzia Maria Martins, e uma peça de Luís Sítu Monteiro, até aí proibida, «As Mãos de Abraão Zacut», ambas encenadas pela directora do grupo. Ficavam para trás espectáculos como «O Pomar das Cerejeiras», de Tchekhov (1965) e, sobretudo, «Bocage, Alma Sem Mundo», de Luzia Maria Martins (1967), um dos grandes espectáculos do T. P. dos anos 60, que a censura não autorizara

que saísse em Entrecampos. Em 1970, o TEL apresentou outros dos seus grandes espectáculos: «Lar», de David Story, um outro espectáculo muito interessante, «Quem É Esta Mulher?», de Marguerite Duras, e ainda «Vitor ou As Crianças no Poder», de Roger Vitrac. Em 1971, «A Cozinha», de Arnold Wesker, um espectáculo de qualidade, e um outro falhado, «Um Sonho», de Strindberg. Em 1972, «Testemunho Inadmissível», de John Osborn, «A Outra Morte de Inês», de Fernando Luso Soares; e a reposição de «Lar». Em 1973, «A Fábula do Amor e das Velhas», estreia em Portugal de Rafael Alberti, com encenação de Norberto Barroca; «Cândido», de Voltaire, adaptação de Luzia Maria Martins; «Os Amigos», de Arnold Wesker. Em 1974, pouco antes do 25 de Abril, o TEL estreava «O Mar», de Edward Bond, outro dramaturgo britânico. Nestes anos, o TEL começa a sentir grandes dificuldades em realizar um programa coerente, actualizado, vivo. Dificuldades económicas, os habituais problemas com a censura, a insistência num só tipo de leitura (Luzia Maria Martins encenou todas as peças, excepto a de Alberti); erros de reportório, pela inadequação dos textos ao grupo ou/e ao público; diminuição do nível do elenco; incapacidade de chegar ao público, de dinamizar outro público, como aquele que frequentava a Feira Popular. Por isso, os seus espectáculos balançavam entre o muito bom («Lar») e o péssimo («A Outra Morte de Inês», como exemplo). Outros espectáculos eram marcados por um equilíbrio razoável, alguns mesmo bastante aceitáveis: «Quem É Esta Mulher?», «Cândido», «A Cozinha», e, até, «Vitor ou As Crianças no Poder». Foi talvez pouco mas o suficiente para garantir ao TEL um lugar na história do t.p. dos anos 70. Se o seu público fiel foi rareando, acabando por ficar apenas os mais fanáticos, não se pode recusar que o grupo contribuiu também para formar um novo público e, em especial, para dar ao t.p. uma seriedade de processos, uma dignidade

(palavra ambígua com que normalmente se classificava o seu trabalho) que podiam servir de modelo a outras companhias (não me refiro aos teatros independentes mas muito especialmente à companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro que ocupava o Teatro Nacional D. Maria II). Dos espectáculos citados, lembrarei especialmente um por me parecer aquele em que o grupo atingiu o seu momento mais perfeito. Trata-se evidentemente de «Lar», que então comentei em termos que vou transcrever em parte, como forma de homenagem ao TEL: «Estas personagens são vistas com uma piedade enorme (comovedora, no melhor sentido) que as aproxima dos grandes russos do século XIX (a lição de Tchekhov não se perdeu). Ora, essa piedade dá à peça um tom discretamente contestatário porque se sente perante as personagens de «Lar» e perante as personagens que se adivinham à sua sombra, toda uma problemática de reivindicação não apenas política e social, mas, mais fundamentalmente, de vivências humanas a transformar.

O trabalho de Luzia Maria Martins consistiu especialmente na modulação dessa linguagem e na sua conjugação com a linguagem gestual, aqui muito importante, como conjunto de sinais em que se estrutura o desequilibrado mundo mental das personagens. Considero este espectáculo como umas das melhores encenações de Luzia porque ela soube, ao mesmo tempo, ler o tempo interior e o tempo exterior das personagens e das situações, e conter os sinais dessa leitura naqueles limites que melhor poderiam expressar essa leitura. Quer dizer: o espectáculo é tanto mais impressionante quanto o que se lê no palco, sendo embora teatro — do ponto de vista de linguagem —, é contido numa secção que não nega o patético referido. A participação do espectador faz-se através desse jogo de palavras banais, de silêncios insuportáveis, de gestos vulgares — um jogo de cinzentos, uma música de câmara que repete, com infimas, quase imperceptíveis variações, as mesmas notas. A encenação inscreve-se, pois, nos sinais mínimos marcados no corpo de cada uma das figuras: a posição peculiar de um pé; a maneira de cruzar as pernas; o andar; o gesto de puxar as saias; os olhos que se retraem; um esgar que se repete. Sinais marcados também na gesticulação e na voz: um riso exagerado, uma lágrima repentina. A peça e o espectáculo formam uma só realidade circular em que nada se passa e tudo acontece porque é a vida (ou a morte) que explode, silenciosamente, naqueles seres destruídos». Este espectáculo exprime um registo diferente do teatro independente dos anos 70. A análise do t.p. da década não pode deixar de passar por ele.

MAIS BELO QUE UM GOLO DE EUSÉBIO

E, entretanto, que se passava por Cascais? Fundado em 1965 por Carlos Avilez, o Teatro Experimental de Cascais (a trabalhar no Gil Vicente) continuava a medir forças com textos que ultrapassavam as suas capacidades e com um público (o local) que teimava em ignorá-lo.

Dez anos de Teatro

O trabalho dos grupos independentes

Continuação da pág. 7

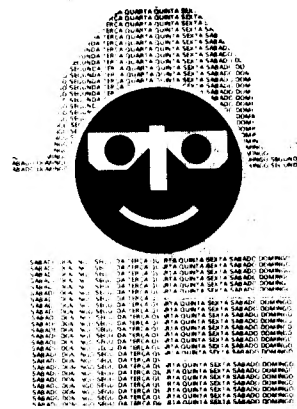
Fui normalmente tão severo nas críticas que fiz aos trabalhos de Avilez que me sinto à vontade para reconhecer que ele criou alguns dos espectáculos mais estimulantes do t. p. dos anos 60/70, mesmo tratando-se, como foi o caso, de espectáculos na sua maioria falhados, tanto sob o ponto de vista de interpretação ideológica como de coerência global. Se o êxito comovedor do «D. Quixote», de Yves Jamiaque (1966), não pode servir de modelo do grupo, se Eunice pôde descer aos mais fundos abismos do trabalho do actor, em «Fedra», de Racine (1967); se «Maria Stuart», de Schiller (1969) foi um desastre; se o «Mar», de Torga (1967) foi um naufrágio; se «Sotoba Komachi», Mishima (1970) foi mera imitação do japonês; se «A Maça», de Gelber (1969), foi uma imitação da vanguarda norte-americana; se «A Noite dos Assassinos», de José Triana (1970), com encenação de Listopad, não chegou a estreiar por causa das moscas; se «As Criadas», de Genet (1972) era genial mas de Vítor Garcia — outras coisas podem ser lembradas: «Breve Sumário da História de Deus», de Gil Vicente (1970), tentativa de adaptação musical bastante agradável, com cenário de José Rodrigues; «A Oração», de Arrabal (1969), sobretudo pelo trabalho de Eunice e ainda de Santos Manuel, com o cenário de Noronha da Costa; «Ivone, Princesa de Borgonha», de Gombrowicz (1971), um dos bons trabalhos de Avilez, com Fernanda Alves, Zita Duarte, Cecília Guimarães, Santos Manuel, Mário Viegas; «Fuenteovejuna», de Lope de Vega (1973), pela tentativa de destruição formal de um clássico, respeitando os seus valores ideológicos; e, em

especial, os dois espectáculos musicais, com «O Comissário da Polícia», de Gervásio Lobato (1968), e «A Maluquinha de Arroios», de André Brun, espectáculos em que Avilez revelou possibilidades na construção de espectáculos do género que infelizmente não veio a explorar. Citei, ainda, «Sinfonia dos Salmos», sobre a obra de Stravinski, e «Acto sem Palavras», de Beckett, encenações de Águeda Sena, e «Sinfonietta», de Tardieu, encenação de António Vitorino d'Almeida (1971); «Camões 1972», com «El-Rei Seleuco» e «Anfitriões». No entanto, a década abriu com um dos escândalos do t. p. dos anos 70: a estreia da peça de Joaquim Paço d'Arcos, «Antepassados Vendem-se». Frete, é o termo, de Avilez e do grupo, o espectáculo foi pretexto para uma saudável paródia por parte dos espectadores que viam no texto uma das imagens (caricatas) da cultura e do regime. A noite da estreia foi, sem dúvida, um dos momentos mais divertidos do t. p. anterior ao 25 de Abril, permitindo ao público manifestar uma hostilidade bem humorada ao espectáculo, naturalmente extensiva aos bonzos presentes e ao regime. No entanto, foi com «As Criadas» que o TEC atingiu o seu momento mais alto. Visto em termos absolutos, isto é, não o relacionando com o contexto em que se inseria, «As Criadas» terá sido o mais belo, o mais perfeito espectáculo do t. p. dos anos 70 (embora não tivesse sido o mais importante). Foi essa uma das poucas (?) vezes em que o crítico perdeu a cabeça atrevendo-se a comparar esse trabalho com o mais belo golo de Eusébio, o que lançaria alguma confusão no meio. O então chefe da redacção do «DL», Armindo Blanco, puxou

o texto para a primeira página, sem qualquer responsabilidade do crítico, o que agravou as coisas. Hoje penso que foi bom que o teatro merecesse, ao menos uma vez, a honra da primeira página, sinal não só de que estava vivo como de que era importante. A censura fartou-se de riscar a longa crítica que então escrevi, e por isso o texto de dela vou transcrever é rigorosamente inédito: «Nos psicodramas em que Claire e Solange partilharam o ódio e a fascinação pela Senhora, não conseguem chegar nunca ao momento supremo: o da morte (José Triana em «A Noite dos Assassinos» propunha, na esteira de Genet, situação semelhante). Cansadas desse jogo, resolvem transferir para a realidade a situação que projectavam em teatro. Claire prepara a morte da Senhora. Mas o escravo pode, nestas condições, vencer? Não. O chá de tilia — tranquilizante que oculta o sono mortal que seria de facto provocado pela absorção exagerada de um medicamento que, nessas condições, actuaria como um veneno: eis um outros «jogo de espelhos» — será finalmente bebido por Claire que assumirá novamente o papel da Senhora, vestindo de branco, como uma noiva que vai casar, ou uma freira que vai tomar véu, e também este sinal é significativo da duplicidade que emana da obra de Genet. Agora o jogo é outro: Solange já não é Claire. É ela própria, Solange, acusando-se de um crime que não houve; Claire, sendo a Senhora, é ela própria, não sendo assassinada, como quer fazer crer aos outros com a cumplicidade da irmã, mas suicidando-se; bebe numa taça preciosa (ela, a criada) o líquido

envenenado que era destinado à Senhora mas que esta rejeitara porque o Senhor fora solto e a hora não era de chá (tranquilizante/sono) mas de champanhe (inebriante/festa). Claire tomba lentamente, muito lentamente, para trás, sendo amparada por Solange que a ajuda a cair, muito direita. Ouve-se Bach. Claire morta, é Claire; Solange viva, é Solange. Mas Claire suicidou-se como se tivesse sido assassinada na forma de outra. Solange, inocente, assumirá o papel de assassina. Antes de morrer, Claire diz-lhe: «Temos que ir até ao fim. Terás que viver, sozinha, as nossas duas vidas. Vais precisar de muita força. Ninguém saberá que eu, às escondidas, te acompanho no degredo. E quando formos condenadas, nunca te esqueças que me guardas dentro de ti. Como algo de precioso. Ambas significantes da mesma situação dramática, reflexo da mesma situação social. Vítimas ambas do estrangulamento a que os Outros as submetem; vítimas de uma forma social de estar no Mundo.» Espectáculo sem par, escrevi então. Pelo texto de Genet, pela leitura de Garcia, mas também pelo excepcional trabalho das três intérpretes: Eunice Muñoz, Gilcinia Quartín e Lourdes Norberto. Espectáculo admirável mas polémico. Por exemplo, Joaquim Beníte, no «Século Ilustrado» escreveu uma crítica muito mais distanciada, sublinhando, a meu ver sobrevalorizando, os aspectos idealistas do espectáculo. Pelo contrário, Jorge Silva Melo, na «Vida Mundial», escrevia: «Talvez vá ser, como já um dia foi para mim, como se o teatro começasse».

(1) Ver «7.7», de 5/1/1980; 12/1980, 25/1/1980.



caixa do PONTO

A ESTREIA DA SEMANA COMUNA

(Pr. de Espanha T. 762624)
O DRAGÃO
de Eugeni Schwartz
Encenação: João Mota
Interpretação: Carlos Paulo, Carmen Marques, Conceição Cabrita, Francisco Pestana, João Mota, Joel Constantino, Jorge Gonçalves, Lia Gama, Melim Teixeira, Pedro Wilson, Andrea Novikov.
Claro: quem vai faltar?

D. MARIA II

(Rossio T. 322210)
O TRAÍDO IMAGINÁRIO
de Molière
O Príncipe Disfarçado de Marivaux
Claro: quem vai lá?

LAURA ALVES

(R. da Palma T. 864756)
O GATO
de Henrique Santana
O segundo fôlego de um gato com pouco fôlego. Uma boa composição de Carlos Miguel.

TEATRO DA GRAÇA

(Trav.ª de S. Vicente, 11 T. 875626)
MISS JULIE
de Strindberg
Pelo menos um grande autor e uma grande peça.

TRINDADE

(R. Nova da Trindade T. 320000)
A INVASÃO
de José Galhardo, Vasco Santana e Carlos Lopes
Ainda não vimos.

ÁDOQUE

(Martim Moniz T. 874280)
QUERIAS MAS NÃO TE DOU
de Nicholson, Gonçalves Preto, M. Alberto e H. Viana
O último Ádoque.

ALMADA

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE
(R. Capitão Leitão, 64 T. 2752175)
A QUEDA DUM ANJO
de Camilo e Ildefonso Valério

A verve de Camilo e um grande trabalho de Assunção.

CASCAIS

TEATRO DO PICADEIRO DO ESTORIL
A SECRETA FAMÍLIA
pelo grupo Teatro do Mundo
Uma criação colectiva com encenação de Adolfo Gutkin, e a interpretação de Manuela de Freitas e José Mário Branco, entre outros. Falhado mas com interesse. (Dias 11, 12 e 13).

PORTO

SEIVA TRUPE

TÉTÉ — EU SOU ALEGRE GÁGÁ FAZ DE MIM SISUDA

O espectáculo da Tété está no Porto. Que os portugueses não o percam.
(Dias 12 e 13)

MODESTOS

(R. Gonçalo Cristóvão, 190 T. 20412)
HOJE COMEÇA O CIRCO!
pelo grupo Rodaviva
Um dos mais bonitos espectáculos de 79.

TEATRO ANTÓNIO PEDRO

(R. Ateneu Comercial do Porto, 9 T. 310730)
YERMA
de Lorca
pelo TEP
Um dos espectáculos de 1979. A ver e rever. Indispensável.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

(R. Tenente Raul Cascais T. 66 92 05)

PARAGENS MAIS REMOTAS QUE ESTAS TERRAS
de Plauto
pelo Teatro da Cornucópia

Se você gosta de bom teatro não se aborrece. Se você se aborrece não gosta de bom teatro. É uma charada. A solução está no novo espectáculo do Teatro da Cornucópia.

TEATRO DO NOSSO TEMPO
(Pr. José Fontana T. 57 40 37)

YUZURU — A GRUA DO ENTARDECER
versão de Norberto Ávila
Recomendado para crianças e seus acompanhantes.

CASA DA COMÉDIA
(R. S. Francisco Borja T. 60 72 99)

EU SOU A AVÓ DOS BEATLES
criação colectiva
Um espectáculo com este título e com Adelaide João — evidentemente é de não perder. Dia 1 de Dezembro.

VASCO SANTANA
(Entrecampos T. 76 86 09)

QUANDO A BANDA TOCAR
de Luzia Maria Martins
pelo Teatro-Estúdio de Lisboa
A banda ainda não toca. Pena.

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora Almada, Baixa da Banheira e ENTRONCAMENTO

PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno.....	18-000\$00	11 950\$00
Quarto casal moderno.....	21-000\$00	12 950\$00
Quarto criança moderno (desde).....	15-000\$00	9 500\$00
Jogos de mapas (desde).....	7-000\$00	6 500\$00
Quartos Século XVII — Mogno.....	33-000\$00	25 950\$00
Salas Século XVII — Mogno.....	38-000\$00	32 500\$00
Mesas de refeição tampo vidro.....	8-000\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas.....	2-200\$00	1 580\$00
Estante c/ cristaleira.....	18-500\$00	9 500\$00

MUITAS MAIS MOBILIÁRIAS E MAPLES

A.S.NUNES - FABRICANTES

R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Branco, 73 - Tel. 06322081 - V. FRANÇA DE XIRA
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS
R. N.º 23 (R. Ponte do Camião) - BAIXA DA BANHEIRA
R. 5 de Outubro, 63 - ENTRONCAMENTO

O direito de ser peão

tempo para circular segurança para viver

Os peões constituem o grupo de pessoas mais vulnerável, dos utentes de via pública. 34% das vítimas mortais em acidentes rodoviários, são peões.
Senhor Automobilista
Dê prioridade aos peões nas passadeiras
Ao mudar de direcção dê sempre prioridade ao peão.
Senhor Peão
Atravesse sempre nas passadeiras
Exerça o seu direito de prioridade com prudência.
Respeite sempre a sinalização luminosa.



nas passadeiras
prioridade aos peões

Você quer saber
quanto lhe custaria
este espaço
no «Diário de Lisboa»

Faça-nos a pergunta
pelo telefone n.º 36 87 40